

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

MARIANA PEREIRA PEDROSO

**ENTRE FRONTEIRAS E ENCRUZILHADAS: TRAJETÓRIAS E MOBILIDADES
DE SENEGALESES *MODOU MODOU***

PORTO ALEGRE

2021

MARIANA PEREIRA PEDROSO

**ENTRE FRONTEIRAS E ENCRUZILHADAS: TRAJETÓRIAS E MOBILIDADES
DE SENEGALESES *MODOU MODOU***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Administração da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharela em Administração.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Tarabal Lopes

PORTO ALEGRE

2021

MARIANA PEREIRA PEDROSO

**ENTRE FRONTEIRAS E ENCRUZILHADAS: TRAJETÓRIAS E MOBILIDADES
DE SENEGALESES *MODOU MODOU***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Administração da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharela em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Tarabal Lopes

Porto Alegre, 20 de Novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora – Prof^a. Dra. Fernanda Tarabal Lopes – EA/UFRGS

Examinador – Prof. Dr. Handerson Joseph – Antropologia/UFRGS

Examinador – Prof. Me. Gana Ndiaye – Doutorando em Antropologia/ Boston University

Dedico este trabalho a Sokhna Khady Thiam († 2021), Elhadji Amadou († 2019), Babacar Niang († 2019), Fallou Ndack († 2018), Amedeme Diop († 2018), Cheikh Cisse († 2018), Bassirou Diop († 2017), Fallou Niass († 2017), Cheikh Tidiane († 2016), Moussa Diop († 2015) e demais migrantes que não puderam regressar para os braços de suas famílias com vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Elaine, Gilberto e Eloí, minha mãe, meu pai e minha avó, responsáveis pela minha criação, apoio e cuidados. Sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço à Aline, ao Marcello e ao Guilherme, meus irmãos com quem cresci e compartilhei a vida.

Agradeço ao Martin, à Maria Flor e à Sarah, as crianças que chegaram nesta família para nos unir, fortalecer e nos lembrar de motivos para sorrir todos os dias.

Agradeço ao Igor e à Jéssica por somarem nesta família.

Agradeço ao Coletivo Negração, ao Movimento Balanta, à Organização Akoma Ntoso e ao Coletivo Flores de Jamaica, espaços que fiz parte, onde descobri minha potência e pude ser “mais Mariana” por estar em comunidade.

Agradeço a todas pretas brasileiras que estiveram em intercâmbio comigo no México e que compartilharam a alegria e a ansiedade de gestar um projeto de pesquisa no exterior.

Sou grata à CAPES por financiar o Programa de Intercâmbio Acadêmico Abdias Nascimento, que fiz parte e por acreditar no potencial da pesquisa, sobretudo de estudantes negros, ainda na graduação.

Sou grata ao CIESAS por me acolher como estudante hóspede, e por me abrir suas portas e bibliotecas.

Agradeço à minha orientadora no CIESAS, Dr. Patricia Zamudio, que me guiou nos nove meses de intercâmbio no México. Igualmente agradeço aos coordenadores do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, Dr. Sérgio Batista e Dr. Mariano Baez Landa pelo apoio e dedicação neste programa.

Agradeço a Abdias Nascimento, ancestral que em sua passagem na terra foi incansável na luta pela implementação de políticas afirmativas.

Agradeço ao professor Guilherme Dornellas Camara que me acompanha desde o início da graduação e que me orientou no percurso de desabrochar na pesquisa com muita paciência e respeito.

Agradeço à minha orientadora Fernanda Tarabal Lopes por sua humanidade excepcional e por me permitir e incentivar desenvolver minha escrita de forma livre.

Aos professores Pedro Almeida Costa, Ana Mercedes Sarria Icaza e ao NEGA que lutam por outras formas de produzir e reproduzir vida e trabalho em comunidade através da Extensão.

Agradeço ao professor José Rivair Macedo pela orientação através do NEAB. Igualmente agradeço a toda equipe do NEAB/DEDS por seu trabalho incrível.

Agradeço aos pretos da Escola de Administração com quem dividi inúmeras angústias existenciais.

Agradeço ao Alioune por ter tirado a venda de meus olhos e me permitir conhecer outras ontologias.

Agradeço ao Omar Mouride, ao Omar, à Diana, à Hadija, ao Mor, ao Elimane e ao Mactar pela amizade nestes anos.

Agradeço ao Arona por sua amizade e por abrir sua vida para que este trabalho pudesse ser escrito.

Agradeço ao Serigne Bamba Touré e à Associação dos Senegaleses de Porto Alegre pelo apoio nesta pesquisa.

Agradeço ao Mamour pela amizade e empenho em me ajudar nesta jornada.

Agradeço ao Kakozi por sua amizade e companhia durante a experiência do intercâmbio.

Agradeço ao Prof. Handerson Joseph pela leitura atenta, pelas contribuições e por aceitar participar de minha banca mesmo durante suas férias.

Agradeço ao Prof. Gana Ndiaye pela leitura atenta, pelas contribuições e pelo incentivo durante esta trajetória.

Agradeço à UFRGS e à UNIPAMPA, instituições públicas que tive a oportunidade de estudar. Viva a política de cotas!

Agradeço ao GAIRE, espaço que fiz parte e que mesmo durante a pandemia tem realizado um trabalho muito importante para a população migrante.

Agradeço à Reginete Bispo que me abriu as portas do Consulado Honorário do Senegal em Porto Alegre e por sua amizade nestes anos.

Agradeço imensamente a minha amiga Kellen Silva por existir em minha vida.

Aos demais amigos, familiares e professores não citados nominalmente, meu muito obrigada, vocês foram essenciais nesta jornada.

Agradeço aos meus antepassados, aos meus ancestrais e aos orixás que me abençoam, me guiam e me cuidam. Obrigada por me permitirem estar viva.

RESUMO

Os senegaleses *Modou Modou* chegaram no Brasil a partir de 2008. Para entrar no Brasil sem visto, os senegaleses vieram parcialmente por ar e posteriormente por terra. Para permanecer, solicitaram refúgio. No entanto, não demorou para o governo brasileiro perceber que a maioria destes migrantes não se enquadram na condição de refugiado definida pela Organização das Nações Unidas, da qual o Brasil é signatário. Como resposta, o CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) deixou as solicitações da maior parte destes senegaleses pendentes. A maioria dos senegaleses passaram anos apenas com o protocolo de refúgio em mãos, aceito pelas instituições no Brasil como se documento fosse, mas que impedia os portadores de regressarem ao Brasil, caso saíssem. Foi somente em 2019 que esta situação mudou, quando o governo criou uma portaria autorizando residência por trabalho para os senegaleses que seguiam indocumentados. A partir desse momento, os senegaleses puderam ir ao Senegal visitar a família e regressar. No entanto, pelo alto custo das passagens, muitos ainda não conseguem juntar dinheiro suficiente para realizar essa viagem. Foi buscando oportunidades de trabalho que os senegaleses vieram para a região sul do Brasil, atraídos principalmente pela alta concentração de indústrias e frigoríficos. Frente ao desemprego, muitos deles são vistos trabalhando vendendo produtos nas ruas. Através da metodologia de história de vida e de registros etnográficos, reflito sobre a trajetória de vida de Arona e sobre minhas escrituras junto aos migrantes senegaleses. “Entre fronteiras e encruzilhadas” tem por objetivo refletir sobre fatores que impossibilitam e fatores que possibilitam a produção e reprodução do trabalho e da vida dos senegaleses na diáspora. Inicialmente este trabalho busca analisar a diáspora senegalesa em Porto Alegre, mas transborda essa fronteira territorial de análise tanto pela minha trajetória quanto pela contínua mobilidade dos senegaleses *Modou Modou*.

Palavras-chave: Migração senegalesa. Senegaleses *Modou Modou*. Diáspora senegalesa. História de vida. Escrituras.

BETWEEN BORDERS AND CROSSROADS: TRAJECTORIES AND MOBILITIES OF SENEGALESE MODOU-MODOUS

ABSTRACT

The Senegalese *Modou Modou* arrived in Brazil starting in 2008. To enter Brazil without a visa, the Senegalese came partly by air and later by land. To stay, they requested refuge. However, it did not take long for the Brazilian government to realize that most of these migrants do not fit the refugee status defined by the United Nations, of which Brazil is a signatory. In response, the CONARE (National Committee for Refugees) left the applications of most of these Senegalese pending. Most Senegalese spent years with only the refugee protocol in hand, accepted by institutions in Brazil as if it were a document, but which prevented holders from returning to Brazil if they left. It was only in 2019 that this situation changed, when the government created an ordinance authorizing residence by work for the Senegalese who were still undocumented. From that moment on, Senegalese were able to go to Senegal to visit family and return. However, due to the high cost of the flight tickets, many are still unable to save enough money to make this trip. It was in search of job opportunities that the Senegalese came to the southern region of Brazil, attracted mainly by the high concentration of cold stores and other industries. Facing unemployment, many of them are seen working selling products on the streets. Through life history methodology and ethnographic records, I reflect on Arona's life trajectory and my *escrevivências* with Senegalese migrants. "Between Borders and Crossroads" aims to reflect on factors that make it impossible and factors that enable the production and reproduction of work and life of Senegalese in the diaspora. Initially this work seeks to analyze the Senegalese diaspora in Porto Alegre, but it overflows this territorial boundary of analysis both because of my trajectory and the continuous mobility of Senegalese *Modou Modou*.

Keywords: Senegalese migration. Senegalese *Modou Modou*. Senegalese diaspora. Life history. *Escrevivências*.

ENTRE FRONTIÈRES ET CARREFOURS: TRAJECTOIRES ET MOBILITÉS DE MODOU-MODOU SÉNÉGALAIS

RÉSUMÉ

Le Sénégalais *Modou Modou* est arrivé au Brésil en 2008. Pour entrer au Brésil sans visa, les Sénégalais sont venus en partie par voie aérienne puis par voie terrestre. Pour rester, ils ont demandé refuge. Cependant, le gouvernement brésilien n'a pas tardé à se rendre compte que la plupart de ces migrants ne correspondaient pas au statut de réfugié défini par les Nations Unies, dont le Brésil est signataire. En réponse, le CONARE (Comité National pour les Réfugiés) a laissé en suspens les demandes de la plupart de ces sénégalais. La majorité des sénégalais ont passé des années avec seulement le protocole relatif aux réfugiés en main, accepté par les institutions au Brésil comme s'il s'agissait d'un document, mais qui empêchait les transporteurs de rentrer au Brésil s'ils portaient. Ce n'est qu'en 2019 que cette situation a changé, lorsque le gouvernement a créé une ordonnance autorisant le séjour de travail pour les sénégalais restés sans papiers. A partir de ce moment, les Sénégalais ont pu se rendre au Sénégal pour rendre visite à leur famille et revenir. Cependant, en raison du coût élevé des billets, beaucoup ne peuvent toujours pas économiser suffisamment d'argent pour faire ce voyage. C'est à la recherche d'opportunités d'emploi que les Sénégalais sont venus dans la région sud du Brésil, attirés principalement par la forte concentration d'industries et d'abattoirs. Face au chômage, beaucoup d'entre eux travaillent à vendre des produits dans la rue. A travers la méthodologie de l'histoire de vie et des enregistrements ethnographiques, je réfléchis sur la trajectoire de vie d'Arona et sur mes *escrevivências* (« écrit-vies ») avec les migrants sénégalais. Ainsi, « Entre frontières et carrefours » vise à réfléchir sur les facteurs qui rendent cela impossible et les facteurs qui permettent la production et la reproduction du travail et de la vie des sénégalais de la diaspora. Dans un premier temps, ce travail cherche à analyser la diaspora sénégalaise à Porto Alegre, mais il dépasse cette frontière territoriale d'analyse à la fois par ma trajectoire et par la mobilité continue des sénégalais *Modou Modou*.

Mots-clés : Migration sénégalaise. Sénégalais *Modou Modou*. Diaspora sénégalaise. L'histoire de la vie. *Escrevivências* (« écrit-vies »).

ENTRE FRONTERAS Y ENCRUCIJADAS: TRAYECTORIAS Y MOVILIDADES DE SENEGALESES *MODOU MODOU*

RESUMEN

Los senegaleses *Modou Modou* llegarán a Brasil en el año de 2008. Para entrar en Brasil sin visa, los senegaleses vinieron en parte por cielo y después por tierra. Para seguir en tierras brasileñas, hicieron la solicitud de refugio. Sin embargo, no ha tardado hasta que el Gobierno Brasileño tuvo conocimiento de que gran parte de estos migrantes no está en acuerdo con la condición de refugiado como presentado en la definición de la Organización de las Naciones Unidas, que está firmada por Brasil. En respuesta, el CONARE (Comité Nacional para los Refugiados) ha dejado las solicitudes de la mayor parte de estos senegaleses, pendientes de resolución. Muchos de los senegaleses pasaron años solamente con el protocolo de refugio en sus manos, aceptado por las instituciones como si fuera documento, aunque no les permitiera regresar a Brasil, si acaso salieran del país. Es en 2019 que cambia esta situación, con la creación de una Portería del Gobierno aceptando su estancia como residente por cuestiones de trabajo, para los senegaleses que siguen sin documentación. Desde entonces, los senegaleses pudieron regresar a Senegal para ver a sus familias y regresar después. Sin embargo, por lo costoso de los billetes de vuelo, hay muchos que no logran ahorrar el dinero necesario para viajar. Fue en búsqueda de oportunidades de trabajo que los senegaleses vinieron hasta el Sur de Brasil, llamados por el gran número de industrias y frigoríficos. Con el desempleo, se puede ver a muchos de ellos trabajando en el comercio de productos en las calles. Desde la metodología de las historias de vida y de registros etnográficos es que acá se hace una reflexión acerca de la trayectoria de vida de Arona, así mismo desde mis *escrevivências* junto a los migrantes senegaleses. “Entre fronteras y encrucijadas” tiene como objetivo reflexionar acerca de los factores de imposibilidad y los de posibilidad para la producción y reproducción del trabajo y de la vida de los senegaleses en la diáspora. Por empezar, este trabajo intenta analizar la diáspora senegalesa en Porto Alegre, aunque va más allá de esta limitación territorial, sea por mi trayectoria, sea por la continua movilidad de los senegaleses *Modou Modou*.

Palabras-clave: Migración senegalesa. Senegaleses *Modou Modou*. Diáspora senegalesa. Historia de vida. *Escrevivências*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Senegal no continente africano	13
Figura 02 – Omar Mouride e Mor enquanto esperavam palestra da Bienal do Mercosul	30
Figura 03 - Sentada no banquinho conversando com Omar Mouride no centro de Porto Alegre	31
Figura 04 - Omar Mouride no Salão de Extensão da UFRGS	31
Figura 05 - Eu, Lamp, Elimane, Arona e Mactar no centro de Porto Alegre	33
Figura 06 - Eu, Elimane e Arona no centro de Porto Alegre.....	33
Figura 07 - Eu e Hadija assistindo treino de futebol dos rapazes senegaleses.....	36
Figura 08 - Alioune, Omar Lambaye, Moustapha e amigos no Magal Touba	36
Figura 09 - Mamour conversando com os moradores e apoiadores do Quilombo Lemos em 2018	39
Figura 10 - Mamour caminhando pela rua dos Andradas no centro de Porto Alegre junto a outros companheiros do partido PASTEF em 2019	39
Figura 11 - Foto quando fomos ao Departamento de Antropologia. À frente o Professor José Carlos dos Anjos, no centro Gana, e atrás Omar.....	41
Figura 12 - Foto do dia da apresentação dos projetos construídos no NEAB. Alioune, eu e Omar Mouride	43
Figura 13 - Foto do estande do Senegal na área de alimentação da feira FICA	45
Figura 14 - Foto do estande do Senegal na área de artesanatos na feira FICA	46
Figura 15 - Foto de Bamba no Thianguí.....	46
Figura 16 - Foto com Omar trabalhando no Thianguí.....	47
Figura 17 - Foto da janta na casa do Omar	47
Figura 18 - Foto do Magal Touba na Cidade do México – Outubro/2019.....	48
Figura 19 - Foto do almoço no Magal Touba na Cidade do México – Outubro/2019.....	49
Figura 20 - A fronteira.	54
Figura 21 - A estação migratória (a fronteira)	54
Figura 22 - O muro	54
Figura 23 - A pedra. A encruzilhada	55
Figura 24 - O “cartão de visitas” do Franky	55
Figura 25 - Rapazes haitianos e camaroneses brincando com um patinete. Eu estava sentada	

no bar conversando com eles.....	56
Figura 26 - Diana e Mamado na feira na Universidade.....	60
Figura 27 - Bamba, Arona, Mor, Reginete, Macodou e demais responsáveis da comissão eleitoral junto à urna	62
Figura 28 - Reginete e eu em dia de atendimento no Consulado Honorário do Senegal em Porto Alegre.....	62
Figura 29 - Eu, Reginete Bispo e Mor Ndiaye no Magal Touba.....	63
Figura 30 - Arona no centro da mesa fazendo a contagem de votos das eleições presidenciais	68
Figura 31 - Arona no Magal Touba.....	69
Figura 32 - Arona no Magal Touba	69
Figura 33 - Foto do contrato que recebi pelo WhatsApp.....	77
Figura 34 - Time dos Senegaleses de Porto Alegre na Copa dos Refugiados.....	83
Figura 35 - Senegaleses em Porto Alegre comemorando a vitória do Senegal no segundo jogo da Copa do Mundo	83
Figura 36 - Senegaleses fazendo uma demonstração da Luta Lamb no “Festival de Cultura Senegalesa”	84
Figura 37 - Ritual para dar sorte aos lutadores da Luta Lamb no Festival de Arte e Cultura Senegalesa de Porto Alegre	84
Figura 38 - Senegaleses em caminhada no centro de Porto Alegre no Magal Touba.....	85
Figura 39 - Senegaleses no Magal Touba	85
Figura 40 – Senegaleses no Magal Touba	85
Figura 41 - Senegaleses no Magal Touba	86

SUMÁRIO

1 – PRÓLOGO	7
2 –DIÁSPORA <i>MODOU MODOU</i> - INTRODUÇÃO	12
3 – MOBILIDADE E MIGRAÇÃO SENEGALESA	19
4 – IMERSÃO METODOLÓGICA	23
4.1 Caminhos metodológicos	23
4.1.1 Escuta de história de vida	23
4.1.2 Escrivivências - método etnográfico.....	24
4.2 Organização e análise dos dados	25
5 – EU, MARIAMA: ESCRIVIVÊNCIAS	27
5.1 Mariama	27
5.2 Omar Mouride e Mor	29
5.3 Arona, Elimane e Mactar	32
5.4 Omar, Moustapha, Bassirou, Fallou e Hadija	34
5.5 Alioune	36
5.6 Mamour	37
5.7 Gana	39
5.8 O Programa de Iniciação Científica do NEAB	41
5.9 O Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento	43
5.9.1 Senegaleses Modou Modou no México	43
5.9.2 Omar	46
5.9.3 A fronteira	49
5.9.4 Um relato da rota mais perigosa das Américas.....	56
5.9.5 Diana e Mamadou	58
5.10 O Consulado Honorário do Senegal em Porto Alegre	61
6 – A HISTÓRIA DE VIDA DE ARONA	64
7 – ENTRE FRONTEIRAS E ENCRUZILHADAS	70
7.1 Fronteiras	70
7.1.1 Fronteiras Jurídicas	70
7.1.1.1 As fronteiras jurídicas para entrar no Brasil.....	71
7.1.1.2 As fronteiras jurídicas para permanecer (ir e vir) no Brasil.....	73
7.1.2 Migração e a pandemia do Covid-19	75

7.1.3 Racismo e xenofobia	75
7.1.4 A educação colonial	78
7.1.5 Migração e solidão	79
7.2 Encruzilhadas - Caminhos Possíveis	80
7.2.1 Trabalho (in)formal - Os vendedores das ruas	80
7.2.2 Vivências na cidade	81
7.2.3 Relações à distância	86
7.2.4 As novas pequenas caravanas de senegaleses	87
8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92

1 - PRÓLOGO

Já se foram cinco anos desde que eu me aproximei do povo senegalês e são cinco anos em que venho diariamente tentando romper a lógica do pensamento ocidental que tinha antes de conhecê-los. É evidente que há coisas enraizadas que muitas vezes não percebo, por isso, o exercício de refletir sobre as minhas próprias ações, atitudes e pensamentos é diário.

No início dessa aproximação, quando eu caminhava pela Rua dos Andradas, alguns senegaleses ao me ver puxavam um banquinho pra eu sentar e conversávamos bastante. Nessas conversas me perguntavam uma série de coisas sobre relacionamentos, sobre a cultura brasileira, músicas, costumes e eu respondia. Eu também os enchia de perguntas, sobre casamentos polígamos, sobre a religião muçulmana, sobre trabalho, racismo, cultura, política, etc. Nessa época eu era cheia de certezas sobre muitas coisas. Com o tempo, fui aprendendo a reduzir as afirmações, falar menos e ouvir mais. Passei a me sentir uma neta que senta do lado da avó que conta empolgada as suas histórias de adolescente. Não há o que intervir, senão poucas vezes, apenas para instigar mais e mais aquela história.

Algumas vezes as conversas eram tão interessantes que eu passava quatro, cinco horas sentada no banquinho escutando. Lembro de algumas vezes estar “correndo” pelo centro – essa forma ocidental que a gente tem de querer andar mais rápido que o relógio – quando o Eli me viu de longe e disse “Calma, calma, calma, senta. Por que tem que correr tanto?” Eu estava atrasada mas sentei. Tomei a água que ele me ofereceu. Conversei um pouco e segui. Alguns dias depois, a mesma coisa: “Calma, calma...” Eu passei a me observar e questionar por que eu corria tanto. No fundo eu entendia o que Eli queria dizer: não dá para viver sempre correndo. Eu precisava parar e tomar água, fazer as coisas mais devagar.

Eu sempre soube que corria contra o tempo, mas caminhar no centro e cumprimentar os senegaleses passou a me lembrar isso todos dias. Eu raramente tinha tempo de parar e conversar com alguém. Quando estava atrasada ia por ruas que eu sabia que não tinham senegaleses para me pedir para parar e tomar água. Um dia, caminhando com Omar no centro, descobri que ele fazia o mesmo quando precisava. Se estava atrasado ele ia por uma rua sem senegaleses vendedores, ou com a menor quantidade possível. Ele dizia que não podia ir por aquela rua porque se o vissem ele teria que parar, cumprimentar e conversar com as pessoas.

Refletir sobre o tempo no ocidente foi uma das coisas mais interessantes que aprendi com os senegaleses. Não a única. Meu primeiro aprendizado foi quando eu estava gripada conversando com o Alioune. Eu estava bem, apenas minha voz demonstrava que meu nariz estava congestionado, mas eu estava relativamente bem. Então no terceiro ou quarto dia de conversa e voz anasalada, ele disse que estava doente. Me assustei. Ao mesmo tempo em que

pensava preocupada o que seria, já perguntava a ele o que ele tinha. Ele disse que estava gripado. Disse que estava gripado porque eu estava gripada. Estava doente porque eu estava doente. Senti que aquilo era mais que uma metáfora, ele estava diferente e desanimado, estava de fato doente. Na época eu vinha ouvindo a palavra Ubuntu, filosofia africana que surgiu na região da África do Sul e que na língua bantu, significa, em uma tradução mais literal, “sou porque nós somos”. Pensei que era isso. Até hoje não tenho certeza o que foi. Mas foi a primeira vez que senti que alguém sentia algo junto comigo.

Os aprendizados recém estavam começando. Eu morava no centro da cidade e muitos senegaleses foram conhecendo minha família. Cumprimentavam meus pais, brincavam com meus sobrinhos na rua e perguntavam sobre como estavam todos sempre que possível. Toda vez o mesmo ritual “Como está seu pai, sua mãe, sua avó, sua irmã, seu irmão, sua amiga, as crianças...”, e perguntavam um por um. Era importante saber como estava cada um.

A forma como eles se preocupavam com a minha família, sobretudo com as pessoas mais velhas me encantava. Eu entendia que aquilo não era sobre a minha família. Era a forma como, na cultura deles, eles viam os mais velhos. Lembro de ver o Eli varrendo a rua algumas vezes para que outra pessoa mais velha não o fizesse, carregando compras ou até mercadorias de lojas. Ele não ganhava dinheiro com isso. Fazia porque sua cultura o ensinou a tratar as pessoas assim.

Escrevendo e refletindo, me pego tentando entender meu papel com este trabalho. Ora, não iniciei a relação com os senegaleses em 2016 pensando em escrever sobre eles. Tampouco pensando em levar algo interessante e novo para a universidade. Eu só vivi. Vivi nas ruas. Agora, compartilho minhas escrevivências. Na universidade vivi o caos existencial sobre por que eu ainda queria fazer esse curso. Por que afinal eu insistia nesse curso? Iniciei o curso de Administração na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) em 2010 com o objetivo de ter mais oportunidade no mercado de trabalho. Fui pra UFRGS anos depois, com o curso na UNIPAMPA trancado, para dar continuidade àquele propósito de “mudança de vida”. E mudou mesmo. Se por um lado eu buscava trabalho, por outro passei a me perguntar: por que tenho que trabalhar? Por que passar nove horas do meu dia em uma empresa? Por que trabalhar em uma empresa que muitas vezes é responsável por aumentar a desigualdade social e racial no mundo? E eu tentei.

Participei de processos seletivos nas grandes empresas. Fui aprovada em muitas entrevistas coletivas, mas fui barrada muitas vezes em entrevistas com gestores. Eles não me queriam. Em cada entrevista eu passei a imaginar um discurso diferente onde pensava: ser mais ou ser menos eu? Falar que gosto de vôlei ou falar que gosto de escrever? Falar que

estudo Administração ou falar que estudo Administração na UFRGS? Falar que mudei para Santana do Livramento, interior do estado, para estudar em uma Universidade Federal ou falar apenas da UFRGS? Todas essas informações são verdadeiras, mas a forma como eu estava falando deveria estar me afastando da vaga, pensava eu. Fui para a pesquisa, para a extensão, fui instrutora de cursos e tudo isso me construiu para que eu apenas agradecesse hoje por essas empresas não terem me selecionado. A melhor coisa que elas fizeram por mim foi me mostrar que eu não me adaptaria à “cultura da empresa” ou que eu “não fazia o perfil da vaga”. Meu mundo é outro.

Situações que vivi dentro da universidade me fizeram mudar totalmente a perspectiva de vida. Mas não foi necessariamente algo do tripé acadêmico de ensino, pesquisa e extensão. Foram os coletivos, as conversas no RU (restaurante universitário), as ocupações da reitoria, as inúmeras assembleias, foi ser representante discente do conselho consultivo da CAF (Coordenadoria de Ações Afirmativas), foi ser representante do movimento negro da UFRGS na Comissão de Aferição Étnico Racial das cotas na UFRGS, também foi receber um processo da Administração Central por lutar pela manutenção das cotas, foi ir em viagens, congressos, coisas que não dialogavam muito com o ensino na Escola de Administração. Nada disso está no meu Currículo Lattes, nada disso é possível de explicar em um TCC.

Tenho a sensação de que nós, estudantes negros militantes, ao fazer uma graduação nos formamos em duas. Uma que é o curso que escolhemos e outra é se especializar em questões raciais na universidade. Entrar e transitar na UFRGS foi a melhor forma de ver o racismo sendo desmascarado. A cada passo pela Escola de Administração, onde inclusive fui barrada pelos seguranças em 2014, a cada degrau da reitoria sendo observada pelos seguranças, até mesmo aquele momento que era para ser tranquilo, de estar sentada no sol em frente a FAGED e ouvir o chefe da segurança me cumprimentando pelo nome. A tensão não é só institucional, em épocas de defesa das cotas os estudantes reacionários não têm nenhum receio em exhibir armas de fogo pelos corredores. A UFRGS é uma escola muito além do que se propõe a ser. A UFRGS é também responsável pela formação de militantes negros.

Escrever esse trabalho é pra mim um compromisso. Ser estudante cotista negra é um compromisso. Poucos de nós temos tido a oportunidade de acessar o ensino superior. Quando entrei, tinha vergonha de me assumir enquanto cotista e queria esconder ao máximo essa informação. Mas foi mesmo antes de entrar, no dia da matrícula, que a Escola de Administração escancarou esse fato para todos que passaram pelo saguão da Escola naquela manhã. A matrícula separava os alunos por notas no vestibular, por condição de acesso, por ordenamento. Quando entrei, todos os últimos estudantes chamados para realizar a matrícula

eram negros. Aquilo me fazia ficar com a cabeça baixa durante o chamamento. A cada nome que chamavam eu via que estava ficando pra trás. Eu ia vendo quem tinha ficado pra trás. Infelizmente não parou aí. Por consequência desse chamamento absurdo, tivemos uma turma quase exclusivamente negra, uma turma de cotistas. A turma que os professores não queriam dar aula – e isso nunca foi um tipo de racismo velado, como costumamos ouvir que é o racismo no Brasil.

Quando acessamos a universidade pública é como se houvesse uma necessidade de fazer a diferença, necessidade de se impor. “Eu estudo isso, e isso pode ajudar de tal forma as pessoas negras”. Com nosso corpo, nossa voz, nossas ações ou mesmo com o que publicamos com o TCC, nós lutamos. Nos debruçamos a estudar e debater sozinhos autores negros através de coletivos. Nós (r)existimos.

Até hoje custo a acreditar que fui selecionada para realizar um intercâmbio fora do Brasil financiado pela CAPES. A CAPES aprovou minha ida ao México, custeou minhas passagens e ainda me forneceu mensalmente uma bolsa para estudar. Pela primeira vez desde a adolescência, eu não precisei trabalhar. Na verdade, meu trabalho era estudar. Fiz o melhor que eu pude no México em um Programa de Intercâmbio que carregava o nome de Abdias Nascimento. Abdias Nascimento dedicou sua vida para lutar pela dignidade do povo preto e pela implementação de políticas afirmativas, para que pessoas como eu pudessem estudar.

Há também um compromisso gigante com a comunidade senegalesa, de quem escrevo aqui. Lembro do dia em que apresentei um pouco da minha pesquisa em um evento cultural, no Festival de Arte e Cultura Senegalesa em Porto Alegre no ano 2018, no dia seguinte meu pai chegou em casa perguntando o que eu tinha feito no final de semana. Ele havia encontrado o professor Mamadou Sene, um professor senegalês e grande referência em gastronomia em Porto Alegre, residente há 40 anos na cidade, com quem meu pai teve oportunidade de compartilhar a sala de aula quando começou a estudar as artes da cozinha. Meu pai tinha encontrado o professor Mamadou pelo Centro e o professor o agradeceu pelo trabalho que eu estava fazendo e que era importante para os senegaleses. Meu pai chegou em casa emocionado com as palavras dele, estava emocionado e orgulhoso do meu trabalho. Um dia o Gana me disse que a pessoa que lesse meu trabalho deveria saber como se sente um senegalês na diáspora. Quando ele me disse eu anotei e coleí na minha parede “A pessoa que ler vai saber como se sente um senegalês na diáspora”. Tempos depois retirei o papel da parede porque percebi que isso é inviável a partir da minha escrita. Meu compromisso aqui é escrever o que vejo, sinto e percebo. Mas não tenho condições de escrever sem ter o filtro da minha subjetividade, olhar, percepção, atravessados no meu entendimento, na minha cosmovisão.

Escrever esse trabalho é tentar materializar um pouco do que aprendi. Tentar compartilhar um pouquinho sobre a luta, a vida e o trabalho dos senegaleses *Modou Modou* na diáspora, a partir da minha visão. Tentar trazer humanidade para quem sequer sabe que a perdeu. Perderam ainda na viagem para cá. Chegaram aqui sem nem saber que seriam vistos e chamados de africanos e haitianos por pessoas que não sabem que o Haiti não fica no continente africano.

Escrevo este trabalho em primeira pessoa e coloco todos limites da minha subjetividade em destaque sempre que posso. Foi assim que eu perdi o medo de escrever sobre os senegaleses. Escrevo o que sinto. Escrevo o que acho necessário ser escrito. Algumas coisas não serão escritas. É difícil disputar contra uma narrativa hegemônica que não sabe e pouco tem interesse em saber algo sobre os africanos. Existe o grande desejo neste trabalho de escrever não só algo que represente a comunidade senegalesa, mas que seja algo positivo, gostaria que eles sentissem orgulho do que materializei após esses anos de convivência e amizade.

Na percepção de alguns, pouco disso se relaciona com a Administração. Ouvi muitas vezes que eu deveria ir para Sociologia, Serviço Social, Direito. Mas fiquei na Administração. Lamentarei pelos colegas que não conseguirão compreender “o que este trabalho tem a ver com a Administração”, mas lamento mais por aqueles que acreditam que estudar Administração é sobre estudar empresas. Aliás, preciso dizer para eles que Administração não é um curso de exatas. Administração faz parte da área de Ciências Sociais Aplicadas que se define por “conjunto de cursos que visam integrar eixos do conhecimento para compreender as necessidades sociais”. É pra isso que eu escrevo: para compreender, refletir e mudar as necessidades sociais.

2 - DIÁSPORA *MODOU MODOU* - INTRODUÇÃO

A migração africana contemporânea para o Brasil é bastante recente. A diáspora senegalesa chegou ao Brasil de forma mais intensa a partir de 2008, ano em que o mundo enfrentou uma grande crise. A crise econômica mundial impactou as transferências que os países africanos recebiam de países da Europa¹, além disso, as transferências que os próprios africanos em diáspora na Europa faziam a seus familiares nos seus países de origem teve forte impacto. A migração africana para a Europa acontece desde o período pós-colonial², no entanto, foi por volta de 1980 que essa migração se intensificou. A diáspora tem diversas definições para os estudiosos do tema. Aqui, uso o entendimento de Wabgou Maguemati, quem afirma que

“Diáspora” se refere a grupo étnico-raciais que se realocaram em um território determinado (lugar de destino) depois de terem deslocado do seu lugar de origem através das migrações: formam assim comunidades diaspóricas que são transplantadas a partir de distintas conexões com seu território (terra de origem). Neste sentido, o conceito de diáspora [...] coincide com a de “nova diáspora”, onde, partindo de aproximações Carter (2003), se refere Sow (2007, p. 139-140) nos seguintes termos: as ‘novas diásporas africanas’ que Carter chama nossa atenção são aquelas que permitem entender o paradoxo do pertencimento; aquelas sustentadas por redes de socialização e culturais, os múltiplos laços e os lugares híbridos que vão se desenvolvendo com ou sem rumo da globalização (MAGUEMATI, 2011, s/p, tradução nossa).

Após a crise de 2008, os anos de 2014 e 2015 foram anos em que a Europa passou a receber muitos migrantes. Na época, se noticiava que mais de um milhão de pessoas tentavam acesso irregular ao continente; “Perseguição, conflito e pobreza têm forçado cerca de um milhão de pessoas a fugir para a Europa em 2015, um número sem precedentes” (ACNUR, 2015). Como forma de conter os migrantes, a União Europeia (UE) separava os migrantes refugiados de migrantes econômicos, deportando assim os migrantes econômicos. Desde o auge da crise migratória de 2015, a UE implementou medidas destinadas a controlar melhor as fronteiras externas e os fluxos migratórios. Em virtude disso, as chegadas de migrantes irregulares à UE diminuíram mais de 90 % (UNIÃO EUROPEIA, 2021).

É nesse contexto que muitos migrantes que não conseguem acessar a Europa buscam outros países para migrar. Buscando oportunidade de trabalho, os senegaleses são

¹ “De acordo com um estudo divulgado nesta quinta-feira (11/06), os países do Grupo dos Oito (G8) só liberaram um terço da ajuda suplementar ao desenvolvimento concedida à África. Um relatório realizado pelas organizações DATA (Debt, Aids, Trade in Africa) e ONE, apresentado em Berlim e Londres, aponta que os países industrializados só pagaram 7 bilhões dos 21,5 bilhões de dólares extra prometidos ao continente até 2010 durante a cúpula realizada em 2005 em Gleneagles, na Escócia”. **Situação econômica da África se agrava com crise e atraso de ajuda ao desenvolvimento.** DW Mundo, 11 jun. 2009. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/situa%C3%A7%C3%A3o-econ%C3%B4mica-da-%C3%A1frica-se-agrava-com-crise-e-atraso-de-ajuda-ao-desenvolvimento/a-4318984>>. Acesso em: 01 de nov. 2021.

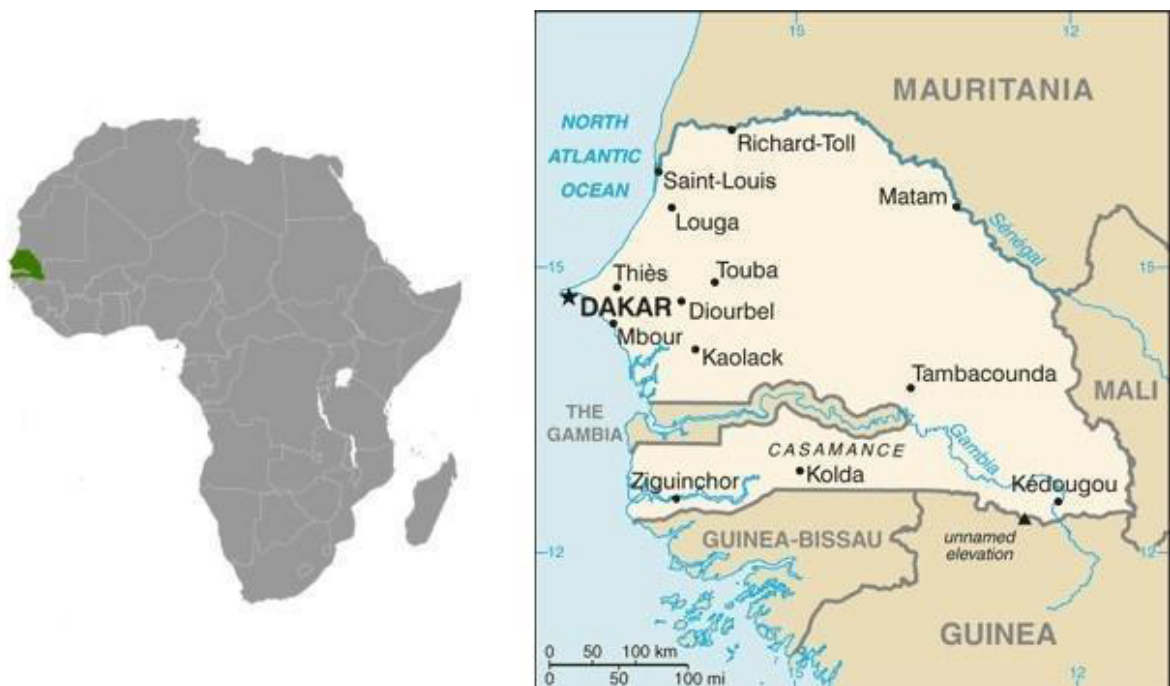
² As primeiras migrações contemporâneas datam entre as décadas de 60 e 90, para países do Continente Africano, Europa e Estados Unidos (MOREIRA, 2018, p. 36).

considerados migrantes econômicos e passaram a buscar países que, além de possuir entrada “facilitada”, tivessem oportunidades de emprego. Desde 2008 o Brasil vinha ganhando destaque internacional por sua emergente economia, “o Brasil se insere no mercado mundial e alcança uma expressão econômica nunca vislumbrada anteriormente, galgando uma posição econômica de “país emergente” e alcançando a posição de sexta maior economia mundial no ano de 2011” (DIALLO, 2021, p. 200). Foi nesse contexto que os senegaleses optaram pelo Brasil como país de destino.

Senegal é um país localizado no oeste do continente africano de independência bastante recente, assim como a maioria dos países africanos.

Senegal tem buscado, desde o início do processo da independência do continente africano, a consolidação da região como uma unidade integrada política, econômica, social e culturalmente, entendendo que a integração regional na África é uma das vias da inserção do continente no mundo globalizado. Apesar de ser iniciada há cerca de quatro décadas, a integração regional ainda não encontrou caminhos ou lideranças capazes de transformar esse sonho pan-africanista em realidade, ainda que um avanço considerável tenha sido registrado nos últimos tempos (DIALLO, 2011).

Figura 01 - Senegal no continente africano



Fonte: Brasil Escola (2021).

O Senegal tem uma relação muito particular com a migração, pois é um país de emigração e de imigração (DIALLO, 2021, p. 197). Isso porque, apesar da instabilidade econômica, o país ainda está em condições um pouco melhores que os países vizinhos e acaba sendo país de refúgio de migrantes de diversas partes do continente africano. Antes disso, uma irrisória quantidade de senegaleses já estava no Brasil, principalmente para estudo,

através dos convênios PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação) e PEC-PG (Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação).

A migração africana para estudar no Brasil não é um fenômeno recente. Conforme Mungoi (2006), “este movimento teve início muitos anos antes do processo de descolonização que começou no final dos anos 50”. Esta migração acadêmica está sob o amparo do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (DIALLO, 2021, p. 200).

A instabilidade econômica faz com que homens, sobretudo, homens jovens, deixem o país em busca de oportunidade de trabalho. Esses senegaleses são conhecidos popularmente no Senegal como *Modou Modou*.

O termo Modou-Modou se utilizou no Senegal a princípio para se referir aos wolof migrantes do tipo rural-urbanos, com pouca instrução escolar [instrução formal e colonial francesa], que se dedicavam ao comércio informal como atividade principal e que pertenciam a confraria mouride. Com o tempo essa denominação se estendeu a todo migrante wolof com baixo nível educativo [de educação francesa] que partia para o exterior para dedicar-se ao comércio (ZUBRZYCKI, 2016, p. 6, tradução nossa).

Modou é um nome próprio e popular no Senegal. *Modou Modou* é o nome que eles mesmos se nomeiam para referir-se aos homens senegaleses que saem do país em busca de oportunidade de trabalho. Recentemente vi em redes sociais brincadeiras acerca dos *Modou Modou*: uma enquete em uma página senegalesa perguntava porque uma mulher decide casar-se com um *Modou Modou* sabendo que ele passará anos distante de casa. Em outras palavras além do termo *Modou Modou* representar e ser utilizado pela comunidade senegalesa, eles refletem sobre as relações sociais causadas por essa migração.

Após a entrada no Brasil, os migrantes se distribuem pelo país. A quantidade de migrantes vindos para a região sul do Brasil é bastante grande, a maioria deles atraídos pelas oportunidades de trabalho em indústrias e frigoríficos. Isso porque, para além de mão de obra barata nas indústrias, os frigoríficos precisam de funcionários muçulmanos para a realização do *halal*³.

Na maioria das vezes, os senegaleses dividem apartamentos com outros conterrâneos. A maioria desses migrantes em Porto Alegre são homens, com idades entre 18 e 40 anos, oriundos de famílias grandes e, na maioria das vezes, polígamas. Os senegaleses trabalham fora do país para ajudar os familiares no Senegal, enviando remessas de dinheiro

³ Na prática do *halal*, “o abate deve ser feito por um muçulmano que deve degolar o animal voltado para Meca, cortando jugular, traqueia e esôfago. A faca utilizada precisa estar bem afiada para que a morte seja instantânea, evitando o sofrimento e que saia a maior quantidade de sangue possível. Antes do abate de cada bicho, o degolador pede autorização a Deus, em árabe, como forma de mostrar obediência e agradecimento pela comida e reafirmar que não está matando o animal por crueldade ou sadismo”. MALISZEWSKI, Eliza. **Você já ouviu falar em carne halal?** Agrolink, 7 mar. 2020. Disponível em: <https://www.agrolink.com.br/noticias/voce-ja-ouviu-falar-em-carne-halal-_431134.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

mensalmente. Boa parte dos senegaleses em Porto Alegre não tiveram acesso à educação francesa, ou seja, a escola “formal”, mas, sim, estudaram em escola corânica. Em Porto Alegre, os senegaleses levam uma vida simples e raramente são vistos fora do ambiente de trabalho. Muitos deles já são casados no Senegal, com uma ou duas esposas, podendo a religião aceitar até quatro em alguns tipos de casamento, mas deste grupo de senegaleses casados, poucos trouxeram suas esposas para viver no Brasil, o que faz com que sua experiência na diáspora seja bastante solitária.

A maior parte dos senegaleses *Modou Modou* chegou ao Brasil sem o visto brasileiro. Como estratégia de entrada, alguns solicitaram visto em países vizinhos e fizeram essa primeira viagem de avião para países como Bolívia, Peru, Equador e Uruguai, e se deslocaram até o Brasil por terra. Em alguns raros casos, senegaleses chegaram também ao Brasil por via marítima. Após a entrada, para permanecer os senegaleses solicitaram refúgio já nos primeiros dias. Aqueles que chegaram por volta de 2008 até mais ou menos 2013 tiveram seus pedidos deferidos. Em 2014, com o *boom* da crise migratória na Europa, o Brasil passou a receber número maior de migrantes senegaleses.

Foi nessa época em que o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) foi deixando a maioria destes pedidos de refúgio parados. Isso porque no dia da entrevista os senegaleses não declararam nenhum tipo de “fundado temor de perseguição”, exigido para deferimento de condição de refugiado, mas sim, motivos econômicos. Em entrevista para o G1, o presidente do CONARE de 2017, Bernardo Laferté comenta sobre o caso dos senegaleses: “Eles são bem sinceros, tanto no formulário quanto na entrevista. Eles falam ‘olha, vim pra cá porque no meu país não tem condição de ficar, não tem emprego, a vida lá é muito ruim...’ Isso configura uma migração econômica. Nesses termos, não posso dar o refúgio”(G1, 2017).

A ausência de documentos aconteceu principalmente para os senegaleses que chegaram mais recentemente, a partir de 2014. A falta de documentos durou até pouco tempo atrás. Foi somente em 2019 que o Governo Brasileiro encontrou uma forma de regularização para os senegaleses considerados migrantes econômicos. Sem documentos, os senegaleses que saíram do Brasil tiveram problemas para retornar. Em 2017, alguns senegaleses que voltaram de viagem do Senegal, para visitar a família, ficaram “presos” no aeroporto⁴.

⁴ “Mais de 30 estrangeiros de diversas nacionalidades como libaneses, senegaleses, guineenses e nigerianos ficaram retidos na área de desembarque do aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, sem poder entrar no Brasil. Solicitantes de refúgio, eles saíram do País com autorização de retorno e foram surpreendidos por nova normativa quando regressaram”. ZÚNICA, Lumi; SABOYA, Érica. **Após Temer se comprometer com refugiados na ONU, 30 estrangeiros são isolados e passam fome em aeroporto**. São Paulo: R7, 28 set. 2016. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/apos-temer-se-comprometer-com-refugiados-na-onu-30-estrangeiros-sao-isolados-e-passam-fome-em-aeroporto-28092016>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

A migração senegalesa possui um perfil bastante definido, “as migrações laborais são habitualmente constituídas por homens e que são os mais jovens que emigram, uma vez que possuem maiores oportunidades de trabalho” (HERÉDIA, GONÇALVES, 2017, p. 6). As mesmas autoras refletem sobre as mulheres senegalesas em mobilidade.

O aumento de mulheres na migração ainda não ocorre de forma generalizada em certas culturas. É o caso das senegalesas que vieram a Caxias do Sul, RS.. O número de mulheres é pouco expressivo, mas já representa que a migração não é apenas masculina. A saída da mulher da sociedade de origem é bem mais difícil do que a do homem, principalmente quando analisada pelo aspecto cultural (HERÉDIA, GONÇALVES, 2017, p. 9)

Conforme Moojen (2015, p. 282 apud HERÉDIA, GONÇALVES, 2017, p. 11), “as mulheres do Senegal há pouco começaram a se inserir no mercado de trabalho e conquistar mais direitos, sendo que, inclusive a mãe do atual presidente, trabalhava como vendedora de amendoim nas ruas da cidade”.

Além das questões culturais, se sabe que as rotas que os senegaleses utilizam para chegar ao Brasil são irregulares e perigosas, sobretudo para as mulheres. As mulheres que migram em busca de trabalho são chamadas pelos senegaleses de *Fatou Fatou*, conforme me ensinou o entrevistado para este trabalho Arona Diop. Muitas destas poucas mulheres que vivem no Brasil hoje, chegaram através da Reunião Familiar, instrumento jurídico permitido àqueles que tiveram a condição de refúgio deferida. Ou seja, os sujeitos que tiveram condição de refúgio deferida pelo CONARE podem solicitar a vinda de seus dependentes através da Reunião Familiar. Como a decisão de migrar é uma decisão familiar, poucas famílias incentivam uma mulher senegalesa a migrar se não for em segurança, através da Reunião Familiar. Com este instrumento jurídico os migrantes podem solicitar com visto a vinda de filhos, esposas, irmãos, etc⁵. Embora sejam poucas mulheres, é comum que as *Fatou Fatou* venham através de convite realizado por maridos, irmãos ou irmãs.

⁵ Art. 2º O visto temporário para reunião familiar poderá ser concedido ao imigrante: I - cônjuge ou companheiro, sem discriminação alguma, nos termos do ordenamento jurídico brasileiro; II - filho de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência; III - enteado de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência, desde que menor de dezoito anos de idade, ou até os vinte e quatro anos de idade, se comprovadamente estudante, ou de qualquer idade, se comprovada a dependência econômica em relação ao chamante; IV - que tenha filho brasileiro; V - que tenha filho imigrante beneficiário de autorização de residência; VI - ascendente até o segundo grau de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência; VII - descendente até o segundo grau de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência; VIII - irmão de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência, desde que menor de dezoito anos de idade, ou até os vinte e quatro anos de idade, se comprovadamente estudante, ou de qualquer idade, se comprovada a dependência econômica em relação ao chamante; ou IX - que tenha brasileiro sob a sua tutela, curatela ou guarda. PORTARIA INTERMINISTERIAL Nº 10, DE 6 DE ABRIL DE 2018. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/PORTARIA%20INTERMINISTERIAL%20N%C2%BA%2012%2c%20DE%2014%20DE%20JUNHO%20DE%202018.pdf>

Além das diversas fronteiras jurídicas, o racismo, a xenofobia e o desemprego têm criado barreiras aos senegaleses em diáspora. Por outro lado, os senegaleses buscam alternativas para manter sua cultura, fugir da solidão, trabalhar e viver. É neste cenário que desenvolvo esta pesquisa, que teve como questão orientadora de refletir sobre as fronteiras e encruzilhadas que surgem na diáspora para estes migrantes. Através da história de vida do Arona, e do campo empírico relativo às minhas escrivências, reflito sobre como Arona e senegaleses encontram em comunidade estratégias para produzir trabalho e vida e minimizar os impactos das fronteiras que lhes são impostas.

Este estudo justifica-se, inicialmente, por um grande desejo pessoal em estudar a comunidade senegalesa de quem me aproximei no ano de 2016. Posteriormente pela necessidade, urgente, de se conhecer mais sobre estes “novos” migrantes. No Brasil, a Lei nº 10.639/2003, que obriga, entre outros, o ensino de História de África nas escolas, já completou dezoito anos sem aplicação obrigatória e a Universidade carrega consigo parcela de culpa. Na própria Administração, conhecemos muito pouco de história negra e africana. Os anos de estudo na Escola de Administração reforçam e destacam o modelo de vida e de organizações ocidentais como sendo universais. Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível (KILOMBA, 2019, p. 53).

“Fronteiras e encruzilhadas” aborda dilemas de senegaleses que vivem no Brasil para produzir e reproduzir suas vidas e seus trabalhos. Para materializar esta pesquisa, faço um capítulo sobre minha trajetória junto à comunidade senegalesa e também um capítulo sobre a trajetória de vida do Arona. Por fim, após explicitar o conhecimento empírico, reflito sobre os fatores que impedem a produção e reprodução da vida e do trabalho e fatores que favorecem a produção e reprodução da vida e do trabalho. A questão central deste trabalho teve como inspiração o conceito de ética utilizado pelo filósofo Enrique Dussel, onde ele afirma que “a ação ética, então, tem como imperativo a produção, a reprodução e o desenvolvimento da vida humana em comunidade (DUSSEL, 2000 apud OLIVEIRA, DIAS, 2012, p. 97).

Para chegar ao objetivo central realizei esta pesquisa a partir de quatro objetivos específicos: inicialmente identifiquei características comportamentais dos migrantes senegaleses *Modou Modou*; depois busquei conhecer situações dificultadoras e/ou facilitadoras, durante o processo migratório; após, refleti sobre as condições de trabalho dos senegaleses *Modou Modou* na cidade de Porto Alegre; e refleti sobre o papel dos vínculos afetivos e culturais, mantidos no processo migratório.

Gestar este trabalho a partir da escuta da trajetória de Arona foi um grande compromisso. Compromisso primeiro em fazer uma escuta qualificada e respeitosa. E segundo, em analisar a narrativa da trajetória de vida dele a partir da minha subjetividade.

3 – MOBILIDADE E MIGRAÇÃO SENEGALESA

Nesta seção serão apresentados referenciais teóricos que embasam esta pesquisa.

A mobilidade humana é um fenômeno natural do ser humano e, dependendo do tempo e do território, ela se mantém por uma série de motivos. Conforme Maria Dalva Dezan (2007, p. 17), seguindo seus instintos, as pessoas sempre se moveram “com o desejo de conhecer e explorar o desconhecido ou movidas por guerras políticas, econômicas, sociais, religiosas ou pela combinação de dois ou mais desses fatores”. Para os africanos, mobilidade também pode significar desenvolvimento:

A mobilidade foi o motor de qualquer tipo de transformação social, econômica ou política. Na verdade, foi o princípio indutor da delimitação e organização do espaço e dos territórios. Assim, o princípio predominante da organização espacial era o movimento contínuo. E isso ainda faz parte da cultura de hoje. Parar é correr riscos. Você precisa estar em constante movimento. Especialmente em situações de crise, essa é a própria condição de sobrevivência. Se você não se mover, suas chances de sobrevivência diminuem (MBEMBE, 2018, s/p).

Na cultura ocidental, parar é não correr riscos, e está relacionado com estabilidade, com construção de família, sucesso profissional, pessoal, etc. Em alguns países não ocidentais, sobretudo países africanos, a mobilidade é histórica e possui outros significados. No Senegal mover-se está relacionado a questões econômicas, culturais e religiosas. Maguemati Wabgou (2011, p. 17) faz sua contribuição afirmando que os Wolof, Tukolor e Soninké, etnias senegalesas, costumam ter uma migração constituída por “pessoas de passagem”:

Entre as diásporas africanas organizadas identificadas através dessa chuva de variáveis se encontram as dos nuer e os dinka (no Sudão), os wolof, os tukolor e os soninké (no Senegal) [...]. Todas essas diásporas tem em comum o fato de estarem compostas por ‘pessoas de passagem’ distante da noção de ‘comunidades territorialmente fixas’. Não tendem, no entanto a serem totalmente nômades. Cada vez mais essas pessoas criam e inventam novos passos translocais e transculturais (MAGUEMATI, 2011, s/p. tradução nossa).

Para os *Modou Modou* pouco importa se estão em Porto Alegre, Buenos Aires ou Malta, eles necessitam mesmo é trabalhar, viver e enviar dinheiro para sua família. Em seus planos não há o desejo de viver no Brasil até a velhice. Em um futuro breve, pelo menos a grande maioria deles, deseja voltar para sua casa no Senegal.

Após a entrada no Brasil, os migrantes se distribuem pelo país. Conforme afirmado anteriormente, a quantidade de migrantes vindos para a região sul do Brasil é bastante grande, a maioria deles atraídos pelas oportunidades de trabalho em indústrias e frigoríficos. Como consequência, conforme dados do CONARE, 2019, a região sul é a região que mais insere

migrantes no mercado de trabalho formal, liderados, respectivamente, por Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Estes dados são reforçados pelo relatório do OBMIGRA (Observatório das Migrações Internacionais) de 2017, que aponta os cargos ocupados pelos senegaleses no mercado formal. Em 2017, 1.236 senegaleses foram contratados com carteira assinada na região sul, 193 somente em Porto Alegre. Em relação aos postos de trabalho, os senegaleses foram contratados principalmente para as vagas de: Alimentador de Linha de Produção (8,82%), Magarefe (7,77%), Trabalhador Volante da Agricultura (7,61%) e Faxineiro (6,80%)” (OBMIGRA, 2017, p. 105).

Vanito Cá, em seus estudos, faz um destaque às condições de trabalho nos frigoríficos:

Outro detalhe importante relacionado ao trabalho em frigorífico diz respeito a um conjunto de fatores negativos que podem impactar gravemente a saúde dos trabalhadores imigrantes, lembrando-se que existem diversos riscos inerentes às atividades realizadas nesse posto de trabalho devido às baixas temperaturas e ao ritmo de trabalho repetitivo. É importante salientar que o trabalho em indústrias de processamento de carne é considerado um dos mais insalubres do Brasil (CÁ, 2019, p. 84).

Muitos senegaleses, ao não encontrar oportunidades de trabalho, “optam” por atuar no comércio “informal” nas ruas da cidade – prática dos senegaleses conhecida mundialmente. Em Porto Alegre, é comum ver muitos dos senegaleses vendendo mercadorias nas principais zonas de comércio, como o Centro Histórico, a Avenida Azenha e a Avenida Assis Brasil mas, frequentemente, são vistos em outras ruas menos movimentadas também. Para facilitar o carregamento das mercadorias, os senegaleses buscam moradia perto desses locais de trabalho. Vânia Aguiar Pinheiro (2017, p. 88), afirma que “Entre os vendedores de rua, há os que dizem gostar desta atividade e a desenvolvem por “opção” desde que chegaram à cidade. Por outro lado, há os que acabam realizando tal expediente por não conseguirem vaga em emprego formal ou saírem dele por motivos variados”. Muitos dos senegaleses nesta atividade já perderam mercadorias em ações da Prefeitura que não reconhece a venda de alguns produtos como legais.

A economia informal não é uma opção somente para aqueles que não encontram vagas de emprego, mas sim para todos que por algum motivo estão cansados de tentar inserir-se no mercado de trabalho. Com jornadas de trabalho exaustivas, assédio moral e trabalho superexplorado, as empresas tentam sugar o máximo a mais valia dos migrantes. Fazem isso conscientemente com as pessoas que mais precisam e não podem negar trabalho.

Em 2017 a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) fez uma campanha chamada “Seja Legal”⁶, para que os trabalhadores informais se formalizassem e tivessem alvarás (autorização). Mas pouco tempo depois, mesmo com os alvarás, as fiscalizações e apreensões de mercadoria seguiam. A prefeitura argumentava que os senegaleses vendiam produtos falsificados sem comprovação da origem, principalmente os óculos e relógios. Por conta disso a PMPA decidiu cassar os alvarás de todos, incluindo aqueles que não vendiam óculos. Atualmente, a maioria dos senegaleses não possuem mais alvarás e por isso coloco “informal” entre aspas, porque é difícil definir o que é um negócio formalizado e principalmente lembrar que os senegaleses em Porto Alegre já estiveram um período formalizados. Outro termo que popularmente se usa para se referir a vendedores das ruas é vendedor ambulante. Vou fugir deste termo, primeiro porque os senegaleses em Porto Alegre têm ponto fixo, não trabalham caminhando, segundo porque esse termo carrega um estereótipo dos vendedores das ruas. Neste sentido, vou utilizar apenas vendedores das ruas mesmo.

Serge Latouche, (2013, p.176) traz ainda o conceito “economia do *débrouille*” traduzida por Acácio Santos como “economia do ‘se virar’” que significa “conjunto de pequenas empresas e de artesãos que trabalham para a clientela popular”. Onde o autor usa esse termo e fala sobre o “milagre da sobrevivência da África Subsaariana”. Em outras palavras, são pessoas que vivem com pouco ou sem nenhum dinheiro, mas que conseguem comprar ou trocar produtos ou serviços com outras pessoas que vivem na mesma situação, mantendo assim vivas as atividades comerciais que, mesmo informalmente, garantem a sobrevivência das pessoas. Nesse contexto, o comércio e outras atividades informais estão na base da economia do Senegal pós-colonial, enraizadas há, pelo menos, meio século.

O racismo é uma experiência nova para migrantes africanos. É no Brasil que os senegaleses sentem, através de olhares e atitudes, que sua humanidade tem diferente valor na sociedade; “é o racismo que gera os piores e mais violentos preconceitos. Dentre eles, o mais profundo e abrangente é a noção da inferioridade e superioridade racial inata entre os seres humanos” (MOORE, 2007, p. 280). Seja no trabalho formal ou “informal”, os senegaleses compreendem cada vez melhor as dinâmicas do racismo em Porto Alegre, cidade líder no

⁶ “Seja Legal – De forma paralela, a prefeitura realiza, desde essa terça-feira, 21, no Largo Glênio Peres, a Seja Legal - Feira de Oportunidade para Vendedores Ambulantes, como uma alternativa para que os vendedores possam legalizar o seu negócio”. FLORES, Paulo César. **Prefeitura fiscaliza ambulantes ilegais no Centro Histórico**. Prefeitura de Porto Alegre, 22 mar. 2017. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/default.php?p_noticia=192011&PREFEITURA+FISCALIZA+AMBU LANTES+ILEGAIS+NO+CENTRO+HISTORICO>. Acesso em: 01 nov. 2021.

ranking de desigualdade racial, conforme dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).⁷

A religião muçulmana no Senegal é praticada por 95% da população. Segundo Segundo Dias (2007, p. 1 apud GONÇALVES, 2019, p. 35), as confrarias muçulmanas “fazem parte do universo de manifestações místicas coletivas do Islã e são, de forma estruturada, a mais antiga e importante expressão de espiritualidade muçulmana, o sufismo”.

Conforme Sambe (2015, apud GONÇALVES, 2019),

as confrarias jogaram um papel determinante na islamização do Senegal, valendo-se do terreno preparado pelo colonialismo francês. Devido à rejeição à dominação colonial, que minou muitas bases da cultura tradicional, os senegaleses recorreram, muitas vezes, à adoção do dogma islâmico, em um movimento que era, ao mesmo tempo, segundo a autora, “[...] uma autoalienação oposta à vontade de assimilação do nativo no centro do projeto colonial. Nesse fato paradoxal, encontraríamos a explicação das especificidades do Islã no Senegal” (SAMBE, 2015, p. 127 apud GONÇALVES, 2019, p. 36).

A confraria religiosa mais presente na diáspora é a confraria Mouride. Esta confraria, conforme Renan Giménez Azevedo (2018, p.7) “origina-se entre camponeses wolof, grupo étnico muçulmano senegalês, durante a conquista colonial francesa no final do século XIX. Foi fundada por Cheikh Ahmadou Bamba (1850-1927), um líder espiritual senegalês que ficou exilado de 1895 a 1902 sob a acusação de proselitismo religioso na colônia (Babou, 2007; Sy, 1969)”.

As práticas religiosas muçulmanas se expressam fortemente na diáspora. Seja na mesquita, em espaços públicos e mesmo dentro de casa, os senegaleses reproduzem suas práticas religiosas de forma dedicada. Sobre as práticas na diáspora, Maria do Carmo Gonçalves, reflete sobre as práticas dos senegaleses na diáspora:

É fato que o movimento migratório globalizado tem imputado novas configurações em países que passavam por processos de secularização religiosa. As comunidades religiosas islâmicas, consideradas grupos minoritários em muitos países ocidentais, experienciam seu pertencimento religioso em meio ao dilema de reinvenção de sua identidade cultural religiosa. Interação com a cultura local, ao mesmo tempo em que são afetados por tendências mais globais do islamismo (GONÇALVES, 2020, p. 158).

⁷ As maiores diferenças percentuais na desagregação dos dados entre brancos e negros foram observadas em Porto Alegre (RS) e Feira de Santana (BA). Em Porto Alegre, o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) da população negra foi 18,2% inferior ao IDHM da população branca (IPEA, 2017, p. 7). Disponível em http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9150/1/Radar%20IDHM_evolu%C3%A7%C3%A3o%20do%20IDHM%20e%20de%20seus%20%C3%Adndices%20componentes%20no%20per%C3%Ado.pdf. Acesso em 01 Nov 2021

4 – IMERSÃO METODOLÓGICA

Os caminhos metodológicos desta pesquisa foram construídos a partir de dois eixos: um deles, trata-se da pesquisa etnográfica, realizada através das minhas memórias e experiências. O outro eixo foi a escuta de história de vida de Arona. Por fim, houve também a coleta de dados secundários.

4.1 Caminhos metodológicos

Dois caminhos metodológicos deram sustentação a esta pesquisa. Um deles, foi a escuta de história de vida de Arona, um migrante senegalês. O outro, foi um levantamento etnográfico, registrado através da memória, de registros fotográficos, de diário de campo e gravações de entrevistas, informações estas coletadas antes mesmo da construção desta pesquisa. A esta parte da pesquisa, chamo de *escrevivências*, conceito cunhado por Conceição Evaristo em 2008. Estes dois eixos, a escuta da história de vida e as *escrevivências*, vou explicar logo abaixo.

Para a coleta de dados secundários foram buscados na internet artigos e teses publicados no Rio Grande do Sul com as palavras “senegaleses”, “migração senegalesa” e/ou “*Modou Modou*”. Foram encontrados poucos artigos, teses e dissertações, então, posteriormente, foram buscados também trabalhos em âmbito nacional.

4.1.1 Escuta de história de vida

A aproximação com a diáspora senegalesa foi um processo que iniciou antes mesmo da existência da pesquisa. Isso aconteceu porque meu contato com a comunidade senegalesa iniciou em 2016. Desde essa época converso, observo e escuto histórias da vida de muitos senegaleses. Por conta disso, o processo de escuta pelas histórias dos migrantes senegaleses nasceu antes mesmo da pesquisa, e a escolha desta metodologia ocorreu objetivando aplicar uma metodologia que valorizasse de alguma forma os vínculos já construídos com essa comunidade.

Para a escuta da história de vida, foram realizadas seis entrevistas na forma não estruturada, que “caracteriza-se por ser totalmente aberta, pautando-se pela flexibilidade e pela busca do significado, na concepção do entrevistado” (AGUIAR; MEDEIROS, 2009, p. 10712). Estas entrevistas foram realizadas em profundidade com o Arona, senegalês residente em Porto Alegre desde 2013. “A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte” (MATTOS, 2005, p. 1). “Em termos gerais, o

método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta” (NOGUEIRA *et al.* 2017, p. 468). Durante três meses foram realizadas seis entrevistas, uma por semana, na minha casa, local escolhido pelo entrevistado. No último mês realizamos entrevistas por telefone e por chamada de vídeo, considerando o fato dele ter viajado para o Senegal para visitar a família.

Conforme Aline Silva *et al.* (2007, p. 32), nesta metodologia “Pede-se ao sujeito que conte sua história, como achar melhor – nos moldes de entrevista não-estruturada. Este sujeito vai ser escolhido a partir das relações já desenvolvidas pelo pesquisador no contexto, de acordo com seu desejo de participar”. Escolhi Arona por ter um vínculo de amizade com ele há quatro anos. Também pelo fato dele se sentir à vontade de falar de sua vida em nossas conversas durante esses anos de amizade. Aline Silva *et al.* (2007, p. 33) apontam a forma como essa escuta impacta também quem a escuta: “Um relato é sempre dirigido a alguém e, assim, provoca também um efeito em quem o ouviu – logo, tal dimensão é dual, como bem se estabelece este modelo baseado na relação entre aquele que colhe os relatos e quem os conta”.

Na primeira entrevista foi solicitado que o entrevistado contasse sua história. Ele disse que não sabia por onde começar, então sugeri que falasse sobre sua vida quando criança, adolescência e a vida familiar e escolar no Senegal. Na segunda entrevista pedi que ele seguisse neste tema e abordasse um pouco mais sobre seu contato com a religiosidade. Na terceira entrevista ele narrou sobre suas primeiras experiências de trabalho no Senegal, a trajetória e a rota até o Brasil. Na quarta entrevista ele falou sobre trabalho e casamento. Na quinta entrevista ele já estava no Senegal e falou sobre como estava lá, sua vida de casado e a rotina de sua casa. Na sexta pedi que retornasse ao tema das suas experiências de trabalho no Brasil.

4.1.2 Escrevivências – método etnográfico

Outros autores já têm utilizado da escrevivência como metodologia de pesquisa. Soares e Machado, 2017, refletem acerca da produção do termo cunhado por Conceição Evaristo.

Na obra *Becos da Memória* (2017), Conceição Evaristo reflete que, em uma escrevivência, "as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas". Isso se dá em um processo em que a autora se coloca no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências

coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. Evaristo (s/d, em Cruz, 2017 apud Santos e Machado, 2017, s/p).

Na escrevivência é possível que o autor evoque também uma história coletiva.

A escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autora assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um "nós" compartilhado. Além disso, autoras reconhecem que essa metodologia coloca em perspectiva a dicotomia entre sujeito de pesquisa/pesquisadora, ao transformar discursos sobre mulheres negras em narrativas em primeira pessoa (Ferreira, 2013; Victorino, 2015, Mattos e Xavier, 2016 apud Santos e Machado, 2017, s/p)

Santos e Machado (2017, p. s/p), afirmam ainda que a escrevivência traz também outro sentido da escrita: a subversão. “Ela se presta a uma subversão da produção de conhecimento, pois, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de vozes de mulheres subalternas e de sua posicionalidade na narração da sua própria existência”.

Para as escrevivências, busquei registros fotográficos, vídeos, escritos que de alguma forma materializei nestes anos de convivência com a comunidade senegalesa. Alguns registros estavam marcados apenas na memória antes de serem materializados aqui. Além do contato de anos com a comunidade senegalesa, realizei intercâmbio acadêmico para estudar a migração senegalesa no México pelo Programa de Desenvolvimento Abdias Nascimento/CAPES em 2019, durante esses meses, uma série de histórias que escutei e vivi foram importantes para uma melhor compreensão da mobilidade senegalesa, por isso, registro aqui parte destas situações.

4.2 Organização e análise dos dados

As entrevistas com Arona que foram feitas pessoalmente, foram gravadas e transcritas. Quando Arona foi ao Senegal gravei a primeira entrevista, mas devido à conexão de internet ruim e à baixa qualidade da gravação, não gravei a seguinte.

Conforme Vanessa Barros e Fernanda Lopes, um

aspecto importante a ser ressaltado no método de história de vida é sua condição de ponte entre a história individual e a história coletiva, ou seja, trabalhando com histórias de vida, podemos religar o nível individual ao nível geral de análise, já que essas histórias nos enviam sempre ao campo social (BARROS; LOPES, 2014. p. 49).

Ou seja, ao escutar a história de vida do Arona não só é possível conhecer sua trajetória, mas também de uma coletividade. Desde a cultura, a religiosidade, a educação no Senegal, mas também situações a que são submetidos os migrantes ao chegar no Brasil.

Por fim, foi realizada análise de conteúdo. “A análise de conteúdo é uma técnica para tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema” (VERGARA, 2005, p. 15). Foram separados inicialmente dois grandes temas: fatores impossibilitadores para a produção e reprodução do trabalho e da vida, e fatores possibilitadores para a produção e reprodução do trabalho e da vida dos migrantes senegaleses no Brasil. Após essa divisão me deparei com muitos conteúdos e interseções, sem saber se todas passariam pela minha análise, fiz o caminho contrário do projeto: me perguntei como eu gostaria de contar sobre as fronteiras e as encruzilhadas. Em minha cabeça surgiram diversos momentos de aprendizado. Considerei registrar fatores que são perceptíveis por mim, pelos senegaleses e que podem ser perceptíveis a um possível leitor leigo na temática da migração.

5 – EU, MARIAMA: ESCREVIVÊNCIAS

Neste capítulo retomo episódios que marcaram minha trajetória junto à comunidade senegalesa. Em Porto Alegre, em outras cidades do Brasil e mesmo no México, onde realizei intercâmbio por nove meses em 2019. Parte destes episódios foram registrados em áudios, vídeos, fotografias, escritos, e outros estavam apenas na memória até serem materializados aqui. Esta seção inicia com um relato cronológico de alguns fatos e depois é dividida por nomes de pessoas e grupos de amigos, de forma a facilitar a narração e compreensão.

5.1 Mariama

Em 2016, quando me aproximei da comunidade senegalesa em Porto Alegre, ouvi me chamarem de Mariama pela primeira vez. Eu corrigi: Mariana. Me explicaram que a pronúncia do meu nome com a letra “m” era de propósito: “Mariama, Mariana, Maria é tudo o mesmo nome. Esse nome é católico, vem de Maria, mãe de Jesus, é um nome bonito”. Eu já sabia que meu nome era a contração de Maria e Ana, mas quando fui chamada de Mariama, foi como se os senegaleses me dessem um apelido, talvez um apelido africanizado do meu nome. Era um chamado à intimidade. Me senti em casa.

Logo que conheci os senegaleses comecei a fazer currículos para “ajudar” na inserção deles no mercado de trabalho. Eu via muitos trabalhando como vendedores das ruas nos centros de comércio da cidade e imaginava, em um pensamento totalmente atravessado pela minha mirada colonial, que eles estariam “tristes” por estarem desempregados e que eu poderia “ajudar” fazendo currículos e buscando emprego. Passei a contatar empresas que divulgavam vagas de emprego em sites e redes sociais. Através de um e-mail criado na época, eu informava que tínhamos um banco de currículos de migrantes de diversos perfis. Nos e-mails eu sempre usava o plural, como se houvesse uma organização por trás daquele contato, mas era apenas eu. Aconteceu nos anos de 2016 e 2017 e o projeto se chamava ImigraRH. Muitas empresas me responderam e contrataram migrantes pelos currículos que enviei, outras que demonstraram muito interesse, passaram a me enviar pedidos de perfis de candidatos.

As informações correram entre os migrantes e passei a ser buscada por migrantes, em sua maioria senegaleses e haitianos, mas tive contato com pessoas de outros países como Guiné, Nigéria, Gâmbia, Cuba, etc. Foi nessa época que passei a observar e refletir sobre as condições de trabalho dos migrantes na cidade e também sobre as diferenças de como os migrantes de determinados países percebiam as vagas de emprego. Eu conhecia poucos haitianos, mas a maioria dos postos de trabalho que eu encontrava foram preenchidos por haitianos. Eu conhecia muitos senegaleses e não encontrava trabalho para a maioria. Os

senegaleses me faziam “exigências” que os haitianos não faziam. Queriam trabalhos à noite, de preferência em bares, postos de gasolina ou de gari. Eu lembro de dizer pro Alioune que não ia encontrar trabalho de gari, porque na minha cabeça era um trabalho ruim, cansativo, precarizado. Desde criança eu ouvi frases do tipo “se tu não estudar vai virar gari”, aquele trabalho na minha cabeça não só era precarizado como também não tinha nenhum “prestígio social”. O Alioune argumentava que eu deveria buscar aquele trabalho. Ele dizia “eles querem trabalhar à noite para poder ter dois trabalhos e se sobrar tempo ainda dá para trabalhar vendendo na rua. O senegalês precisa de dinheiro para enviar pra família. Se eles te pediram esse trabalho é o que eles querem”. Os trabalhos à noite recebiam adicional noturno, o que no total de salário líquido chegava a mais que o dobro do salário de auxiliar de cozinha ou auxiliar de serviços gerais, vagas que eu tinha encontrado e avisado a eles. Alguns senegaleses me diziam “eu só vou pegar trabalho se receber pelo menos R\$ 1.500,00. Não dá pra sair da venda na rua para ganhar menos de R\$ 1.000,00, ainda mais limpando chão, é exploração!”. As empresas que retornavam meu contato, em geral, eram empresas que tinham vagas para os trabalhos que pagavam um salário mínimo.⁸

O projeto transbordou a questão dos currículos e eu passei a fazer outras coisas também. Tudo que me pediam orientação eu fazia: estive acompanhando candidatos em entrevistas de emprego, participando de homologações em sindicato, passei a receber demandas trabalhistas, etc. Quando eu não podia auxiliar pedia ajuda de amigos advogados que intermediavam as situações. Além das demandas jurídicas, recebi algumas vezes mensagens de pessoas que, diante do desemprego, me pediam alimento porque não tinham nada para comer em casa. O pouco retorno das empresas e pouco interesse dos candidatos nas vagas disponíveis, foram me desanimando e aos poucos fui parando de buscar empregos. Mas sinto grande orgulho das pessoas que foram empregadas e dos vínculos que criei nesses anos e que perduram até hoje.

Foi nessa época que passei a observar que a maioria dos migrantes trabalhadores das ruas no centro de Porto Alegre eram senegaleses. Eu me perguntava: “qual a relação que os senegaleses têm com o comércio informal?” Eu também perguntava isso pra eles, que diziam “o senegalês é bom vendedor, é da nossa cultura”, “mesmo se tu for perguntar isso em outros países africanos vão dizer que o senegalês é vendedor mesmo”. Eles falavam com tanto orgulho que era (e é) admirável.

⁸ O salário mínimo em 2016 era de R\$ 880,00 e em 2017 R\$ 937,00.

Eu já estava próxima de muitas pessoas, frequentava a casa de alguns senegaleses e haitianos, conversava com bastante gente pelo centro da cidade e ia a todos os lugares em que eu sabia que teria alguma coisa importante referente à comunidade senegalesa, de festas a audiências públicas, eu estava lá.

5.2 Omar Mouride e Mor

Na semana da África da UFRGS de 2016 eu lembro de ter visto Mor e Omar no público. Não conversamos naquele dia, apenas nos cumprimentamos. Isso foi em maio de 2016, quando Mor era presidente e Omar vice-presidente da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre (ASPA). Voltei a ver eles na festa Grande Magal Touba, em novembro daquele ano, realizada na Igreja da Pompeia, onde finalmente fomos apresentados. Depois deste dia, vi Omar e Mor em diversos momentos, em seus trabalhos, em audiências públicas, principalmente atividades de enfrentamento dos migrantes senegaleses frente as truculentas e frequentes ações da Guarda Municipal e Brigada Militar contra os senegaleses.

Em uma reunião que estive em 2017 a convite do Omar, alguns senegaleses, talvez uns 20, se reuniram em uma sala de reuniões na Igreja da Pompéia, onde funciona o CIBAI (Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações) para discutir como iriam agir frente as apreensões de mercadorias ocorridas naquela semana na cidade. Na reunião não falei nada, na verdade a reunião aconteceu em *wolof*, eu não entendi nada. No final eles fizeram um breve resumo pra mim e para outro brasileiro que estava lá, e perguntaram o que achávamos. O outro brasileiro falou algumas coisas e eu segui quieta. Quando insistiram e perguntaram novamente, eu disse que estava lá para apoiar no que eles decidissem, mas que eu não me sentia à vontade opinando sobre como eles deveriam levar a luta deles. Eles não pareciam felizes com minha resposta. Queriam que eu tivesse um lado. Isso porque metade dos presentes acreditava que eles deveriam parar de vender óculos, produto de venda proibida pela Prefeitura de Porto Alegre. A outra metade dizia que os óculos eram os produtos que mais vendiam no verão e que não iriam parar porque precisavam vender. Isso já era final da reunião. Eu segui sem me posicionar sobre a situação.

Antes de iniciar esta reunião estive conversando com o Mor. Nessa conversa ouvi, talvez, as palavras mais importantes para minha pesquisa. Mor e eu falávamos de racismo e ele me dizia como o racismo estava acabando. Ele dizia que chegou em 2008 e que desde que chegou o racismo havia diminuído muito. Eu argumentava que não era porque ele não via, que não acontecia. Falei que o racismo é estrutural e que muitas vezes não se vê, mas quando se olham os dados se percebe racismo no sistema de saúde, judiciário, escolar, etc. Lembro de

ver ele pensando alguns segundos antes de concordar comigo. Ele disse, “realmente é assim mesmo”. E me perguntou “então como tu luta contra o racismo se ele está em tudo aqui no Brasil?”. Eu não soube o que dizer, mas lembro de ter gaguejado tentando responder, lembro de dizer que muitas pessoas negras lutavam de formas diferentes contra isso. Falei alguma coisa sobre eu tentar buscar alternativas para viver um pouco melhor diante do racismo. Ele comentou, “eu tenho para onde ir, minha casa não é aqui, é no Senegal, mas e vocês? Vocês vão pra onde?”. Aquela frase foi como um golpe na minha cabeça. Me deixou tonta. Ao mesmo tempo em que aquela frase passou a latejar de tempos em tempos na minha cabeça “eu tenho pra onde ir, e vocês?” foi e voltou muitas vezes na cabeça.

Desde 2016, estive em todas festas religiosas dos senegaleses que me convidaram. Em uma, talvez em 2017, quando eu estava chegando vi Omar na porta. Nos cumprimentamos e ele sorriu ao me ver. Estava frio e eu estava usando casaco e uma manta no pescoço. Ainda na porta, antes de eu entrar, Omar levantou o braço e fez um gesto onde pegou levemente minha manta e puxou para cobrir minha cabeça e cabelos. Eu entendi a mensagem e prontamente ajustei. Minha manta tinha virado um véu e a partir desse dia, passei a carregar manta sempre que ia a eventos religiosos.

Além de vice-presidente, Omar é um líder religioso mouride. Mouride é como chamam os seguidores da confraria Mouride, liderada pelo líder marabuto Cheikh Amadou Bamba no Senegal. A maior parte dos senegaleses em Porto Alegre são mourides. Omar era líder religioso no Dahir e vice-presidente da ASPA, onde, com muito carisma, humor e respeito, era uma referência para os senegaleses em Porto Alegre. Além disso, Omar trabalhava vendendo no centro, igual a muitos senegaleses na cidade.

O local de venda do Omar era perto da minha casa, então eu passava semanalmente por ele e sentava do lado dele. Algumas vezes que ele precisava se ausentar para ir ao banheiro, eu ficava cuidando de sua loja. Com o passar dos anos Omar cada vez mais falava o quanto estava cansado. Mostrava seu celular com centenas de mensagens pendentes para responder. Em 2018, em alguma das operações da Guarda Municipal de recolhimento de mercadorias, ele foi um dos senegaleses que teve suas mercadorias apreendidas pela prefeitura. Nas semanas seguintes ele tentava juntar dinheiro para comprar novas mercadorias, disse que não sentia mais vontade de ficar no Brasil. Além de falar da “cabeça cansada”, ele dizia que se sentia só. Queria casar-se. Em 2019, ele foi ao Senegal, casou, passou alguns meses da pandemia lá, voltou ao Brasil mas decidiu ficar em São Paulo. Recentemente, em junho de 2021, estive em São Paulo e fui no seu trabalho. Sua loja que antes era na Rua dos Andradas, agora fica no Brás.

Figura 02 - Omar Mouride e Mor enquanto esperavam palestra da Bienal do Mercosul.



Fonte: acervo da autora (2017).

Figura 03 - Sentada no banquinho conversando com Omar Mouride no centro de Porto Alegre.



Fonte: acervo da autora (2018).

Figura 04 – Omar Mouride no Salão de Extensão da UFRGS.



Fonte: acervo da autora (2018).

5.3 Arona, Elimane e Mactar

Eu passava pela Rua dos Andradas quase que diariamente e cumprimentava dois senegaleses que ainda não sabia o nome. Era fevereiro de 2017, minha afilhada estava de aniversário e eu não sabia o que comprar. Também não tinha muito tempo para me aventurar no centro para achar um presente. Pensei em ir comprar algo na lojinha dos senegaleses, meus amigos de cumprimentos. Comprar algo ali era um pretexto para me aproximar e conhecer aquelas pessoas que eu só cumprimentava. Eu achei um presente, um *ipod*, mas se eu pensei em economizar tempo, eu tinha ido no lugar errado. Passei quase uma hora conversando com os dois. Um falava muito, Arona, já morava a mais tempo no Brasil. O outro, Elimane, falava pouco, era novo na cidade e seu português ainda estava começando.

Depois desse dia, sempre que eu passava por ali, conversava um pouco. Às vezes muito. Eles já puxavam um banquinho e lá eu ficava conversando às vezes quatro, cinco horas. Minhas conversas com Elimane eram mais rasas, aos poucos ele ia se soltando no seu português e na sua timidez.

Arona segue falando tanto quanto desde a primeira vez. Me falava sobre religião, trabalho, a vida. Sempre muito religioso, tinha sempre uma frase de inspiração pra tudo na

vida. Por ser tão falante e por já termos intimidade, o convidei para ser entrevistado e ter a sua história de vida abordada com mais espaço. Por isso não vou me alongar sobre ele, pois terá um capítulo sobre sua trajetória.

Quando conheci os dois era verão. Com o fim do verão, veio outro senegalês que estava trabalhando na praia. Se juntou aos dois. Mactar era um pouco mais velho, tinha muito conhecimento sobre a vida. É uma grande referência para mim, com quem eu posso falar sobre qualquer coisa que ele sempre sabe uma resposta ou um conselho. Uma coisa conectava nossas conversas: casamento. Os três queriam casar e formar família. Falávamos sobre as possibilidades deles encontrarem esposas brasileiras. Nessas conversas falávamos sobre as diferenças culturais e trocávamos informações sobre as dificuldades entre as pessoas dos dois países se relacionarem. Em 2019 Mactar foi para o Senegal. De tempos em tempos nos falamos ao telefone. Ele agora está casado, já tem uma filha e construiu uma loja no Senegal, disse que aqui no Brasil está bem difícil e, aparentemente, não deve voltar.

Figura 05 – Eu, Lamp, Elimane, Arona e Mactar no centro de Porto Alegre.



Fonte: acervo da autora (2018).

Figura 06 – Eu, Elimane e Arona no centro de Porto Alegre.



Fonte: acervo da autora (2019).

5.4 Omar, Moustapha, Bassirou, Fallou e Hadija

Conheci Omar e Moustapha em 2016, um dia quando cheguei lá na casa deles tinha uma moça recém chegada que não falava basicamente nada: Hadija. Nascida em Gâmbia, filha de pai senegalês e mãe gambiana, ela passou a morar com os rapazes. Eles me pediram para ajudar ela a encontrar emprego. Nessa época eu buscava vagas de emprego e um dia uma amiga que trabalhava no MinC (Ministério da Cultura)⁹ buscava uma pessoa para trabalhar nos serviços gerais. Seus supervisores estavam passando a ter consciência racial e queriam empregar uma pessoa negra. Os supervisores dela adoravam ela. Gâmbia é um país de colonização britânica que fica geograficamente no meio do Senegal. A divisão dos dois países só existe por conta da colonização. Mesmo após a Conferência de Berlim¹⁰, esses dois países se juntaram, mas os conflitos trazidos com a colonização permaneceram e eles se separaram. Em Gâmbia falam muitas línguas que são faladas no Senegal, suas culturas são muito parecidas e, por isso, Hadija ficava no meio dos senegaleses igual irmã. Entre eles, falavam em *wolof*, mas sua língua colonial era o inglês, diferente do Senegal que é o francês. O fato de Hadija recém ter chegado ao Brasil e não falar português não era um problema. Seus supervisores no MinC que sabiam, falavam em inglês com ela. Mesmo sendo auxiliar de serviços gerais ela ganhou uma sala e um computador no escritório para que usasse para estudar português nas horas vagas de serviço.

Moustapha e Omar trabalharam um tempo de carteira assinada, mas como a maioria dos senegaleses, depois de ficarem desempregados, decidiram ir trabalhar na rua vendendo mercadorias, onde trabalham até hoje.

Sempre fomos muito amigos. Um dia me informaram que um amigo muito próximo do Moustapha, Bassirou, tinha sido assassinado no Centro, quando voltava do seu trabalho. Ele trabalhava em um restaurante no bairro Cidade Baixa, morava no Centro e voltava todos dias a pé. Nesse dia, voltando de madrugada sofreu em uma tentativa de assalto. Após resistir, levou uma facada e faleceu na hora. Lembro do Omar Mouride arrasado, eles moravam juntos. Moustapha quase não falava neste dia. A Associação rapidamente mobilizou senegaleses e apoiadores para juntar dinheiro e fazer o traslado do corpo ao Senegal. À noite

⁹ Em 2016, após o golpe no Governo Dilma, o governo Temer extinguiu o MinC e outros tantos órgãos.

¹⁰ Esta conferência foi um marco histórico e destruidor para os povos da África. Com um discurso eugenista e paternalista os países europeus uniram-se e dividiram a África como se divide um... Leia mais em <https://www.cartacapital.com.br/artigo/conferencia-de-berlin-usurpou-africa-e-instaurou-campo-de-concentracao/>. O conteúdo de CartaCapital está protegido pela legislação brasileira sobre direito autoral. Essa defesa é necessária para manter o jornalismo corajoso e transparente de CartaCapital vivo e acessível a todos (CARTA CAPITAL, 2021, s/p).

fui à casa da irmã de Bassirou. Antes, busquei na internet as fotos que Moustapha havia postado junto dele e revelei. Revelei também foto dele com a irmã. Entreguei as fotos e fiquei um pouco lá. Muitas pessoas chegavam na casa para prestar solidariedade à irmã dele.

Lembro de estar na cozinha e conversar com um senegalês que acabava de conhecer: Fallou. Fallou era primo do Bassirou. Lembro que ele contou que era da ASPA, tinha até carteirinha. Me mostrou a carteirinha onde tinha o nome e foto, se mostrando orgulhoso. Ele me perguntava muitas coisas que tinha curiosidade sobre as mulheres brasileiras. Por que algumas mulheres negras não gostavam dos senegaleses, por que era tão difícil achar uma esposa. Ele tinha os olhos grandes que brilhavam junto à sua curiosidade.

No dia 21 de janeiro, todos os anos acontece a marcha contra a intolerância religiosa no Brasil todo. Eu estava na concentração da marcha no centro de Porto Alegre de 2017 quando vi no mercado Público o Fallou parado olhando aquele movimento todo de muitas pessoas negras de terreiro. Não sei se ele entendia para que era aquela concentração, mas ele olhava fixamente. Realmente era algo que chamava atenção, centenas de pessoas com roupas de religião afro, falas em carro de som, faixas com reivindicações. No mês seguinte, em fevereiro, participei de uma festa, um carnaval de rua, na rua Dr. Barros Cassal, tinha centenas de pessoas lá dançando. Quando olhei para a rua estava Fallou e seus olhos grandes e curiosos olhando aquela aglomeração. Já era a segunda vez que eu pegava Fallou, imóvel, observando as multidões de Porto Alegre.

Em março do mesmo ano eu estava no meu trabalho olhando notícias e li que um senegalês tinha morrido em um acidente. Foi em um prédio no centro da cidade, o rapaz entrou no elevador, mas não viu que o elevador estava estragado e não estava lá, ele caiu no vazio e morreu na hora. Abri a notícia desorientada. Quando li um nome eu parei: Fallou. Tremendo enviei mensagem para o Alioune perguntando se ele sabia o ocorrido. Ele viu e não respondeu. Liguei e perguntei se aquele Fallou, era o Fallou meu amigo. Ele respirou e disse que estava demorando a responder porque também não sabia, mas que tinham confirmado, sim, aquele era o Fallou meu amigo. Eu demorei a acreditar que aquilo era verdade. Fallou morreu dias depois do seu primo Bassirou. O prédio não havia colocado aviso que o elevador estava estragado e o elevador não deveria ter aberto a porta. Foi uma negligência. Eu não conseguia conter a raiva. Conversei sobre isso com muitos senegaleses que diziam quase conformados que “Deus quis assim”, diziam que quando alguém morre em uma morte acidental como essa, é por que “Deus chamou ele para perto”, que ficaria tudo bem. Buscando essa situação na memória e escrevendo essas palavras o nó na garganta e as lágrimas

ressurgem. Fallou e Bassirou deixaram os familiares para tentar ganhar a vida no Brasil e suas famílias receberam seus corpos sem vida.

Figura 07 – Eu e Hadija assistindo treinos de futebol dos rapazes senegaleses.



Fonte: acervo da autora (2017).

Figura 08 – Alioune, Omar Lambaye, Moustapha e amigos no Magal Touba



Fonte: Josemar Afrovluto (2018).

5.5 Alioune

É extremamente difícil escrever sobre minha relação com Alioune, pois foi ele quem me inseriu na comunidade senegalesa. Foi ele quem inicialmente me mostrou como e por que comer com a mão direita. Ele quem me disse que eu não deveria abraçar ninguém, mas que poderia estender a mão e cumprimentar caso alguém estendesse. Foi ele quem me disse que

muitas das minhas perguntas eram inconvenientes e que tem coisas que simplesmente não se fala na cultura senegalesa. Ele quem me apresentou diversos provérbios e palavras em *wolof*. E ele quem, inicialmente, teve grande paciência em me explicar aspectos econômicos, políticos e culturais. Por conta disso eu não tenho como escrever momentos como fiz com os demais. É impossível registrar em um momento os anos de amizade e desse processo contínuo de (re)aprendizagem.

5.6 Mamour

Conheci o professor Mamour em 2016 quando ele fez um vídeo que viralizou nas redes sociais. No vídeo ele questionava sobre professores brasileiros especialistas em História da África que nunca tinham pisado no continente africano. Ele estava em frente à Universidade Cheikh Anta Diop no Senegal e dizia que as pessoas que queriam saber sobre História da África tinham que ir lá. Nessa época eu fiquei encantada e passei a segui-lo nas redes sociais. Posteriormente em mais um vídeo viral, ele estava em um congresso no Brasil e falava sobre imigração. Dizia que para os africanos tanto fazia estar vivo ou não, a vida deles não valia nada e eles sabiam disso. Ele se referia aos migrantes africanos que arriscam a própria vida tentando sair do continente africano de forma arriscada. Assisti àquele vídeo muitas vezes. Aquilo me chocava.

No outro ano Mamour fez um sorteio de um livro de Cheikh Anta Diop em sua página no Facebook. Ele fez uma enquete em que perguntava qual característica dele era parecida com a de Kanga Moussa. Na época eu não sabia quem era Kanga Moussa, do professor Mamour só sabia que era um intelectual engajado, ativista, aparentemente lulista, pan-africanista, que lutava pelos direitos dos migrantes africanos e também das pessoas negras no Brasil. Soube também da sua luta para entrar no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (CEFET/RJ) como professor. O CEFET/RJ por algum motivo não reconhecia “estrangeiros” no processo seletivo e Mamour, doutor e aprovado, estava sendo impedido de entrar no quadro de professores, onde posteriormente ele conseguiu garantir sua vaga. Sobre a enquete, eu pesquisei muito sobre Mansa Moussa, mas não lembro o que respondi. Algumas horas depois Mamour respondeu que ninguém tinha acertado a enquete, mas que iria sortear o livro mesmo assim. Por sorte, eu ganhei o sorteio. Ele me chamou no Messenger para tratar a entrega do livro e conversamos rapidamente. Arrisquei uma palavra em *wolof* que tinha aprendido com Alioune: *jerejeff*, que significa obrigada. Lembro dele ter achado graça.

Em 2018 eu vi em suas redes sociais que estava em Porto Alegre. Enviei mensagem para recebê-lo e mostrar um pouco da cidade se ele tivesse tempo. Para minha sorte, ele me respondeu e logo fui encontrá-lo. Fomos no Quilombo Lemos, que na época passava por uma tentativa de reintegração de posse. Eu sabia que o Mamour era um intelectual engajado e gostaria de conhecer. Chegando lá ele conversou com os moradores, falou sobre a importância das mulheres negras para a comunidade negra. As pessoas no Quilombo gostaram dele e pegaram seu contato. Não comentei, mas Mamour é extremamente carismático. Ele inicia uma conversa sempre com brincadeiras, sorrisos e logo está falando sobre revolução e tudo aquilo parece algo simples, leve e extremamente grave.

Em 2019 Mamour voltou a Porto Alegre para acompanhar as eleições do Senegal. As eleições seriam no domingo, e Mamour chegou um dia antes para conversar com alguns senegaleses e, se possível, virar alguns votos a favor de Ousmane Sonko que, segundo ele, era a maior promessa daquelas eleições. Um candidato à presidência jovem, nacionalista e pan-africanista. Caminhei pela cidade junto com Mamour e outros ativistas do *PASTE^F*¹¹ (*Patriotes africains du Sénégal pour le travail, l'éthique et la fraternité*), partido de Ousmane Sonko. Eles paravam e conversavam com muitos outros senegaleses com o objetivo de virar votos. No outro dia, nas eleições, era visível a preocupação de Mamour, mas ele ficou lá do início ao fim. Ousmane Sonko não venceu as eleições. Aquilo me deixava chateada. Eu não conhecia os candidatos, mas se Mamour estava a favor de Ousmane Sonko e acreditava que aquele era o candidato pan-africanista que o Senegal precisava, eu era a favor de Ousmane Sonko também.

Mamour se tornou um grande amigo, me enviou teses, *links* e sugestões para minha pesquisa. Difícil materializar aqui tudo que aprendi com ele. Mamour é uma referência em ativismo, um intelectual extremamente engajado, sobretudo na luta por uma educação digna, luta por equidade racial, luta por direitos humanos no Brasil e no continente africano.

¹¹ Le parti PASTE^F les patriotes a été fondé en janvier 2014 par des jeunes cadres de l'administration publique sénégalaise, du secteur privé, des professions libérales, des milieux enseignants et des hommes d'affaires qui, pour la plupart, n'ont jamais fait de la politique. (PASTE^F, 2021). Disponível em pastef.org. Acesso em: 01 de Nov de 2021.

Segundo Mamour a palavra PASTE^F além de significar (Patriotes africains du Sénégal pour le travail, l'éthique et la fraternité), em *wolof* significa resiliência (Mamour, 2021)

Figura 09 - Mamour conversando com os moradores e apoiadores do Quilombo Lemos em 2018.



Fonte: acervo da autora (2018).

Figura 10 - Mamour caminhando pela rua dos Andradas no centro de Porto Alegre junto a outros companheiros do partido PASTEF em 2019.



Fonte: acervo da autora (2019).

5.7 Gana

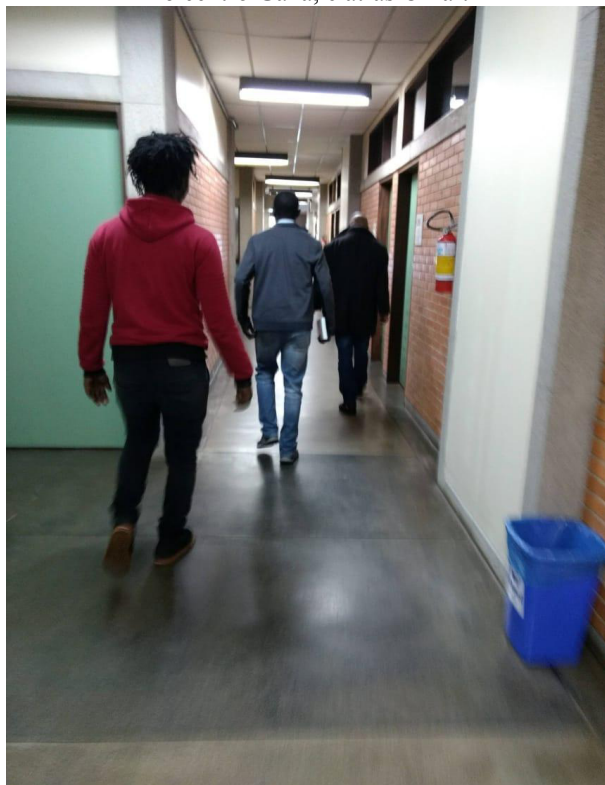
Em 2018, Omar me enviou mensagem dizendo que tinha um pesquisador senegalês de passagem por Porto Alegre e me perguntou se eu gostaria de conhecer. Prontamente disse que sim e fui encontrá-los em um café. Gana me perguntou se eu conhecia doutores negros na área

dele, Antropologia. Falei sobre o professor José Carlos dos Anjos. Alguns dias depois ele marcou um encontro com ele e eu e Omar fomos junto. Fomos na sala do professor Dos Anjos no Campus do Vale da UFRGS. Eles conversaram sobre migração senegalesa, migração africana, sobre a forma como os migrantes ocupam a cidade e sobre os negros na universidade. Importante dizer que o professor Dos Anjos é cabo-verdiano e foi o professor responsável pelo projeto de extensão que deu origem às cotas na UFRGS em 2006. Me senti privilegiada ali escutando toda aquela conversa e pouco me manifestei.

Depois desse dia encontrei Gana algumas vezes. Minhas conversas com Gana eram, na maioria das vezes, sobre a migração senegalesa, mas também sobre discussões acadêmicas. Gana gostava de me fazer perguntas que me fariam refletir ou que me colocavam em contradição comigo mesma. Percebi que ele gostava de observar muito e ouvir antes de falar qualquer coisa. Gana é antropólogo e estava fazendo seu doutorado em Boston. Passava pelo Brasil pela segunda vez para estudar a Ética Mouride. Tenho a impressão de que Gana conhece todas as pessoas que pesquisam a migração senegalesa. Se não pessoalmente, lendo seus escritos. Conhecer Gana me trouxe uma série de responsabilidades, algumas que eu já tinha, outras, senti que foram reforçadas por ele.

Em 2020, Gana retornou para ficar alguns meses morando em Porto Alegre e nos encontramos mais vezes. Compartilhei com ele as coisas que vinha observando e sempre que sentia espaço o enchia de perguntas. Ouvi algumas vezes como resposta: “por que você quer saber isso?”. Passado um tempo eu me perguntava por que eu queria saber. Minha curiosidade às vezes esquecia que há coisas que não se pergunta. Eu estava sendo inconveniente. Com Gana compartilhei meus receios em querer escrever sobre a migração senegalesa, mas ter limites na minha escrita. Por sorte ele sempre me apoiou dizendo, “escreve a verdade que não terá problema”. Eu refletia, qual verdade? Como se a verdade não fosse relativa.

Figura 11 - Foto quando fomos ao Departamento de Antropologia. À frente o Professor José Carlos dos Anjos, no centro Gana, e atrás Omar.



Fonte: acervo da autora (2018).

5.8 O Programa de Iniciação Científica do NEAB

Em 2017 o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEAB-UFRGS) publicou um edital, o primeiro Programa de Iniciação Científica do NEAB. Meus olhos brilharam quando vi aquilo, alguns professores negros iriam orientar estudantes de graduação pesquisadores das pautas do NEAB. Eu escrevi um pouco das coisas que vinha observando: o comércio informal, a cultura, a religiosidade, e o que na época chamei de nomadismo. Nomadismo foi a palavra que encontrei para tentar traduzir a constante mudança de endereço, cidade, estado, país dos senegaleses, sobretudo, deixar a cidade e ir para a praia vender e depois retornar. Tive a sorte de ser orientada pelo professor José Rivair de Macedo, historiador e uma referência em estudos africanos no Brasil. Rivair, como é conhecido, foi o primeiro professor a se interessar pela minha pesquisa. Eu me sentia inteligente. Uma intelectual questionando as coisas sobre África e o comportamento dos migrantes na diáspora.

Me questionei por que queria escrever sobre os senegaleses se eles não iriam ler a pesquisa. Então, para finalizar a entrega do projeto eu decidi fazer um vídeo¹² com a pesquisa.

¹² Senegaleses: Comércio informal, Religiosidade e Cultura nas ruas de Porto Alegre. 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RvU2PfnGf6g>

O vídeo teve mais de 7 mil acessos somando os acessos do Facebook e do Youtube. Dizem que foi assistido mesmo no Senegal. Algumas pessoas me diziam para traduzir e seguir meu trabalho de investigação. Meu objetivo em levar a pesquisa pra comunidade senegalesa tinha sido atingido. Além disso, o vídeo foi construído junto dos senegaleses, desde algumas referências que me indicaram, tradução de textos, a música, as imagens e a finalização do vídeo.

Em 2018 eu estava trabalhando e tive que trancar o curso de Administração na UFRGS. Estive facilitando cursos de empreendedorismo em diversas cidades do Brasil e, por onde eu passava, se encontrava senegaleses, eu sentava para conversar um pouco. Quando estive na cidade de Altamira, no Pará, algo curioso aconteceu. Altamira é uma cidade bem pequena e conhecida por ser a cidade onde foi construída a Usina de Belo Monte. Nesta cidade houve grande resistência do povo pela defesa do território dos povos indígenas e do Rio Xingu. Para a construção da Usina, além de desterritorializar o povo, muitos trabalhadores saíram de suas cidades e foram morar em Altamira para trabalhar nesta obra. Com o fim da obra, a cidade teve um grande quantitativo de pessoas desempregadas e houve aumento na criminalidade. Eu estava em Altamira porque o curso que eu facilitava era para jovens, em situação de vulnerabilidade social e estava presente nas cidades de maior índice de homicídios. Em 2017, Altamira liderava o ranking das cidades com maior índice de violência do país¹³.

Caminhando pelo centro de Altamira, encontrei dois senegaleses vendedores nas ruas. Durante a semana que passei lá, fui conversar com Cheikh quase todos dias. No primeiro dia ele disse que me conhecia. Eu perguntei se ele já tinha ido para o Rio Grande do Sul e ele disse que não. Ele me perguntou se eu havia ido para São Paulo e eu disse que não. Concluimos que não tinha como a gente se conhecer pois nunca estivemos na mesma cidade antes de Altamira. No meu último dia na cidade, fomos trocar nossos perfis do Facebook para não perdermos o contato. Para nossa surpresa ele já era meu amigo no Facebook. Então ele disse: “eu sabia que te conhecia, você foi a moça que fez o documentário”. Aquilo foi realmente surpreendente para mim. Ele se referia ao vídeo do Projeto do NEAB. O vídeo, realizado em Porto Alegre, tinha sido visto no interior do Pará. Surpreendente.

¹³ G1. 2017. Altamira lidera o ranking de cidades mais violentas do Brasil, diz IPEA. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/altamira-lidera-ranking-de-cidades-mais-violentas-do-brasil-diz-ipea.ghtml>

Figura 12 – Foto do dia da apresentação dos projetos construídos no NEAB. Alioune, eu e Omar Mouride.



Fonte: NEAB/DEDS (UFRGS, 2017).

5.9 O Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento

No final do ano de 2018 foi publicado edital de intercâmbio acadêmico financiado pela CAPES para estudar no México, através do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento. Reorganizei o projeto iniciado no NEAB e me inscrevi. Para minha surpresa eu fui selecionada e em abril de 2019 eu já estava no México para estudar até dezembro.

5.9.1 Senegaleses *Modou Modou* no México

Após um mês no México me indicaram conhecer Seyna, filha de um senegalês com uma mexicana. O pai de Seynabou tinha ido morar no México há mais de 40 anos. Seyna é cozinheira e iria trabalhar em uma feira, a FICA (Feira Internacional de Culturas Amigas), logo no mês seguinte à minha chegada, então combinei com ela de conhecê-la pessoalmente lá. Também já tinham me indicado conhecer essa feira, que unia migrantes de muitos países do mundo. Seyna seria meu primeiro contato ao chegar lá. Quando cheguei nos apresentamos, mas ela tinha muito trabalho, fila de clientes e eu não queria incomodar. A feira dividia área de alimentação e de artesanato. Seyna era responsável pelo estande do Senegal na área de alimentação, ao lado dela migrantes de outros países, inclusive africanos, serviam alimentos de seus países. O movimento era muito intenso e evidentemente eu não conseguiria conversar com ninguém naquele momento, então saí para caminhar e ver se encontrava migrantes nos

estandes de artesanatos dos países africanos. Vi a estande do Senegal ao fundo e fui caminhando ansiosa para ver se encontraria migrantes por lá. Mesmo ansiosa eu fui devagar, parando nos estandes de outros países africanos. Em um dos estandes, de Gana, fiquei conversando com um senhor por alguns minutos. Ele era muito simpático, usava *dreadlocks* até os pés e estava fazendo *dreads* em um cliente. Naquela feira os migrantes/expositores vendiam produtos e serviços relacionados a sua cultura. Muitas pessoas iam até lá apenas para tirar fotos com os africanos. Mas eu tentava não deixar o incômodo tomar conta, e seguia conversando com as pessoas. Entravam e saiam muitos africanos e eu me sentia muito feliz por finalmente os ter encontrado na cidade. Eu estava fazendo amizades e as pessoas comentando coisas que sabiam sobre o Brasil. Minha maior estratégia para me aproximar das pessoas era saber algo sobre seus países. Eu comentava algo sobre artistas e cantores que conhecia, conversava sobre cultura, e às vezes incentivava pequenos debates sobre política.

Eu ainda não tinha chegado ao estande do Senegal, estava ainda no estande de Gana, quando passou um rapaz com traços que me eram familiares. Eu olhei e sem pensar muito disse a ele que ele era senegalês. Com um mês no México, provavelmente meu espanhol me denunciava como brasileira ou de qualquer outro país não hispano. Ele me olhou com os olhos grandes e disse que não. Eu reafirmei, “seguro que eres senegalês”. Ele seguiu negando mas um ligeiro sorriso brotava, ele continuou, “eu sou natural de Passo Fundo”. Rimos. Passo Fundo é uma cidade do Rio Grande do Sul que vivem muitos senegaleses¹⁴. Ele estaria afirmando que era senegalês e que teria passado pelo sul do Brasil, parecia que ele sabia, não só que eu era brasileira, mas também sulista. Conversamos muito, ele me levou ao estande do Senegal e conheci, finalmente, muitos senegaleses, uns dez talvez.

O curioso é que Omar estava trabalhando no estande de Maurîtânia, lá ele vendia joias, bolsas africanas em couro, café e chá senegaleses. Passei a achar engraçado aquele troca-troca de pessoas africanas em estandes de outros países. Todos ali se conheciam. Também pudera, eram poucos, talvez eu tenha conhecido neste dia umas trinta pessoas de muitos países: Nigéria, Gana, Camarões, Costa do Marfim e Senegal. Pela primeira vez, em quase dois meses no México, me sentia finalmente em casa e me sentia “pesquisando”. Como se até antes de conhecê-los eu não estivesse fazendo pesquisa.

A feira ia permanecer na cidade por quinze dias, pelo menos em nove dias eu estive lá. Ia comprando mercadorias de cada país. Bolsa, livro, roupa e artesanatos para me aproximar daqueles com quem eu não tinha interagido ainda. Em algumas conversas, entrei também nas

¹⁴ Em Passo Fundo/RS há muitos frigoríficos, onde trabalham muitos senegaleses.

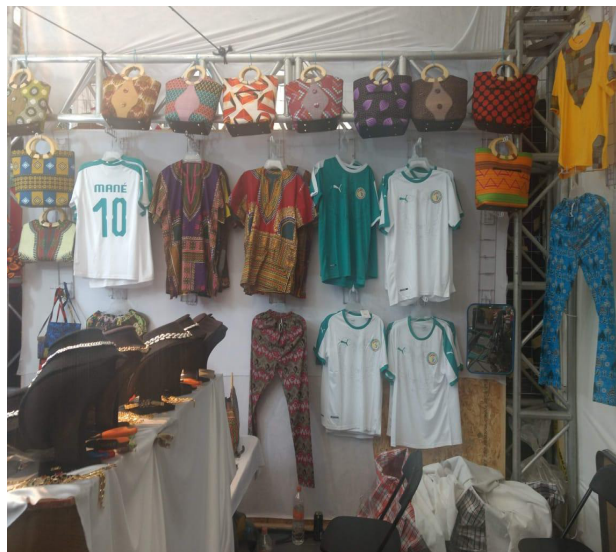
fotos dos “ *paparazzi*” da feira que tiravam fotos escondidas de pessoas africanas. Nem todos tinham vergonha de tirar fotos e entravam no estande e pediam para posar junto de um africano. Crianças acompanhadas de professores da escola aproveitavam para perguntar o que podiam àquelas pessoas que, aparentemente, lhes eram diferentes.

Figura 13 - Foto do estande do Senegal na área de alimentação da feira FICA.



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 14 – Foto do estande do Senegal na área de artesanatos na feira FICA.



Fonte: acervo da autora (2019).

5.9.2 Omar

Omar é um rapaz jovem, tinha 29 anos quando o conheci e se tornou um amigo para conversar sempre. No entanto, ele viajava muito, em feiras de todo o país – Guadalajara, Oaxaca, Yucatán, Baja California. Ele e a maioria dos migrantes comerciantes conheciam o país todo. Quando não tinha feiras, Omar trabalhava na Cidade do México em pequenas feiras de bairro, chamados *tianguis*¹⁵. Nos *tianguis* se encontra de tudo: roupas novas, roupas usadas, comidas, brinquedos, acessórios, bicicletas, absolutamente tudo tem lá. Em um *tianguis* próxima a sua casa, Omar vendia apenas jóias, não as bolsas e café que vendia na feira FICA. Disse ele que o público era outro e os produtos que vendiam nos *tianguis* geralmente eram muito baratos. Depois de visitar Omar no *tianguis*, fui pra casa dele jantar, onde encontrei todos os outros senegaleses que conheci na FICA. Quase todos eles estavam a mais de oito anos no México, por isso, meu recém aprendido espanhol foi tema de risada a noite toda. Depois da janta entrevistei Omar sobre sua trajetória e o gravei.

Figura 15 - Foto de Bamba trabalhando no Thianguis.



Fonte: acervo da autora (2019).

¹⁵ Thianguis são feiras de bairro muito conhecidas no México por venderem de tudo. Roupas, sapatos, brinquedos, comidas, brechó. Alguns acontecem duas, três vezes por semana. Tudo se encontra em um thianguis. Os feirantes pagam uma contribuição irrisória pelo espaço para a prefeitura. Muitos feirantes dos thianguis trabalham somente com isso.

Figura 16 - Foto com o Omar trabalhando no Thianguí.



Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 17 - Foto da janta na casa do Omar.



Fonte: acervo da autora (2019).

Retornei naquela casa para o *Magal Touba*¹⁶. Omar me disse que não estaria pois estava em outro estado, mas eu fui mesmo assim. Eu tinha certeza que seria bem recebida. De

¹⁶ Magal Touba é uma festa religiosa senegalesa muito importante para os senegaleses, onde eles comemoram a data de exílio de Cheikh Amadou Bamba.

fato, nenhum dos senegaleses que conheci no dia da janta meses antes, estavam em casa naquele dia. O Magal Touba na Cidade do México tinha apenas uns sete senegaleses. Eu passei a tarde lá, conversamos, comemos e eles me fizeram muitas perguntas sobre meu trabalho. O Magal Touba aconteceu em outubro, pouco antes da comemoração do Dia de Los Muertos do México. Por consequência, no Magal Touba do México tinha para comer pan de muerto, um pão conhecido para a festividade mexicana¹⁷. Eu achei graça em conhecer o Magal Touba com alimentos mexicanos.

Após meu retorno ao Brasil, segui em contato com Omar. Ele regressou ao Senegal em 2020, no período da pandemia e em 2021 voltou para o México, mas me confessava certa inquietação, uma vez que, com a pandemia, algumas feiras que ele trabalhava não existiam mais. Recentemente me enviou por WhatsApp sua localização, estava no Canadá. Ele demonstrava muita felicidade por ter mudado para lá, afinal, esse era um desejo antigo.

Figura 18 - Foto do Magal Touba na Cidade do México - Outubro/2019.



Fonte: acervo da autora (2019).

¹⁷ *Pan de muerto* É um pão do tamanho de uma mão e possui em cima pedacinhos de pão que imitam pequenos ossos. O pão é produzido apenas em outubro e novembro porque faz parte das oferendas dos altares que os mexicanos fazem para seus finados nestas datas

Figura 19 - Foto do almoço no Magal Touba na Cidade do México - Outubro/2019.



Fonte: acervo da autora (2019).

5.9.3 A fronteira

Meus professores e orientadores me orientaram a não ir até a fronteira. Diziam que era um lugar perigoso. Mas eu refletia sobre ser estudante de migração no México e não conhecer a fronteira. Pra mim é como ir a uma festa senegalesa e não comer nada. Então me organizei para passar uma semana em Tijuana, na Baja Califórnia. Meu objetivo era encontrar migrantes senegaleses ou de qualquer outra nacionalidade africana. Antes de ir anotei os endereços de albergues, da estação migratória, da fronteira na praia.

Quando cheguei caminhei horas pelas ruas no centro da cidade, mas não encontrei migrantes vendedores que imaginei que poderia encontrar. Fui até o albergue Espacio Migrante diversos dias daquela semana; em um deles acompanhei o trabalho de atendimento a migrantes, em outro acompanhei uma reunião com migrantes africanos. No primeiro dia lá fui acolhida por uma psicóloga haitiana que, com muita disposição, me orientou pela cidade. Ela me levou em diversos estabelecimentos de haitianos. Em um único dia, conheci cinco restaurantes, três salões de beleza, a sede da Associação dos Haitianos e dois mini mercados. Conversei com muitos haitianos que, quando sabiam que eu era brasileira, demonstravam uma felicidade que eu não saberia explicar aqui. Já mudavam a língua do espanhol para o português e me mostravam músicas de cantores brasileiros conhecidos. Eles explicavam que a vida na fronteira era muito difícil. Que o Brasil sim era bom, eu instigava mais a conversa e eles falavam do carisma da população, dos bons empregos que tiveram no Brasil e também dos benefícios sociais que os permitiram ter acesso à alimentação e saúde, como o Bolsa Família. Em determinado momento um rapaz abriu a carteira e me mostrou que ainda guardava o seu cartão do SUS. Eu demonstrava surpresa ao mesmo tempo em que sorria.

Com orgulho, outros repetiram o gesto e me mostraram seus cartões. Aquilo me parecia incrível. Hoje, escrevo este trabalho em meio a uma pandemia e comemoro ainda mais que antes, a existência do SUS. Viva o SUS!

A maior parte dos migrantes que conversei na fronteira foram haitianos e camaroneses. A maioria dos haitianos que conheci lá havia chegado em 2016, segundo eles, logo no período em que a presidente Dilma Rousseff passou pelo *impeachment*, depois disso, o Brasil estava ruim. Por conta do tempo morando na fronteira, eles falavam muito bem tanto espanhol quanto português. Já com os migrantes camaroneses eu tinha dificuldade de me comunicar. Eu não falava nenhuma das línguas coloniais que eles falavam – francês e inglês – e eles passavam pouco tempo na fronteira.

A maioria das pessoas africanas que conheci lá estavam há mais ou menos três meses aguardando a autorização de entrada nos Estados Unidos. Tempo insuficiente para aprender espanhol. Isso me fragilizava muito pois nossas conversas eram às vezes pelo Google tradutor no WhatsApp. Me fragilizava mas não me impedia de me comunicar. Eu ficava sentada nos bares com eles, conversando o que dava. Eles disseram que poucos senegaleses passavam por lá e quando passavam, logo conseguiam atravessar a fronteira. Naqueles dias o mais próximo que cheguei do Senegal foi um rapaz de Maurîtânia. Mas quando o busquei no dia seguinte para conversar, ele já tinha atravessado a fronteira. O mesmo aconteceu com um rapaz de Guiné que tinha vivido no Brasil três anos. Enquanto conversávamos no bar o chamaram para almoçar. Depois ele não retornou. No outro dia, quando cheguei na Estação Migratória o vi dentro do carro da migração sorrindo, feliz por estar conseguindo realizar a travessia. Tudo foi muito rápido. No dia seguinte eu me questionava porque não aproveitei mais aquela conversa antes do seu almoço. O tempo da fronteira é outro.

Nos primeiros dias, muitos dos migrantes tentavam me impressionar, como para me “cantar”. No início pode ter sido engraçado, mas em algum momento as conversas eram somente sobre mim, então eu dizia a eles que meu único objetivo lá era estudar e que iria embora em poucos dias. Tive que falar para eles que não gostava dessas conversas. Antes disso, um rapaz havia colocado a mão na minha perna e outro tinha tentado me beijar na rua. Profundamente brava eu falei que isso me desrespeitava e prontamente eles entenderam.

Em um dos dias em meio a uma tarde de conversa no bar, um deles disse que sabia que eu não gostava, mas me pediu “*hug*”. Este rapaz estava a menos de um mês na fronteira e não falava quase nada de espanhol. Um deles, que estava a quatro meses, meu amigo mais próximo lá, tentava traduzir o que queria dizer a palavra. Antes ele disse: “não fui eu que pedi, estou apenas traduzindo”. Ele falava se esquivando após meus comentários sobre eu me

sentir desrespeitada quando eles tocavam meu corpo sem permissão. Infelizmente eu seguia sem entender a palavra “*hug*”, na verdade, eu sequer sabia se era francês ou inglês. Para ajudar, os rapazes faziam gestos com as mãos, simulando apertos nos braços. Segui sem entender. Buscamos no tradutor, que, por teimosia, decidiu não traduzir aquela palavra. Não era a primeira vez que o tradutor me deixava sem respostas, talvez, estivesse cansado de tanto trabalho naquela semana. No fim, mesmo sem entender o que era, mas percebendo como algo positivo pela expressão de todos, eu disse que sim. Ele levantou, fez um gesto para eu me levantar também e me deu um abraço. Um longo abraço. Agradeceu e sentou de volta à mesa, onde seguimos conversando.

Durante a semana os meus novos amigos camaroneses me convidaram para conhecer a noite. Eles me prometeram que não aconteceria nada e que me cuidariam. Tive receio mas fui. No centro da cidade havia muitas casas de prostituição. Os rapazes já tinham me alertado que eu encontraria muitas mulheres em situação de drogadição e prostituição nas ruas. Fomos em um bar que eles disseram que era deles. Era um bar noturno e a maioria das pessoas que trabalhavam lá eram camaronesas: segurança, DJ, copa. Apenas a pessoa do caixa era mexicana. Com muita música africana, mulheres mexicanas “fora do padrão”, entenda-se por mulheres mais velhas e mulheres não vistas como belas, frequentavam o bar e seduziam os migrantes em um tipo de *strip tease* no *pole dance*. Eu tentava ver aquilo com naturalidade e passei a noite jogando sinuca com meu amigo. O bar era frequentado por maioria de homens africanos e haitianos, algumas companheiras deles e mulheres mexicanas desacompanhadas.

Durante a semana na fronteira conheci migrantes de diversas nacionalidades e os acompanhei até a estação migratória. Alguns iam finalmente para os Estados Unidos, outros iam acompanhar e despedir-se. Perguntei a alguns migrantes se eles tinham conhecido a fronteira, eles disseram que sim, que iam todos os dias. Perguntei novamente, pois a fronteira na praia é longe do centro. Eles confirmaram que sim, que era ali perto de onde estávamos, precisava apenas atravessar a ponte. Percebi que haviam entendido que eu falava da Estação Migratória. A Estação Migratória para eles era a fronteira. Então eu passei a refletir sobre isso. Para mim aquele grande muro de ferro de 730 km de extensão, era a fronteira. Para eles, ainda que existisse ali uma distância na linguagem, a fronteira que ia até a praia era mais simbólica.

Em um dos dias sentada na mesa com eles um coioote apareceu, sentou na mesa e explicou que cobrava US\$ 80,00 pela travessia. Franky, o coioote, após explicar como funcionaria a travessia em inglês e espanhol, mostrar vídeos de outros “clientes” pulando o muro, deixou seu contato para todos, inclusive para mim. Já estávamos a sós, sem o coioote, e

os rapazes pareciam seguir eufóricos com aquela possibilidade. Sobretudo os haitianos, que após três anos morando na fronteira, pareciam ter desistido de fazer a partida. Disseram que era uma boa proposta porque outros cobravam US\$ 700,00 para fazer a travessia pulando o muro. Eu falei que após pular o muro poderia ter alguém que os sequestrasse, que pegasse órgãos de seus corpos, que levasse para prostituição ou mesmo apenas os matasse. Eles ficaram surpresos e até acharam um pouco de graça em tanta preocupação minha, pois nada do que eu dizia poderia acontecer. Percebi que mesmo na fronteira, mesmo após passar pela selva de Darién,¹⁸ os migrantes pareciam acreditar naqueles coiotos. Mas a verdade é que foi através do trabalho de coiotos que eles chegaram ao Brasil e ao México. A única pessoa naquela mesa que não acreditava no Franky era eu.

Fui até Playas de Tijuana conhecer o muro. Enquanto eu caminhava o mais próximo que podia do muro meu coração estava acelerado e uma série de pensamentos ferviam na minha cabeça. No muro haviam frases escritas que podiam ser lidas de longe como “*Want to be home*”, “*Stop deportations now*”, quanto mais próxima do muro eu estava, mas eu podia ler outras frases. Em algumas partes havia desenhos, em outras estavam escritos centenas de nomes de pessoas desaparecidas, fotos de desaparecidos impressas e envoltas em saco plástico, para que a imagem daquela pessoa resistisse às ações do tempo. Cheguei o mais perto que pude do muro, mas evitei tocá-lo. Para mim era como se aquele muro estivesse sujo de sangue. O sangue de todas as pessoas que morreram sem conseguir atravessá-lo. Era uma sensação tão ruim que minha cabeça imaginava realmente cenas aterrorizantes. Fiquei caminhando, um pouco desorientada, por aquela praia cinza a manhã toda. O dia estava ensolarado na cidade, mas naquela praia tudo era cinza e a praia mesmo limpa, tinha aspecto de suja.

Foi desorientada e caminhando na praia que encontrei uma pedra. Na pedra tinha um desenho que era igual a letra “x”. Fiquei horas olhando para aquela pedra. Aquele “x” representava uma encruzilhada. As horas que fiquei lá eu fiquei imaginando o “privilégio” que era estar lá. Muitas pessoas morreram no trajeto sem poder sequer chegar até a fronteira. Meu passaporte e meu visto me permitiam chegar lá. Durante a estadia, alguns migrantes me perguntavam se eu ia atravessar a fronteira. Eu dizia que não, dizia que estava lá para estudar e que voltaria para o Brasil. Eles me sugeriram atravessar. Nas falas deles, não importava

¹⁸ Para chegar ao México por terra é necessário atravessar muitos países da América Latina. A Selva Darién interrompe o caminho no Panamá. A Selva Darién é onde mais ocorrem mortes, desaparecimentos e violações no percurso rumo ao México.

porque eu estava lá, nem o que tinha de compromissos futuros, eu deveria aproveitar que estava lá e seguir rumo aos Estados Unidos.

Aquela pedra me dizia mensagens que depois pareciam óbvias. Eu estava em uma das fronteiras que mais mata no mundo e estava diante de uma encruzilhada. Eu tentava conhecer as fronteiras e encruzilhadas dos migrantes, mas não percebia as minhas. A encruzilhada é o centro do “x”. É onde se olham as opções e se decide para onde ir. Existem opções. Estar na encruzilhada é estar no ponto 0 de algo. Tudo é possível. Cada um decide o que fazer, para onde ir e sobretudo quem se quer ser. É por isso que essas duas palavras dão nome a este trabalho: fronteiras e encruzilhas.

Um fato curioso que aconteceu na fronteira foi que lá eu era a “brasileira estrangeira”, eu representava o estranho, inclusive o perigo. Eu era uma mulher negra brasileira querendo saber informações da vida de pessoas que tinham passado por situações de trauma. Na fronteira, é muito delicado fazer qualquer pergunta, isso pode gerar desconfiança, principalmente sendo uma pessoa “estrangeira”. Conversando por WhatsApp, através do google tradutor, enviei meus documentos, minhas redes sociais e o vídeo que eu havia produzido no NEAB para demonstrar minhas intenções. Um dos rapazes buscou toda minha família e depois descobri que ele tinha adicionado inclusive minha mãe no Facebook. Em uma das conversas com um dos amigos camaroneses, ele explicava porque tinha desconfiança em mim:

As pessoas no meu país não confiam em ninguém que vem para fazer perguntas a partir deles, porque há um monte de mal acontecendo no México. Há muitos espiões por aí. Pequeno erro que alguém faz, pode colocá-lo em apuros. Passamos por muitos países para chegar aqui. Em alguns países, policiais e guardas da imigração intencionalmente nos exploram. Como na Nicarágua, onde cada migrante foi tomado U\$150 cada um. Não só isso, na Colômbia também, a polícia virá como para proteger, mas no final vai vigorosamente tirar dinheiro das pessoas. Mesmo aqui no México também (Entrevistado anônimo).

Em uma reunião em que estive no Espacio Migrante, uma advogada da Etiópia residente nos Estados Unidos dava orientações para os migrantes não tirarem fotos, não darem informações pessoais para estranhos e falarem a verdade da trajetória deles no dia da entrevista na Estação Migratória. Por ser uma mulher negra, africana e indicada pelo Espacio Migrante para falar com os migrantes, ela tinha total atenção deles, respeito e legitimidade para falar. Alguns migrantes falaram que era a primeira vez que viam uma advogada negra ir até lá ajudar eles.

Figura 20 - A fronteira.



Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 21 – A estação migratória (a fronteira).



Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 22 – O muro.



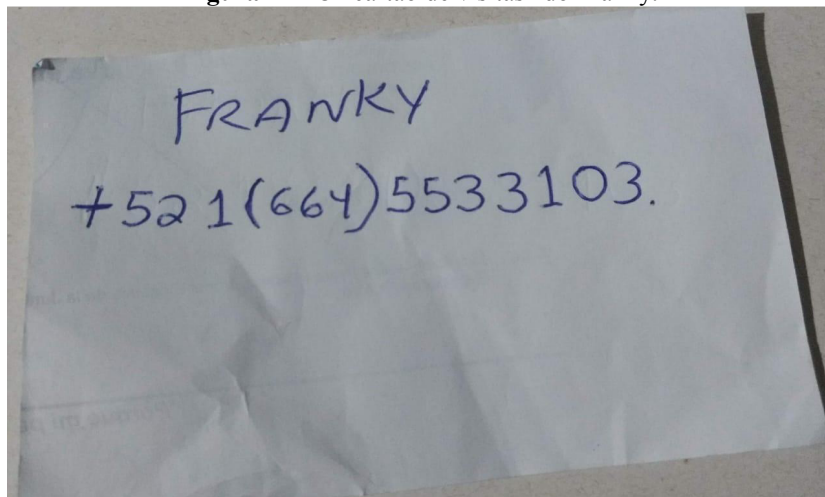
Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 23 - A pedra. A encruzilhada.



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 24 - O “cartão de visitas” do Franky.



Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 25 – Rapazes haitianos e camaroneses brincando com um patinete. Eu estava sentada no bar conversando com eles.



Fonte: acervo da autora (Tijuana/2019).

5.9.4 Um relato da rota mais perigosa das Américas

Além do grande desejo em conhecer a fronteira norte, eu gostaria de ter conhecido a fronteira sul. No entanto, algumas situações que vivi em Tijuana me causaram grande dúvida sobre essa viagem. Além disso, refleti sobre o obstáculo da língua, que na fronteira sul, logo na entrada no México, deveria ser mais difícil. Decidi não ir.

Uma das pessoas que entrevistei na Cidade do México, me relatou a dificuldade do trajeto entre o Brasil até chegar a fronteira sul do México. Eu não gravei a entrevista, mas registrei em diário de campo a história que escutei. Eu estava a dias tentando entrevistar esta pessoa. Mas sempre tinham contratemplos. Percebi que os dias em que nos desencontramos, também foram dias em que ela observava minhas intenções, me analisava e talvez buscasse saber se poderia confiar em mim. Quando se sentiu segura me chamou.

Mal tínhamos nos cumprimentado e ela disse: Eu vou te contar tudo, pode sentar. Ela tomou a fala e eu quase não a interrompi por muito tempo. Depois da conversa não lembro como cheguei em casa. Eu estava zozna e as palavras de Nabintou ainda ecoavam. Corri para

o computador para registrar e não esquecer nenhuma palavra. Decidi trazer parte do que registrei neste dia:

Depois de um ano no Brasil, ainda sem o documento deferido pelo CONARE, eles iniciaram o trajeto até os EUA. Nabintou, Samuel (seu marido) e Ajara (sua cunhada) saíram de São Paulo e foram para o Acre. Passaram por Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras e Guatemala até chegar a Tapachula, na fronteira sul do México. Ela disse que o trajeto todo foi guiado por coiotes. Contou que na Colômbia foram muitos coiotes, mais ou menos US\$20, US\$30, US\$50 para cada um que aparecia a mais no caminho. A pior parte do trajeto foi o Panamá, pois tiveram que atravessar uma floresta, a selva Darién. Na Colômbia, com orientações dos coiotes, puderam se organizar antecipadamente. Foi sugerido que comprassem botas de borracha, luvas, lanternas, facões, alimentos, água e levassem o mínimo na bagagem. O trajeto é extremamente perigoso porque na floresta existem muitos oportunistas, ladrões e animais selvagens, contou Nabintou. Disse que o grupo com que foi era de mais ou menos sessenta pessoas de diversos países: Congo, Cuba, Venezuela e Angola. Perguntei se haviam mulheres sozinhas, ela contou que sim, mas que encontraram marido no caminho, que era melhor estar acompanhada para se proteger. Me mostrou algumas fotos suas em parte do trajeto. Em uma das fotos ela e sua cunhada estavam em um barco com coletes salva vidas. Em outra foto, sua pequena mochila em cima do barco e no fundo um rio. Na floresta é morro e tem que subir muito. Esse trajeto dura entre sete e quinze dias, dependendo do ritmo da caminhada, contou ela. No primeiro dia disse que eles caminharam desde 1h da tarde até 3h da madrugada, sem parar. Disse que sempre ficava para trás, inclusive atrás de outras mulheres que carregavam crianças. Disse que sentia muito cansaço e desejou voltar, mas seu marido não permitiu, disse a ela que ela não poderia voltar sozinha. Ele dizia que voltar naquele momento sozinha seria tão perigoso quanto seguir a viagem. Ela seguiu. Contou que durante o trajeto, por horas, ela só chorava. Chorava e seguia caminhando. Tinha muitas bolhas nos pés de andar por dias, andar pelo barro e pela água. Contou que em um momento um homem foi picado por cobra, em outro momento, outro teve ataque do coração. Os dois morreram lá. Depois comentou: nesse caminho é bom ter alguns amigos e ser amável porque assim podem te enterrar caso morra, se não, o teu corpo fica ali mesmo”. Falou dos inúmeros corpos que ela viu por lá. Às vezes quando paravam à noite disse que algumas pessoas cantavam, falou que cantar fazia bem. Faltou alimento e algumas vezes conseguiram pegar peixes, por no fogo, por sal e comer. Água sempre tinha, porque sempre que paravam em rios, enchiam suas garrafas. Disse que no meio do caminho encontraram uma criança de mais ou menos cinco anos perdida. Sua cunhada a levou no colo por dias, até que encontraram sua mãe: uma moça venezuelana. Nabintou explicou que junto com os coiotes vão suas mulheres e quatro cães. Os cães ficam indo e voltando todo o trajeto. Ela disse “parece que eles já conhecem cada pessoa dali, quando alguém ia ficando para trás ele já latia. A mulher do coiote tinha muita disposição, ela fazia o caminho duas vezes, ia e voltava um morro enquanto eu, cansada, subia uma única vez. Constantemente, eles diziam ‘andale’ para que a gente andasse mais rápido”. Perguntei o que sentiu quando saíram de lá, quando terminaram o trajeto da Selva, ela contou que falava: ‘graças a deus’, e comentou ‘eu poderia ficar em qualquer país. Qualquer lugar que eu parasse depois da floresta eu poderia viver’. Mas ela, o marido e a cunhada seguiram e chegaram até a fronteira da Guatemala com o México. (Anotações de diário de campo do intercâmbio. México, 2019).

Quase dois meses da data em que saíram do Brasil, eles chegaram na fronteira sul do México, em Tapachula. Ela, natural de Camarões, conseguiu salvo-conduto, um visto humanitário temporário de vinte dias, para entrar e transitar no México até a fronteira norte. Mas seu marido e sua cunhada, de Costa do Marfim, tiveram problemas para entrar. O argumento do governo mexicano era que o país Costa do Marfim não possui conflitos

armados como há em Camarões. Além disso, no México há uma embaixada de Costa do Marfim. Isso significa que há acordos entre estes países. Os migrantes de Costa do Marfim não podem receber o salvo-conduto e ao entrar, precisam solicitar refúgio no México, sob pena de serem deportados.

Ela, a única deles que conseguiu o visto humanitário temporário, entrou no México e foi até a Embaixada da Costa do Marfim, na Cidade do México, foi pedir para que emitissem um salvo-conduto para seu marido e sua cunhada. Ela contou que implorou na Embaixada pela sua família, mas não adiantou. Os vinte dias do seu visto humanitário estavam expirando e ela se viu obrigada a solicitar refúgio no México para não ficar indocumentada. Disse que não iria até a fronteira norte, não queria entrar nos Estados Unidos sem seu marido e cunhada. Distante do marido que ainda estava na fronteira sul, ela pedia, em conversas por telefone, que ele aceitasse pedir refúgio no México para eles viverem lá mesmo. Ele foi resistente, queria ir para os Estados Unidos. Com a distância eles se separaram. Meses depois, ela soube que ele conseguiu entrar no México e seguiu sozinho rumo aos Estados Unidos.

Nabintou e seu ex viveram três anos juntos. Eles sonharam com uma oportunidade nos Estados Unidos, mas tiveram sua família separada pela fronteira. A fronteira que diferencia pessoas por condição de nacionalidade e históricos de acordos entre países.

Além de refletir sobre os atravessamentos que a fronteira causa nas pessoas e em suas famílias, lembrei do “*hug*”, o abraço que me pediram na fronteira. Recordo que o rapaz que me pediu estava a menos de um mês na fronteira. Com isso, é possível que eu tenha sido a primeira pessoa que ele abraçou após atravessar tantos países. Eu não comentei, mas aquele abraço foi muito bom para mim também. Refletir sobre a situação hoje e sobre eu ter causado uma sensação boa em alguém, me faz lembrar desse abraço com muita ternura.

Isso me faz lembrar de outro abraço que ficou conhecido no mundo todo: um migrante senegalês que chegou na Espanha por via marítima e recebeu um abraço de uma voluntária da Cruz Vermelha, em maio de 2021¹⁹. Eu não sei se há semelhanças entre estes abraços. Provavelmente sim. Em todo caso concluo que são abraços de migrantes sobreviventes.

5.9.5 Diana e Mamadou

No meu penúltimo mês no México estive em um evento fora da Cidade do México, onde eu morava, em Toluca. Fui apresentar parte da pesquisa sobre os senegaleses no Brasil e

¹⁹ CNN, 2021. Voluntária da Cruz Vermelha abraça imigrante senegalês em Ceuta. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/voluntaria-da-cruz-vermelha-abraca-imigrante-senegales-em-ceuta/> Acesso em Nov 2021

no México. Era importante vivenciar o intercâmbio ao máximo, pensava eu. Toluca fica em outro estado, Estado de México. Apresentei o trabalho, mas tive pouco retorno dos participantes que me pareciam não ter entendido muito bem a pesquisa. Os estudos africanos no México ainda são pouquíssimos e eu tinha a sensação de que o público não estava muito interessado.

Saí da sala cabisbaixa e andei pelo pátio da faculdade reflexiva. Para ir até a cidade paguei transporte, hospedagem e alimentação. Imaginei que o dinheiro que tinha gasto na viagem poderia ter sido convertido em presentes para a família na volta para o Brasil. Eu me perguntava se teria valido a pena ir a um evento para ninguém me fazer nenhuma pergunta sobre minha apresentação.

No pátio da faculdade havia uma feira e eu caminhava um pouco desorientada quando vi um estande de roupas africanas e um rapaz negro, possivelmente africano, sentado. Aquilo aquecia meu coração de uma forma que eu não conseguiria explicar. Fui até ele e perguntei sobre sua nacionalidade. Senegalês! Foi inevitável o grito que dei e já fui me aproximando ainda mais dele. Eu disse: “não, você não está falando sério”. Ele disse: “sim”. E fazia uma expressão estranha, sem entender por que afinal eu estava tão surpresa e feliz em vê-lo. Expliquei que estava na cidade apresentando um trabalho sobre os senegaleses no Brasil e no México. Ele também não acreditou. Disse que se soubesse teria entrado para assistir. Mamadou era jovem, disse que era senegalês mas tinha nascido no Canadá, e morava no México com seus pais desde criança. Disse que no início da adolescência morou no Senegal por alguns anos. Sua família o enviou para que ele não perdesse a cultura por nascer e crescer longe do Senegal, contou ele.

Não retornei mais para as salas do evento e passei o dia todo conversando com Mamadou enquanto ele trabalhava na feira. No final da tarde, sua mãe, Diana, veio recolher as roupas. Tive de conter a ansiedade de fazer muitas perguntas para ela. Me apresentei, expliquei porque estava lá e depois perguntei se ela voltaria no outro dia do evento para conversar mais com ela. Eu não parava de admirar aquela mulher tão maravilhosa. No dia seguinte, ela me falou um pouco da sua vida. Ela casou com um senegalês que estudava Engenharia no Canadá e foi morar com ele. Nesse período ela estudava Design de Moda. Depois de formado, seu marido conseguiu um emprego de professor no México e eles vieram para a cidade de Toluca. Quando vieram, Mamadou era criança e, em 2019, quando eu estava lá, eles completavam 21 anos morando na cidade. Nestes anos, ela deu aula de francês em uma escola, mas agora queria colocar em prática seu sonho: montar sua loja de roupas africanas. Todas as roupas que estavam expostas ali na feirinha, ela que havia costurado.

Além das roupas, tinham bolsas e sapatos desenhados por ela, e também bijuterias e artesanatos vindos do Senegal.

Ao final do segundo dia de evento ela me disse que meu trabalho era importante para o Senegal e para a diáspora e me incentivou a continuar. Isso, porque falei do desânimo em estar naquele evento onde ninguém me fez nenhuma pergunta sobre minha pesquisa. Ela dizia; “aqui ninguém sabe nada do Senegal, tem que ter paciência”. Enquanto desmontávamos o estande no segundo dia, ela ia me oferecendo coisas. Qualquer coisa que eu gostasse. Aceitei uma bermuda e uma pulseira em búzios. Ela disse que aquela pulseira iria me proteger, afastava coisas ruins. Diana me deixou na rodoviária, mas insistia para que ficasse ou voltasse à cidade. Eu disse que tinha apenas mais um mês no México, que teria muitas coisas ainda para fazer, mas que teria um final de semana disponível. Diana me disse então para ficar na sua casa. Foi faltando três semanas para meu retorno ao Brasil que voltei à Toluca e fiquei na casa de Diana por dois dias. Ela me pediu para posar de modelo da sua loja. Fizemos fotos. Muitas fotos. Ela disse que quase não tinham mulheres negras na cidade, então aproveitava para que eu fosse sua modelo. Depois disso passeamos em lugares turísticos, vimos filmes juntas, conversamos muito sobre política, sobre cultura, sobre racismo. Foram dias maravilhosos. Se um dia eu tive uma sensação ruim de estar naquela cidade, neste dia, eu já tinha esquecido tudo e com certeza a primeira viagem valeu a pena.

Figura 26 - Diana e Mamado na feira na Universidade



Fonte: acervo da autora (2019).

5.10 O Consulado Honorário do Senegal em Porto Alegre

Conheci a Reginete Bispo no Magal Touba de 2016. Depois disso a encontrei em outros momentos de luta, tanto em defesa da imigração, enfrentando o Estado, quanto em defesa das cotas, enfrentando a universidade.

Em 2018 ela me convidou para trabalhar com ela no consulado. A demanda dos senegaleses no Consulado era para retirada de passaportes, enviados prontos pela embaixada do Senegal em Brasília, e também de elaboração de cartas consulares. Inicialmente, em 2018 confeccionamos poucas cartas. No entanto, em 2019, com a publicação da portaria interministerial que recomendava aos senegaleses solicitar Autorização de Residência, muitos passaram a fazer fila nos dias de atendimento. Em alguns dias tínhamos 30 pessoas para atender, como não tínhamos previsão estimada de atendidos, nem marcávamos horário, eles iam chegando ao longo do dia. Vindos de cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e da Argentina, os senegaleses faziam sua carta consular para que finalmente, depois de tantos anos no Brasil, tivessem um documento.

As eleições presidenciais do Senegal contaram com duas urnas em Porto Alegre e estive junto à Reginete na organização. Ela reservou o espaço do CEPERS, onde passamos o domingo das eleições ajudando na organização.

No meu retorno do México, entre os meses de janeiro e março de 2020, período que antecedeu a pandemia, atendemos muitos dos que chamamos no consulado de “senegaleses argentinos”, na verdade, eram senegaleses que residiam na Argentina a muitos anos e que estavam voltando para conseguir algum documento de identidade. O objetivo de todos era o mesmo; obter documentos, estar regularizado e, se possível, viajar.

Em março veio a pandemia de Covid-19 e a fronteira com a Argentina foi fechada. A demanda por documentos diminuiu bastante e minha frequência no Consulado também.

Figura 27 – Bamba, Arona, Mor, Reginete, Macodou e demais responsáveis da comissão eleitoral junto à urna



Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 28 – Reginete e eu em dia de atendimento no Consulado Honorário do Senegal em Porto Alegre



Fonte: acervo da autora (2020).

Figura 29 – Eu, Reginete Bispo e Mor Ndiaye no Magal Touba



Fonte: Gana Ndiaye (2020).

Escrevi este capítulo objetivando elucidar de onde parte a minha *mirada*. Tentando não tirar o protagonismo da trajetória dos senegaleses, me coloco contando o que vi, vivi e senti para que quem leia este trabalho compreenda meu processo de descolonização e também o lugar de onde escuto a história do Arona. O lugar de escuta de uma mulher negra, que conhece um pouco dos limites de conversas entre os homens senegaleses e as mulheres, mas que também é uma escuta de quem ouve com respeito e cuidado. Considerar minha subjetividade, minha trajetória e meu lugar de escuta é tão importante quanto compreender o lugar de fala de alguém.

6 – A HISTÓRIA DE VIDA DE ARONA

Arona Diop nasceu em Dakar, capital do Senegal, e chegou ao Brasil no final de 2013, com 21 anos. Morou inicialmente na cidade de Caxias do Sul e reside em Porto Alegre desde 2016. Ele vem de uma família de classe média, tem três irmãos, sendo um homem e duas mulheres. Uma das suas irmãs vive na França, foi para estudar. A outra vivia nos Estados Unidos com seu marido e agora está no Senegal. Quando criança estudou em escola corânica onde morava. Visitava a família em datas comemorativas e voltava para a escola. Sobre a distância da família quando criança, ele comentou:

Tem gente que fica lá três anos e já memoriza o alcorão. Tem gente que memoriza em menos tempo. Tem gente que pode escrever todo o alcorão sem olhar. Deus não me deu. No bairro tem muitas influências, os guris que vão jogar futebol, tu vai querer ir, ou se outros vão na praia, tu vai querer ir também, e não vai estudar. (Arona)

Quando jovem Arona era apaixonado por futebol. Disse que jogava muito bem e que conseguiu uma bolsa para jogar em um time. Ele acreditava que poderia ser jogador de futebol e se dedicava muito. Ele contou que não eram todos que tinham bolsa para jogar, somente os melhores. O time era um projeto de um técnico brasileiro no Senegal. Arona me mostrou fotos do técnico com Gilberto Gil²⁰ e demonstrava grande orgulho por ter jogado neste time. Paralelo ao esporte, Arona ia na mesquita e estudava na escola francesa, escola formal.

No Senegal a educação formal é assimilada pelo sistema educacional francês que, se comparado ao Brasil, o Ensino Básico, Fundamental e Médio somariam: École Maternelle com Petite, Moyenne et Grande Section (3 anos), École élémentaire com CP, CE1, CE2, CM1 e CM2 (5 anos), Collège com 6ème, 5ème, 4ème et 3ème (4 anos) e Lycée com Seconde, Première et Terminale (3 anos). Arona cursou toda École élémentaire e acessou Collège, mas nesse grau teve dificuldades no primeiro ano e por isso reprovou, e no segundo também. Foi quando estava cursando o 5ème do Collège ele teve *neuropaludisme*²¹ e após a recuperação havia perdido um ano da escola. Então interrompeu os estudos.

Eu fiquei no hospital por um mês, quando eu saí eu estava meio fraco. Nesse ano eu não consegui estudar. No ano que eu fiquei doente eles (os pais) não podiam falar nada porque eu estava doente, mas eu sabia que ia acontecer alguma coisa. Eles falaram só “pára”, e eu parei. No outro ano eu estava me preparando pra voltar a estudar, meu tio, irmão mais velho do meu pai, foi na minha casa e disse “Ah tu já parou mesmo, não precisa voltar. Começa a trabalhar”. Então meu pai me mandou ir pra loja do meu tio ajudar ele. Ele disse que ia me ajudar. (Arona)

²⁰ Gilberto Gil era Ministro da Cultura no governo Lula, período em que Arona jogava futebol. Lula, Gilberto Gil e comitiva estiveram visitando o Senegal nesta época.

²¹ Doença conhecida como malária cerebral.

Nesse período Arona foi morar na casa de um tio que tinha um “mini mercado”. Seu pai dizia que na casa do tio ele andava com menos amigos que eram “má influência”, na casa do tio ele não ficaria na rua. Nesta época Arona apenas trabalhava e ia na mesquita. Havia parado com os estudos e também com os treinos de futebol. Ele passou anos na casa do tio e visitava sua família algumas vezes na semana, já que era próximo à casa dos pais dele. Arona me explicou que esse tio na verdade não era um tio de sangue, foi uma pessoa que eles acolheram na casa deles quando ele veio de outra cidade, e agora era da família. Nesse trabalho com seu tio Arona não ganhava dinheiro: “Eu não ganhava dinheiro, se eu precisasse alguma coisa ele me dava. Às vezes no final de semana ele dava 20000CFA” (equivalente a mais ou menos 200 reais).

Foram cinco anos trabalhando lá. No início ele cuidava das mercadorias e conferência, depois passou a ser gerente do depósito, e também cuidava do dinheiro do mercado. Ele cresceu e se tornou um funcionário de confiança. Depois desses anos de trabalho, Arona decidiu sair e abrir a própria loja. Foi quando saiu que seu tio lhe deu um montante em dinheiro, pagamento referente a todos os anos de trabalho.

Arona usou parte do dinheiro para comprar mercadorias e construir um mercado. Era uma banca dentro de um mercado grande. Sua banca de trabalho ficava ao lado de um amigo muito próximo que tinha mais clientes que ele, então ele o ajudava quando estava desocupado. Seu empreendimento “não deu certo” segundo ele, e seu tio sugeriu que ele vendesse suas mercadorias e fosse viajar.

Eu comecei lá com 16 anos e fiquei até os 20. Depois eu queria abrir o meu negócio. Falar isso para ele era difícil pra mim, eu falei com meu pai e minha mãe primeiro, “que eu não quero mais, eu quero meu próprio negócio”. (Arona)

Meu tio foi na casa dos meus pais e falamos pra ele. Ele entregou dinheiro pra minha mãe e disse “esses cinco anos que tu tá aqui, esse é pra ti”, e me deu 5 milhões cfa. Mas ele não deixou comigo. Ele falou “se eu te der, tu vai levar esse dinheiro lá [na mesquita]. Foi depois que eu cresci que eu vi que ele falou a verdade. Nessa época eu era muito focado nisso [Confraria religiosa Hizbut Tarqiyyah]²². O certo é tá focado, mas tem que ter outras coisas para evoluir. Meu tio foi na casa da minha mãe e disse “todo tempo que ele estava comigo, este dinheiro é para ele, mas eu não vou dar pra ele porque eu sei que se eu der pra ele, ele vai levar lá [na mesquita]. A melhor coisa é ele usar pra sair do país, viajar”. (Arona)

Arona segue falando sobre os planos de sair do Senegal:

Eu tava tentando ir para os Estados Unidos. “Vende todas tuas coisas que eu vou tentar arrumar pra ti viajar”. Um dia, mais ou menos um ano depois, nós fomos em um lugar, Louga [cidade no Senegal], ele me chamou e disse: “semana que vem tu vai viajar”. Ele disse: “tu vai na Argentina”. Eu não conhecia ninguém na Argentina, mas algumas pessoas disseram que era bom, que dava pra trabalhar lá. Quando chegou naquela semana não deu certo, então a gente tentou na outra semana. Eu

²² Confraria religiosa da qual Arona é seguidor desde a juventude

tinha um amigo no Brasil, então tentei falar pra ele [o tio] que poderia ser melhor. E foi por isso que eu vim para o Brasil, mas não era o destino que eu ia vir. Meu amigo faz parte do mesmo grupo de seguidores que eu. Eu não conhecia ele. Tinha ouvido falar no nome dele. Foi um amigo que me passou o número dele e eu chamei ele. Ele morava em Caxias do Sul e por isso eu fui pra lá. (Arona)

Foi assim que Arona veio parar no Brasil. Conhecendo pouco e com um contato que seu tio fez para recebê-lo quando chegasse no Equador e o levasse até o Brasil. Arona foi até o Equador e seguiu boa parte da viagem de ônibus rumo ao Acre. Fazendo o mesmo trajeto havia um senhor senegalês junto com seu sobrinho indo para São Paulo. O senhor falava espanhol e isso ajudou a comunicação na viagem. Arona conta um pouco da trajetória com eles e também que por ser um senhor mais velho ele custeava alimento pra eles os três.

Na primeira noite saindo do Equador foi difícil. Nós entramos em um rio, sem roupa pra passar na fronteira. Coloquei minha mochila na cabeça e atravessei. Esse período foi difícil. Entramos em uma floresta, chamaram a gente para entrar em um carro. Depois o resto do caminho foi mais fácil, era só ônibus, ônibus, ônibus. Até chegar em Porto Maldonado (no Peru). Depois do Porto de Maldonado até entrar no Acre era de carro, uma caminhonete. E tinha muita gente na caminhonete, muitos haitianos. (Arona)

Nessa semana teve um período que eu queria voltar pro Senegal. Eu tava muito cansado, muito cansado. Nessa primeira semana se eles me largassem no Senegal eu gostaria bem mais. Eu não sabia disso, pra mim era pegar um avião e chegar no Brasil. Mas furando as fronteiras assim, nunca mais vou fazer na minha vida. Eu não sabia me comunicar, quem resolvia tudo era o mais velho. (Arona)

Quando cheguei no Acre tinha um lugar que recebia estrangeiro. Davam café da manhã, almoço, janta. A gente ficava lá, era um campo, um alojamento. Nesse lugar muitas loucuras aconteciam. Às vezes de noite dava pra ouvir as pessoas fazendo sexo lá mesmo. Durante o dia a gente ia pra frente de um supermercado que tinha lá. Tomava café, passava o dia lá. Eu tinha US\$ 1.200, mas tinha gente que não tinha dinheiro. Eu pagava as coisas para nós três. (Arona)

Eu falei pro meu tio descontar do pagamento depois. Porque tivemos que pagar muitas coisas quando chegamos aqui. Eu disse pro meu tio que não valeu a pena, que tinha que descontar. Eu tava esperando sair o meu protocolo e minha carteira pra ir pra Caxias do Sul, quando saiu, eu fui embora. Peguei um ônibus até São Paulo. Daí eu deixei eles lá, os dois que estavam comigo. E eu comprei passagem para vir pra Caxias. Quando cheguei em Caxias o Cheikh, meu amigo, me pegou lá. (Arona)

Arona então comenta o estranhamento das pessoas ao ver um africano que usava roupas tradicionais: “Em Caxias eu saía na rua e as pessoas me pediam para tirar foto comigo, e eu tirava. Eu usava minhas roupas e todo mundo queria tirar foto comigo”. Arona não aprofundou muito sobre racismo no Brasil: “No início era bem complicado. Agora eu já ganhei muita experiência na vida. Eu tive muitas experiências aqui”. De forma geral, Arona comenta que mesmo não tendo muito interesse em sair do país, entende que foi melhor pra ele:

Eu queria ir pros Estados Unidos e não deu certo. Meu tio queria que eu viajasse pra cá. Eu não queria. Minha mãe falou, “melhor tu viajar pra não ter problema com teu tio”. Então eu fiz isso. Fiz porque eles me falaram. Mas por mim eu não ia viajar.

Depois que eu cheguei aqui eu vi que era bom pra mim eu sair, porque tu vai aprender muitas coisas na vida. (Arona)

Quando chegou no Brasil, Arona trabalhou um tempo em Caxias do Sul e região, depois foi trabalhar vendendo nas ruas em Santa Catarina, e após terminar a temporada de verão veio para Porto Alegre, onde seguiu trabalhando nas ruas. Atualmente trabalha de carteira assinada em uma loja de migrantes árabes.

O primeiro lugar que eu trabalhei foi em um pomar de maçã, por seis meses, depois terminou a colheita e voltei pra Caxias do Sul. Depois trabalhei em uma empresa como auxiliar de limpeza, depois trabalhei em outra empresa. Nessa empresa fiquei 1 ano e 7 meses. Lá eu estudava e trabalhava. Mas eu ganhava pouco e não dava mais, eu gastava muito pra estudar também. Então eu saí e fui para Santa Catarina trabalhar vendendo nas ruas. Quando acabou o verão eu fui pra Porto Alegre e fiquei vendendo por 2 anos. Depois disso eu consegui um trabalho em um posto de gasolina, mas quando trocou o gerente me mandaram embora. Agora nesse meu serviço que tô agora, já tô há 2 anos. Trabalho de caixa. Lá eles confiam em mim. Qualquer lugar que tu vai trabalhar em primeiro lugar tem que ter confiança. Sem confiança não dá. E também no Brasil tem muito racismo para os imigrantes nas empresas. Eu sofri muito racismo. Mas agora o lugar que eu tô eu me sinto muito bem. (Arona)

Durante as entrevistas para esta pesquisa, Arona foi para o Senegal. Fez um acordo com a empresa de que volta em dois meses. Foram quase 9 anos sem ver a família. A expectativa era muito grande para rever a mãe, irmãos e mesmo familiares que ele ainda não conhecia pessoalmente pois nasceram nos últimos anos.

Em 2019 Arona casou-se com uma moça senegalesa. O casamento foi à distância. Então a expectativa para rever a esposa também era grande. Ele conheceu a esposa na mesquita um mês antes de vir para o Brasil, dias antes ele fez promessa a ela de que se casaria com ela. Antes da partida de retorno para Senegal conversamos sobre o casamento, como eles mantêm contato, sobre o que conversam, sobre a relação e união das famílias.

Eu não tenho medo de falar. Eu disse que estava apaixonado e que queria casar com ela. Ela tinha 15 anos, ainda era cedo pra ela. Eu disse que ia viajar. Disse que se desse certo em um ano eu voltava pra casar com ela. Logo no início a gente não namorava, a gente era amigo. Se ela tinha alguma coisa para conversar, me chamava e a gente conversava. Eu dava conselhos pra ela, tem muitos problemas que eu ajudei ela a resolver. A gente começou a namorar depois. Namoramos por cinco anos. Antes de começar a namorar ela falou com a mãe dela “tem um amigo que quer namorar comigo, mas a intenção dele é casar”. Eu tinha pedido o número da mãe dela antes e ela não me dava. Nesse dia a mãe dela pediu meu número e eu conversei com ela, bem faceiro! No dia que falei com a mãe dela, a mãe dela me abriu todas portas. Pouco a pouco a mãe dela foi conhecendo minha família. Eu queria fazer a coisa certa. Eu falei primeiro com a mãe dela e depois com o pai dela. Antes do casamento a família vai conversar, para saber de onde é a família. A minha mãe foi lá conversar e descobrimos que uma tia avó de minha mãe era esposa do tio dela. A gente estava em família e não sabia! (Arona)

Durante algumas entrevistas Arona parava e respondia o WhatsApp no seu telefone, em um dos dias sua esposa estava em um casamento e ele estava muito concentrado em

conversar com ela durante a celebração. O dia a dia do Arona com ela é assim, com muitas trocas de fotos, áudios, ligações e mensagens carinhosas.

Depois que Arona chegou no Senegal foi difícil conversar com ele, pela falta de tempo, pelo fuso horário e também pela internet com sinal instável. Mas conseguimos fazer algumas ligações breves. Em uma delas ele estava em Touba, organizando a celebração do Magal Touba. Arona sempre participou da organização do evento e agora no Senegal, foi viajar dias antes para Touba junto da sua confraria religiosa. Neste dia, conversamos rapidamente e trocamos fotos dos eventos, eu no Magal Touba em Porto Alegre e ele no Magal Touba em Touba.

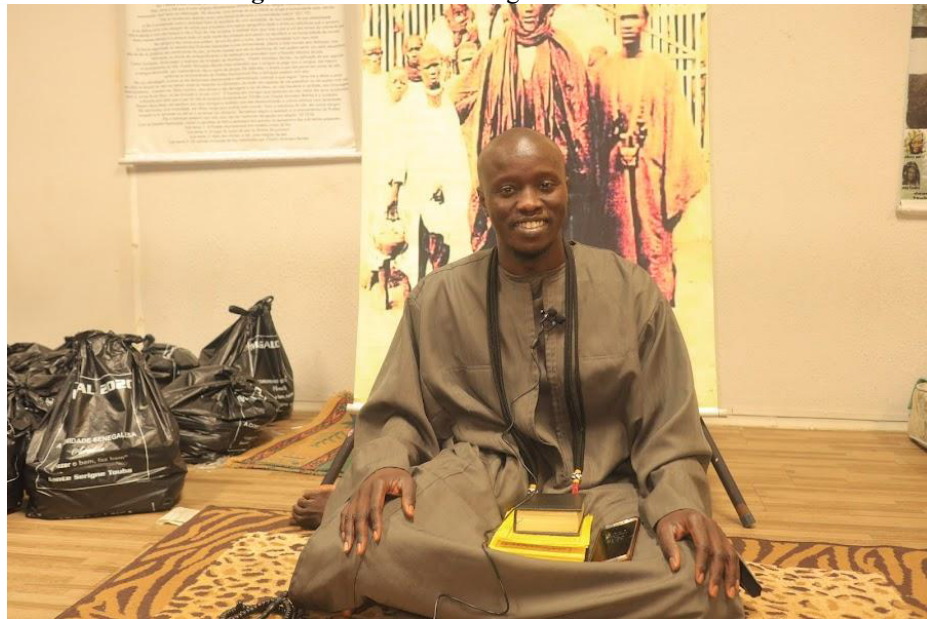
Na semana seguinte ele estava em casa e fizemos videochamada. Ele estava muito feliz pela sua vida de casado e sua esposa estava cuidando dos seus pés. Ele comemorava a vida que agora vivia. Foi a primeira vez que nos vimos por vídeo após ele chegar no Senegal, ele vibrava levantando a mão, como comemorando muito estar em casa. Dizia que a vida de solteiro não servia e que essa vida que era boa e que agora queria morar no Senegal. Disse que pretende voltar ao Brasil para trabalhar mais um ano ou dois, mas depois, o quanto antes, voltar para o Senegal para ficar com sua família. Perguntei se ele pensou em trazer sua esposa para o Brasil, ele disse que não, reiterou que quer mesmo voltar para o Senegal, e que se a trouxesse para o Brasil, demoraria mais para retornar ao Senegal.

Figura 30 – Arona no centro da mesa fazendo a contagem de votos das eleições presidenciais



Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 31 – Arona no Magal Touba



Fonte: Gana Ndiaye (2020).

Figura 32 – Arona no Magal Touba



Fonte: acervo da autora (2020).

7 – ENTRE FRONTEIRAS E ENCRUZILHADAS

Este trabalho busca compreender quais fatores possibilitam e/ou impossibilitam a produção e reprodução do trabalho e da vida de trabalhadores migrantes senegaleses na cidade de Porto Alegre. Por motivos explicitados no prefácio e na metodologia deste estudo, divido esta seção em duas partes, a primeira chamo de Fronteiras, onde reflito sobre os fatores que impossibilitam a produção e reprodução da vida e do trabalho dos senegaleses em Porto Alegre. A segunda parte chamo de Encruzilhadas. Encruzilhadas são os caminhos possíveis que observei e que gostaria de destacar pois ilustram a forma com que os senegaleses produzem e reproduzem suas vidas e seus trabalhos em Porto Alegre.

7.1 Fronteiras

Diversas são as fronteiras que atravessam o percurso dos migrantes. Sendo fronteiras materiais ou simbólicas. Neste capítulo busco refletir sobre estas fronteiras, sobre os fatores que impedem a produção e a reprodução da vida em comunidade.

7.1.1 Fronteiras jurídicas

O fator que mais tem visibilidade na questão migratória é a fronteira jurídica. Isso porque a expressão “migrar é um direito humano” ainda não parece ser um argumento suficiente para os governos de muitos países. Vanito Ianium Cá (2019) em seu estudo argumenta:

Do ponto de vista legal, segundo Redin (2015), migrar é “um direito humano” previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos (artigo 13º), na Convenção Americana de Direitos Humanos (artigo 22º), na Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos de 1981 (artigo 12º) e, inclusive, na Constituição Federal Brasileira de 1988 (artigo 5º, XV). Trata-se, portanto, de algo inerente a toda e qualquer pessoa humana, independentemente de sua situação social.

No entanto, os imigrantes africanos encontram muitas dificuldades em migrar para fora do continente africano. Eu não estaria exagerando ao afirmar que os africanos que saem em busca de trabalho, são migrantes indesejados em qualquer país de destino fora do continente africano. Para refletir sobre essas fronteiras, faço uma divisão dentro deste subcapítulo entre as fronteiras jurídicas de entrada no Brasil e fronteiras jurídicas de permanência no Brasil. Acredito que esta divisão pode facilitar o entendimento de um leitor leigo nestas questões.

Antes, faço uma breve elucidação sobre a expressão migrante que uso neste trabalho.

As estratégias dos senegaleses para permanência no Brasil fez com que alguns tivessem um tipo de documento e outros, outro. Alguns são vistos como imigrantes e outros refugiados. Neste trabalho eu reflito sobre estes documentos, sobretudo enquanto fronteiras jurídicas, mas não faço nenhum tipo de diferença entre os tipos de documentos que eles possuem. Então opto por utilizar o termo migrante, que engloba o sentido de mobilidade..

Ao utilizar a palavra migrante retiro meu local de anfitriã no Brasil que vê o outro como imigrante. Além disso, na passagem pelo México eu também estava em mobilidade e neste caso, eu não era anfitriã. Utilizo a palavra migrante pois meu interesse é demarcar que estas pessoas estão em mobilidade. Pelo mesmo motivo utilizo a expressão *Modou Modou*. Essa expressão por si mesma já demarca que os senegaleses que me refiro aqui estão em mobilidade em busca por trabalho.

7.1.1.1 As fronteiras jurídicas para entrar no Brasil

Muitos africanos, em 2013, 2014 e 2015, migraram para fora da África, sendo a América e a Europa os principais destinos. Assim, em 2015, a União Europeia (UE) criou uma política de responsabilidade coletiva entre os seus 28 Países-membros. Na época, os governadores de alguns países com limite terrestre mais próximo do continente africano se sentiam prejudicados porque estavam recebendo mais imigrantes e apontaram que os imigrantes deveriam ser melhor distribuídos no continente. De forma geral, todos tinham o mesmo objetivo: reduzir o fluxo de imigrantes “indesejados”. Em 2018, em um novo acordo, a UE decidiu fechar as portas a muitos países africanos e criar uma espécie de filtro:

O acordo estabelece a criação de centros controlados dentro da UE para receber migrantes resgatados no mar. Nesses centros, os possíveis refugiados serão separados dos chamados imigrantes econômicos. Estes últimos serão devolvidos aos seus países de origem enquanto os requerentes de asilo serão distribuídos – ‘realocados’, diz o pacto – pelos estados que se voluntariam para os acolher. Cada país decidirá ‘voluntariamente’ se vai hospedar ou não um desses estabelecimentos, o que põe fim às cotas de distribuição obrigatórias e alegra os Estados que se recusam a receber um único refugiado ou imigrante irregular (EL PAÍS, 2018).

Achille Mbembe, em 2018, discorre sobre as diversas causas para esse controle. Ele diz que “ em Camarões, até o início dos anos 1980, era possível viajar para a França apenas com a carteira de identidade. A maioria das pessoas ia à França e voltava. Não iam porque queriam se estabelecer lá. Mas querem poder ir e vir” (MBEMBE, 2018, s/p).

No século 21, torna-se evidente um desejo global renovado dos cidadãos e de seus respectivos Estados por um controle mais rígido da mobilidade. Par onde quer que se olhe, o impulso é em direção ao cercamento ou, em todo caso, a uma dialética

mais intensa de territorialização e desterritorialização, de abertura e fechamento. Ganha força a crença de que o mundo seria mais seguro se ao menos os riscos, as ambiguidades e as incertezas pudessem ser controladas, se ao menos as identidades pudessem ser fixadas de uma vez por todas. Técnicas de gerenciamento de risco estão se tornando, cada vez mais, um método para governar a mobilidade (MBEMBE, 2018, s/p).

O autor argumenta ainda sobre como o estado percebe os migrantes que vivem em deslocamento, como inimigos: “Não se pode cobrar impostos de quem não tem endereço. O Estado vê essas pessoas como inimigas – tanto da liberdade, porque eles não a exercem dentro dos limites, quanto da segurança e da ordem. Não se pode construir uma ordem com base no que é instável (MBEMBE, 2018, s/p).

Para tentar estabelecer um controle, o estado limita o acesso ao país, com base em vistos. Vistos de turistas, trabalhadores, estudantes, etc. Os mais “acessíveis” aos *Modou Modou*, são os vistos de turismo e visto de trabalho. Ambos são difíceis de obter. Como estratégia, estes senegaleses buscam países que têm visto de turismo facilitado para depois chegar ao Brasil por terra. O trajeto é negociado e sugerido, geralmente, por coiotes.

O passaporte senegalês permite ao portador entrar de forma facilitada (isenção de visto ou solicitação de visto na entrada) em 56 países, já um passaporte brasileiro, por exemplo, tem entrada facilitada em 170 países, no último lugar deste “Ranking de passaportes poderosos” realizado pela consultoria Henley e Partners (2021), está o Afeganistão, com entrada facilitada em apenas 26 países. Ou seja, as fronteiras jurídicas são diretamente proporcionais ao local de nascimento e à situação política e econômica dos países.

Conforme mencionado no capítulo 2 deste trabalho, na introdução, muitas mulheres que chegaram ao Brasil chegaram através de Reunião Familiar, instrumento jurídico que permite ao portador de refúgio solicitar reunião junto de seus dependentes. Essa é uma estratégia de entrada das mulheres senegaleses em mobilidade, as *Fatou Fatou*, visto que após o casamento o Brasil pode as considerar como dependentes. No entanto, a situação é bastante complexa. Primeiro porque poucos senegaleses conseguiram o deferimento do pedido de refúgio e segundo, porque os senegaleses tem realizado casamentos a distância, como o caso do Arona que já está casado há três anos, mas somente agora, em 2021, está no Senegal junto de sua esposa pessoalmente. A situação é complexa porque a legislação brasileira não reconhece o casamento a distância como oficial. Mesmo esse casamento sendo estando registrado nos cartórios do Senegal. Com isso, muitos senegaleses, que assim desejam, não conseguem trazer suas esposas para viver no Brasil.

Atualmente muitos senegaleses no Brasil tentam conquistar a nacionalidade brasileira. Isso porque com o passaporte brasileiro em mãos, as fronteiras são menores.

Os senegaleses realizam rotas alternativas, irregulares e perigosas. Quanto mais fechada é essa fronteira, mais se fortalece a migração irregular através de coiotes. Isso me recorda a fala de Nabintou. Ela afirmava que em muitos países, no trajeto até o México, os governos forneceram ônibus, ela contava que isso acontece porque os governos precisam controlar quem entra e quem sai do seu território. É pior para eles se um migrante morre em seu território. Eu comentei, “que bom que pelo menos esses países ajudam”, ela respondeu “sim muito bom mesmo, a gente fica um pouco mais seguro”, após alguns segundos de silêncio, ela complementou “mas se não ajudarem também a gente vai ir igual, quem está determinado a migrar vai ir a pé, de ônibus, como der”.

7.1.1.2 As fronteiras jurídicas para permanecer (ir e vir) no Brasil

Nesse contexto de fechamento de algumas fronteiras internacionais, o Brasil tornou-se país-alvo para a vinda desses migrantes. Conforme relatório do CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) de 2015, os anos entre 2014 e 2015 foram anos em que o Brasil recebeu mais migrantes africanos, muitos, provavelmente, por não conseguirem entrar na Europa. A maioria dos migrantes africanos não são considerados refugiados. Nos dados do CONARE (2015), entre 2010 e 2015, os senegaleses tinham realizado 7.206 solicitações de refúgio no Brasil; na lâmina “Deferidos por país”, o Senegal sequer aparece com quantidade de pedidos deferidos relevante, já na aba “Indeferidos”, 269 senegaleses já haviam recebido a negativa em 2015.

De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), refugiados “são pessoas que estão fora de seu país de origem por fundado temor de perseguição relacionado a questões de raça, religião, nacionalidade, pertença a um grupo social ou opinião política, também como a violação grave e generalizada dos direitos humanos e dos conflitos armados”.

No caso do Senegal, os migrantes saem do país em busca de oportunidades de trabalho, ou seja, por motivos econômicos. Conforme dados do PNUD (Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas), de 2019, o Senegal estava no *ranking* dos países mais pobres do mundo, em que em um recorte entre 2008 e 2018, pelo menos 46,7% da população estava abaixo da linha da pobreza e 38% vivia com menos de 2 dólares por dia. Para a Organização Internacional para as Migrações (OIM), é considerado migrante econômico a:

Pessoa que deixa o seu lugar de residência habitual para se instalar fora do seu país de origem, a fim de melhorar a sua qualidade de vida. Este termo pode ser usado para distinguir refugiados que evitam perseguições e também se refere a pessoas que tentam entrar num país sem a autorização e/ou recorrendo a procedimentos de asilo de má-fé. Aplica-se também a pessoas que se instalam fora do seu país de origem enquanto dura uma estação de colheita, mais propriamente designados por trabalhadores sazonais. (OIM, 2009, p 44).

Ou seja, os senegaleses não são os sujeitos de direito da condição de refugiado para os países signatários da ONU (Organização das Nações Unidas), ainda que a solicitação deste documento seja um direito humano, essas solicitações vêm sendo sistematicamente recusadas no Brasil. As maiores consequências disso, é que eles não têm direito à reunião familiar, não têm garantias de documentação para manterem-se regularizados e não podem sair do país. No entanto, solicitar refúgio é o recurso utilizado pela maioria dos senegaleses ao chegar no Brasil. A questão da problemática na documentação é bastante ampla, e a definição de quem é ou não refugiado tem origem em um documento criado em uma convenção da ONU em 1951, em Genebra. O documento foi constituído na época para proteção de refugiados da Segunda Guerra Mundial, cenário completamente diferente da atualidade, mas o documento perdura até hoje.

Em dezembro de 2019, a Portaria Interministerial nº 10 surgiu para ajudar a resolver essa problemática na indocumentação dos senegaleses. A portaria “Dispõe sobre a concessão e os procedimentos de autorização de residência aos nacionais da República do Senegal, que tenham processo de reconhecimento da condição de refugiado em trâmite no Brasil” (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019). A Autorização de Residência gera uma Carteira de Registro Nacional Migratório (CNRM), e tem duração de dois anos, podendo ser renovada. Podem solicitar o documento os senegaleses que atuam em diversas situações laborais ou mesmo trabalhadores autônomos. Com este documento, os senegaleses podem sair e regressar ao país. E quando solicitado, o documento implica em desistência da solicitação de refúgio solicitada anteriormente.

Outro ponto interessante na questão do refúgio é que este deve ser solicitado somente quando se chega ao território. Ou seja, a legislação “parece” não se preocupar muito com a forma com que esses solicitantes chegaram no país. O Brasil já têm alguns acordos de visto humanitário, para que os portadores deste documento consigam acessar o Brasil mesmo de forma aérea, como Haiti, Venezuela, Síria e mais recentemente o Afeganistão. Ou seja, os

portadores do visto humanitário conseguem acessar o Brasil de forma regular e não “clandestina”.

7.1.2 Migração e a pandemia de Covid-19

É difícil explicar a relação dos senegaleses com a pandemia no Brasil. Não só pela divergência de opiniões entre pesquisadores africanos, mas também pela falta de artigos sobre o tema. De forma geral a pandemia afetou diretamente trabalhadores no Brasil. Para aqueles que a informalidade era a única opção, tiveram grande queda nas vendas e muitos receberam o Auxílio Emergencial fornecido pelo Governo Federal.

Importante lembrar que a pandemia chegou ao Brasil em março de 2020, e a portaria que autorizava a documentação de senegaleses em dezembro de 2019. Ou seja, depois de anos sem documento que os permitissem sair do Brasil, esse foi o momento de partida de muitos senegaleses. Alguns aproveitaram os tempos pandêmicos e a falta de oportunidades no Brasil para rever a família no Senegal. Outros, partiram rumo às fronteiras com os Estados Unidos na expectativa da entrada mais facilitada após a entrada do governo Biden. Situação que vou retomar um pouco mais no próximo capítulo.

7.1.3 Racismo e xenofobia

Carlos Moore (2017) afirma que o racismo está presente em todas as sociedades, que o racismo não tem um único momento de surgimento, nem um único local, e que se expressa diferente em cada sociedade. Para ele, o racismo é universal. Na América Latina o ódio aos migrantes negros tem diferentes origens, impactos e se manifesta de diversas formas. No Brasil os migrantes relatam diversas formas de ódio e desprezo. A imagem clássica dos médicos cubanos chegando no Brasil e sendo recebidos com frases terríveis que prefiro não registrar aqui, demonstra que o ódio a migrantes de outros países tem cor. Neste caso específico, a classe médica ficou desconfortável ao ver médicos negros ocupando vagas nos hospitais no Brasil. Isso demonstra a complexidade do racismo no Brasil, visto que a ocupação de médico é uma das profissões de maior prestígio social.

Mas contra aqueles migrantes trabalhadores de profissões de nem tanto prestígio, as palavras de ofensa ganham maior intensidade. Em alguns casos, migrantes são agredidos nas ruas e em seus trabalhos. Em outros casos, a agressão avança para o óbito.

A expressão *aporofobia*, cunhada por Adela Cortina (2017) pode tentar ajudar a explicar o ódio aos migrantes pobres. Segundo a autora *aporofobia* é “repúdio, aversão ou

desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria” (CORTINA, 2017, p. 200). A expressão somada ao racismo e xenofobia ganha verdadeira intensidade. Mas é importante destacar que a palavra *aporofobia* sozinha, não dá conta de traduzir o ódio que as pessoas sentem dos migrantes africanos. Ese ódio é algo relacionado à sua origem, raça, cor e também, mas não obrigatoriamente, à sua condição social.

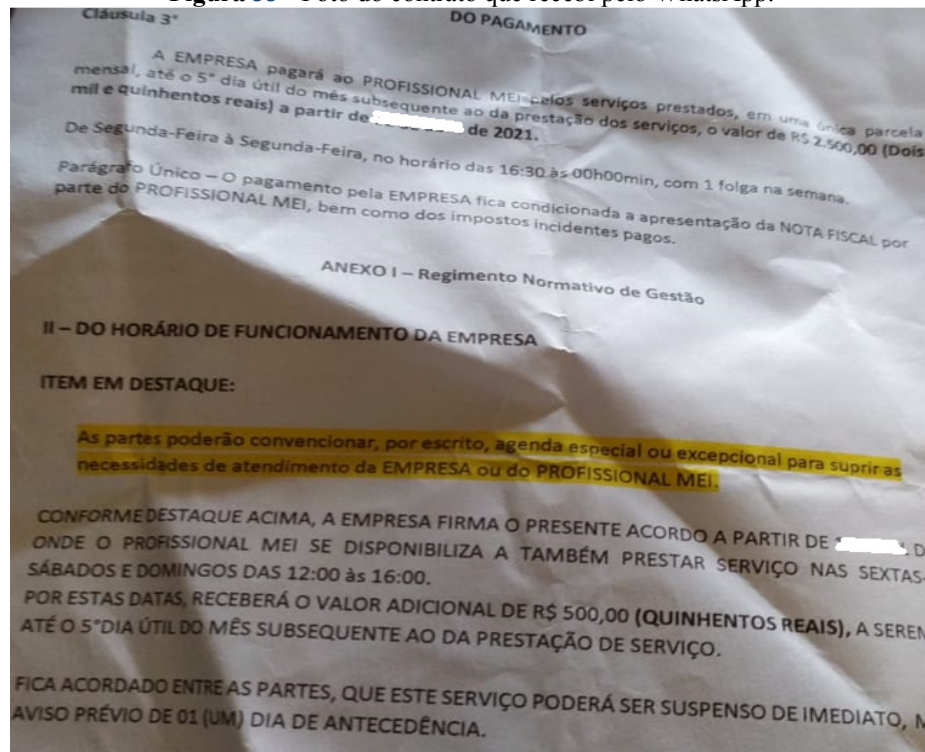
Handerson Joseph e Iréri Ceja, (2021, p. 60) têm refletido sobre a intersecção entre racismo, xenofobia e aporofobia.

Hay una relación intrínseca entre xenofobia, racismo y aporofobia (odio a los pobres). Aunque estos términos no significan ni representan lo mismo, juntos actúan como un dispositivo de control social interseccional muy poderoso de exclusión y violencia contra poblaciones consideradas “peligrosas” para la reproducción social y racial de una determinada nación (JOSEPH, CEJA, 2021, p. 60, tradução nossa).

No sul do Brasil, o racismo tem suas particularidades, forjadas, sobretudo, na mescla colonial com a qual o estado foi construído. Ao mesmo tempo em que a região sul é a região que mais realiza contratos formais de trabalho com os migrantes, é muito comum ouvir de migrantes histórias de que já foram contratados mas que não tiveram carteira assinada. Em janeiro deste ano conheci alguns senegaleses que estavam com contrato de trabalho em um restaurante via MEI (Micro Empreendedor Individual). Essa estratégia de exploração me parece uma atualização das novas (velhas) relações de trabalho. Relações onde os trabalhadores têm pouco ou nenhum direito.

Conversando com esses senegaleses perguntei como funcionava o trabalho por MEI, questionei quem havia feito a abertura do MEI, quem pagava as contribuições mensais, qual seria o horário de trabalho. Eles disseram que era contrato “normal” mas por MEI. Tinha horário, recebia salário final do mês, disseram que a própria empresa abriu o MEI em nome deles e a empresa também que pagava os impostos do MEI. Expliquei para eles que MEI é um CNPJ, que CNPJ autônomo com esse modelo de contrato não estava certo. O contrato era ilegal. Um deles me disse “Eu sei Maria, conseguir emprego agora na pandemia está bem difícil, a gente precisa trabalhar”. Eu deixei meu contato e disse que quando quisessem abrir processo contra a empresa poderiam me procurar. Em junho recebi uma mensagem de um deles querendo seus direitos. Dizia que estava cansado, queria colocar a empresa na justiça, pedi mais informações e ele me enviou foto do contrato.

Figura 33 - Foto do contrato que recebi pelo WhatsApp.



Fonte: acervo da autora (2021).

Adicionei a foto aqui porque eu leio e demoro a acreditar que a empresa fez um contrato de 12 horas de trabalho com 30 minutos de intervalo nos dias de maior movimento – sexta, sábado e domingo.

Esse contrato é reflexo do neocolonialismo que não vê humanidade em pessoas africanas. Não vê o migrante como alguém que precisa de folga, descanso, ou mesmo direitos como férias, 13º salário, FGTS, aviso prévio, etc. Esse contrato é reflexo do racismo. Racismo que é tão complexo mas que aos poucos os migrantes vão aprendendo a interpretar e denunciar.

Por volta de 2017, lembro de Alioune denunciando o racismo quando trabalhava em um mercado grande na cidade de Porto Alegre. Ele viu um colega de trabalho haitiano passar toda jornada de um dia de trabalho lavando louça. Pilhas e pilhas de louça. Um colega branco, contratado depois deles (ele e o colega haitiano), para o mesmo cargo, ficou pouco tempo lavando louça. Ele disse que o colocaram para fazer outras coisas. Alioune, revoltado, disse para o colega haitiano parar de lavar a louça e dizer para o colega branco fazer. O colega haitiano resistia e seguia seu trabalho. Alioune ligou para o RH (Recursos Humanos), onde tinha uma moça negra, e relatou que a situação era racismo. Alioune esperava compreensão dela, mas recebeu sua demissão.

Tempos depois, Alioune conseguiu um trabalho de *freelancer* em uma empresa de cachorro quente “*gourmet*”, em um shopping. Ele ficava no pequeno estande vendendo, e dizia que percebia que as pessoas queriam comprar, mas que não compravam porque ele que estava fazendo. “Eles querem, mas não vão lá por minha causa”, ele dizia. Ele dizia porque seu supervisor também tinha observado que os clientes tinham diminuído. O supervisor gostava de Alioune e eles conversavam sobre isso. Alioune ficou poucas semanas no cachorro quente e para não dispensá-lo, a empresa remanejou ele para trabalhar em outro restaurante. No restaurante novo, Alioune não tinha contato com clientes e trabalhou lá por anos.

Recordo também das falas de Mactar quando o entrevistei para o vídeo do NEAB. Ele dizia que falava três línguas e que tinha curso de garçon. Ele trabalhava na cozinha de um hotel, mas que, mesmo precisando de garçom, o hotel não o deixava trabalhar neste cargo.

Recentemente, conversando com Elimane, ele me contou sobre a surpresa de algumas pessoas ao ver ele trabalhando bem arrumado e perfumado. Ele dizia que as pessoas “gostam” de ver os migrantes nas ruas trabalhando, e alguns respeitam. Mas se eles andam bem vestidos é como se algo estivesse errado. Ele dizia que sente que as pessoas pensam que eles não têm dinheiro para comprar roupa, perfume ou ir à academia.

Por um lado, a sociedade insiste em “negar” aos migrantes o direito de frequentar alguns espaços, usar algumas roupas e se relacionar com algumas pessoas. Por outro, as empresas não fazem questão de manter os migrantes em cargos onde eles sejam vistos.

Conforme BASSO (2015, p. 60 apud CÁ, 2019, p. 60) é possível concluir que o racismo visa “precarizar ao máximo a existência dos trabalhadores imigrantes e, concomitantemente, inferiorizá-los nos planos jurídico e simbólico, seja perante si mesmos, seja perante as populações e os trabalhadores nativos” (BASSO, 2015, p. 60).

7.1.4 A educação colonial

Arona falou em seu relato sobre ter concluído apenas o ensino primário no Senegal. No capítulo anterior dissertei sobre a forma como ele foi aos poucos deixando a escola e, orientado por sua família, abandonou definitivamente para ir trabalhar no mercado do seu tio. Essa realidade é comum entre os jovens senegaleses no Brasil. Mas é um tema delicado que não me atrevo a comentar sem conhecer o Senegal. É como se alguém de fora do Brasil escrevesse sobre a educação no Brasil sem conhecer as dinâmicas culturais, racismo, desemprego, higienização social, rotinas das famílias, programas de distribuição de renda. Uma análise sobre a educação pública no Brasil que não considere pelo menos estes determinantes sociais, está equivocada. Por isso, para evitar reproduzir algo que não tenho

nenhum conhecimento, perguntei ao professor Mamour como funcionava a questão da educação no Senegal e por que os jovens deixavam a escola. Ele respondeu:

Na realidade, agora melhorou um pouco, mas o que acontece é que a gente ainda tem muito impacto da escola francesa, da escola colonizadora. Porque, em geral, muitos alunos vão para a escola, mas não por convicção. Porque o Senegal conseguiu hoje ter uma primeira geração de gente que conseguiu estudar e tem emprego formal. Em geral, a maioria não estuda e fica na informalidade. Então, nesta transição de escola fundamental I para escola fundamental II, dependendo da sua situação, praticamente você não vai ter nenhuma ajuda da sua família. Isso porque as pessoas acham que o fato de passar muito tempo estudando para depois chegar na faculdade e depois encontrar um emprego, é muito tempo, é demorado. Na realidade não está garantido que você vai encontrar emprego. Isso é a primeira coisa. A segunda coisa é que, como eu falei, em geral as pessoas não têm convicção de estudar. E às vezes com apoio da família ou não, se tem um conflito muito grande. E chega um ponto que abandonar a escola é um ato de resistência. Um ato de resistência contra a educação colonial. E olha, eu tô falando do Senegal, que tem taxa de alfabetização muito mais alta comparado com os seus países vizinhos, como Guiné, Mauritânia, Mali. Isso porque temos uma influência muito forte de Cheikh Anta Diop²³. (Mamour)

7.1.5 Migração e solidão

Escolhi Arona para ser o narrador de sua história por alguns motivos: Arona gosta de falar, é sincero e expressivo. Desde que nos conhecemos já o vi rindo, já o vi sério, algumas vezes preocupado, triste ou cansado e por vezes conversamos sobre essas sensações e sentimentos. Desde que o conheci ele fala sobre o desejo de casar, de ter uma companheira, construir sua família. Durante as entrevistas para este trabalho, precisamente na entrevista em que Arona narrou sua vinda para o Brasil, trajetos e rotas, foi a entrevista que senti sua fala mais tensa. Ouvir ele falar sobre os dias de incerteza ao chegar ao Brasil, atravessar os países, o rio, foi muito delicado. Durante todas as entrevistas eu senti que tinha um compromisso com essa escuta e neste dia, após desligar o gravador, perguntei para Arona se lembrar destas coisas ruins, falar do trajeto para o Brasil, o incomodava. Queria saber se ele sentia algum mal estar por lembrar disto. Ele respondeu que não, que isso era passado, e completou: “Maria, o único sofrimento que eu tenho é a saudade”.

Lembrei das conversas com Omar, em que ele dizia que sua cabeça não estava boa, que precisava voltar ao Senegal. Um dia após perder todas as suas mercadorias em uma apreensão da Guarda Municipal, o vi triste como nunca o tinha visto. Desde então ele só

²³ Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um polímata senegalês formado em Física, Filosofia, Química, Linguística, Economia, Sociologia, História, Egíptologia, Antropologia, versado em diversas disciplinas como o racionalismo, a dialética, técnicas científicas modernas, arqueologia pré-histórica... Enfim, um homem que estudou as origens da raça humana e a cultura africana pré-colonial. É considerado um dos maiores historiadores africanos do século XX. Foram estes conhecimentos que Diop utilizou para dar base à tese que iria defender mais tarde, que fala do Egito antigo como uma civilização composta por pessoas negras.

falava em voltar para o Senegal. E ele voltou. Casou-se. Passou uns meses e voltou ao Brasil. Sozinho.

Estudar, pesquisar, se importar com a saúde mental dos migrantes é urgente. Em 2019, na região de Passo Fundo, um senegalês trabalhador informal suicidou-se. A reportagem da Gazeta 670 (2019) afirma que ele “teria comentado com amigos sobre a saudade da família no Senegal e que iria tirar a própria vida”.

A dúvida em voltar ao Brasil para trabalhar, mas estar longe da sua família, da sua casa, paira sobre a cabeça de Arona neste momento. Ele está agora no Senegal, mas precisa voltar ao Brasil para trabalhar. Arona vive entre o desejo de permanecer nos braços de sua esposa e ter o compromisso de voltar para o trabalho, que fica em outro país.

Nas sociedades onde estes migrantes estão inseridos, o amor e a saudade da família, são fatores pouco observados pelos pesquisadores, mas geralmente destacados por eles nas conversas diariamente. O tema já foi denunciado pela ASPA há alguns anos. Em audiência pública no ano de 2019, Mor, presidente da ASPA na época, afirmou: “quantos imigrantes nós, como Associação de Senegaleses, levamos de volta para o Senegal por depressão, por suicídio e por assassinatos?!” (CMPA, 2019, p. 12).

Na continuidade desta citação onde ele explica os motivos, sua fala consta como “inaudível”, mas independente dos motivos que Mor citou neste dia e que não constam na ata, sua fala é uma denúncia. Quantas pessoas realmente escutaram a denúncia de Mor?

Penso que o silenciamento dos inúmeros casos de suicídio, depressão e assassinatos nos estudos migratórios é consequência da forma como os migrantes são percebidos pela sociedade, pelas instituições públicas e também pelos pesquisadores. A verdade é que tenho a impressão de que a sociedade naturaliza a morte de migrantes, sobretudo, migrantes negros.

7.2 Encruzilhadas - Caminhos Possíveis

A encruzilhada é onde os caminhos se cruzam. A encruzilhada é o ponto zero. O espaço onde o lugar é o próprio corpo. É necessário escolher para onde ir. É necessário decidir quem se quer ser. Encruzilhadas são os dilemas que os migrantes vivem em Porto Alegre. Por consequência, é na encruzilhada que se aprende.

7.2.1 Trabalho (in)formal - Os vendedores das ruas

Quando iniciei o projeto no NEAB, a pergunta central da pesquisa era “por que tantos senegaleses atuam no comércio informal?”. Hoje, mais “madura” nas minhas reflexões, ainda

sigo sem respostas para essa pergunta. O trabalho informal tem um vínculo direto com a cultura, a educação, a religiosidade, o racismo, a xenofobia e a migração.

Cheikh Amadou Bamba, marabuto da confraria mouride, falava aos seus seguidores sobre a importância da independência dos senegaleses frente a aristocracia francesa. Essa filosofia perdura até hoje e é contada pelos seus seguidores. Não se inserir no mercado formal de trabalho para os mourides era uma estratégia de resistência colonial. Oriana Diaz faz destaque a essa perspectiva dos mourides:

A ideologia do trabalho murid ativa lógicas bem distintas da concepção ocidental do termo, ultrapassando a visão estreitamente materialista. Na visão murid, quando se fala de trabalho (*ligguey*), são tomadas em consideração três dimensões a do trabalho individual para si e para a própria família, o trabalho espiritual para Deus e o trabalho como serviço (*khidma*) prestado à comunidade (SOW, 1998). Estes três níveis não podem ser separados. O trabalho individual (fonte de renda) é indispensável para poder ter a autonomia financeira, que é a base da liberdade (DIAZ, 2018, p. 117).

A relação do trabalho com a religiosidade são reforçada por outros autores, como Leitão (2007, p. 25 apud CÁ, 2019, 31)

“o mouridismo, virado inicialmente para os jalofof, preconiza que o trabalho manual é tão importante para o discípulo (*talibé*) como a oração, e esses ensinamentos são transmitidos nas *daaras* (escolas | Em muitos países do continente africano a noção de chefe ou líder significa simplesmente o indivíduo delegado, ou seja, o representante do povo. 32 corânicas)”. Ressalta-se que a noção do culto ao trabalho e à honra continuam sendo valores fundamentais para a construção socioeconômica da nação senegalesa na atualidade.

Na trajetória de Arona e de muitos senegaleses está a ida ainda jovem para trabalhar em um estabelecimento de algum parente. Ou seja, o comércio das ruas tem um vínculo cultural, religioso e familiar na vida dos senegaleses desde cedo.

Aqui no Brasil, Arona relata um pouco da sua trajetória profissional e afirma que “é necessário ter confiança”. Após ter passado por algumas experiências ruins, ter trabalhado como vendedor na rua e hoje trabalhando em uma loja de variedades de migrantes árabes, Arona considera que lá eles confiam nele e que ele se sente bem.

7.2.2 Vivências na cidade

Nas grandes cidades onde se concentram senegaleses geralmente se tem Associação de Senegaleses. Essa forma de organização é necessária e cultural. As Associações lutam por direitos na cidade e geralmente possuem presença em comitês e demais organizações que lutam por uma migração digna. Além disso, as associações organizam eventos que promovem a integração na cidade.

Na cidade de Porto Alegre, além da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre, existe o Dahira, organização religiosa de senegaleses muçulmanos. O Dahira se reúne na mesquita que fica no centro da cidade, onde transitam muçulmanos de diversas partes do mundo.

Entre as diversas formas de organizar-se na cidade, as Associações possuem um papel de interação cultural importante. Em todas elas os senegaleses fazem esforços para de alguma forma conservar a cultura e a religião como se no Senegal estivessem, além de apresentar aos brasileiros que pouco sabem sobre o país.

Os eventos organizados pelos senegaleses geralmente atraem muitas pessoas. Tanto senegaleses como convidados. Entre os senegaleses é um momento de rever pessoas que a tempos não viam. Muitos trabalham e residem em bairros distantes. Em dias de festas é dia de se reencontrar. Perguntar da família, brincar entre os amigos, fazer piadas bobas. Homens e mulheres usam suas melhores roupas em dias de eventos religiosos e é nítida a alegria quando se reencontram, entre sorrisos, abraços, homens de mãos dadas e muitos registros em fotos e vídeos, os eventos unem a comunidade senegalesa.

Na maior festa da diáspora senegalesa no mundo, o Grande Magal Touba, que tive a oportunidade de experienciar tanto no Brasil quanto no México, os senegaleses relembram a trajetória de Cheikh Ahmadou Bamba, sua luta e resistência contra a colonização francesa e seu legado. Em Porto Alegre, os senegaleses convidam, para comer com eles, dezenas de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Durante a pandemia, os senegaleses distribuíram cestas básicas neste dia. Nos anos que antecederam a pandemia, os senegaleses se reuniam no centro da cidade e faziam uma caminhada. Com cantos, faixas, fotos e roupas tradicionais impecáveis, os senegaleses caminhavam por ruas centrais da cidade.

Os senegaleses ocupam a cidade de diversas formas, aos finais de semana se pode ver alguns passeando. Há alguns anos, eles pouco ocupavam espaços públicos além do seu trabalho. Hoje, demonstram domínio da cultura e dos espaços. Isso é ilustrado pelas gírias porto-alegrenses que agora usam, pela rotina que agora inclui uma passada na orla do Gasômetro no domingo e mesmo através da música. O grupo Tropa do Senegal, que canta *funk* e *rap*, foi construído há uns três anos por senegaleses em Porto Alegre. A Tropa, que mistura português, francês, inglês e *wolof* nas letras de algumas músicas, cita espaços que somente um porto-alegrense “raiz” conheceria.

Além dos eventos promovidos pelos próprios senegaleses, organizações da sociedade civil frequentemente realizam eventos que promovem a integração de imigrantes e refugiados.

Festivais de dança, copas de futebol e desfiles já aconteceram em Porto Alegre e contaram com a participação dos senegaleses.

Figura 34 – Time dos Senegaleses de Porto Alegre na Copa dos Refugiados.



Fonte: Serigne Bamba Touré (2017).

Figura 35 – Senegaleses em Porto Alegre comemorando a vitória do Senegal no segundo jogo da Copa do Mundo.



Fonte: acervo da autora (2018).

Figura 36 – Senegaleses fazendo uma demonstração da Luta *Lamb* no “Festival de Arte e Cultura Senegalesa”



Fonte: acervo da autora (2018).

Figura 37 – Ritual para dar sorte aos lutadores da Luta *Lamb* no Festival de Cultura Senegalesa de Porto Alegre



Fonte: Serigne Bamba Touré (2018).

Figura 38 – Senegaleses em caminhada no centro de Porto Alegre no Magal Touba.



Fonte: Serigne Bamba Touré (2017).

Figura 39 – Senegaleses no Magal Touba.



Fonte: Josemar Afrovulto (2018).

Figura 40 – Senegaleses no Magal Touba.



Fonte: acervo pessoal (2020).

Figura 41 – Senegaleses no Magal Touba.

Fonte: acervo pessoal (2021).

7.2.3 Relações à distância

Reginete Bispo, a consulesa honorária do Senegal em Porto Alegre, costumava dizer em nossas tardes de trabalho no consulado “se quer saber se um migrante é senegalês ou não basta olhar para as suas mãos, se tiver com celular na mão é senegalês”. Nós ríamos sempre. Ela se referia ao fato de que os senegaleses passam o tempo todo no celular. Geralmente falando com esposa, filhos, familiares, grupos religiosos, etc. Os senegaleses estão aqui presencialmente, mas espiritualmente estão no Senegal e onde estiverem seus familiares. É só caminhar pelo centro da cidade e atestar: quando estão sozinhos estão com celulares nas mãos e fones de ouvido ligados. Quando estão em grupo, também. É comum conversar com eles e eles sequer tirarem o fone para conversar. Estão realmente em dois lugares ao mesmo tempo. Nas entrevistas com Arona, era engraçada a forma como de repente ele mudava o tom de voz, sua voz ficava mais doce e eu logo percebia que ele já não estava mais falando comigo, estava falando com sua esposa. Eu não deixei o ocorrido passar e comentei sobre sua voz mudar completamente quando falava com ela. Ele disse: “A gente tem que fazer de tudo pra relação ficar boa, né. Tem que ser carinhoso”.

A constância das relações a distância já foi observada por outros autores “Nesse horizonte relacional ‘transfronteiriço’, vínculos continuam persistindo bem, como intimidade e afetividade a distância, facilitadas pelas novas tecnologias de comunicação” (TEDESCO, GRZYBOVSKI, 2011, p. 351).

Conforme mencionado no item 7.1.1.1 muitos senegaleses encontraram no casamento à distância o caminho para minimizar os impactos da solidão do processo migratório. Com uma nova companheira, as dificuldades passam a ser compartilhadas diariamente.

Um dia Hadija me mostrou um grupo de WhatsApp com familiares no mundo todo. Neste dia o grupo com quase 200 pessoas debatia a educação de uma jovem. Inicialmente os pais e mais velhos falavam o que pensavam, depois os demais familiares presentes no grupo davam sua opinião. A forma como as decisões são tomadas em conjunto, com pessoas fora do país de origem participando ativamente na decisão sobre a educação, é algo admirável, de muito respeito e organização.

As relações diárias a distância aproximam os senegaleses de suas famílias e reforçam a impressão de que eles estão em diáspora e em casa ao mesmo tempo.

7.2.4 As novas pequenas caravanas de senegaleses

As caravanas migrantes saindo da América Latina rumo ao México ganharam força e visibilidade em 2018. A maior caravana, em outubro de 2018, saiu de Honduras e foi somando migrantes ao decorrer do caminho. “Em 13 de outubro de 2018, um grupo de migrantes originários de Honduras, que logo foi chamado pelos meios de comunicação de ‘caravana migrante’, partiu com o objetivo de cruzar juntos a América Central e México para chegar aos Estados Unidos” (CANTALAPIEDRA, NAVA, 2021, s/p. Tradução nossa). Outras caravanas passaram a surgir e somar e “a divulgação destas caravanas por redes sociais, na internet - Facebook e WhatsApp - os meios de comunicação em massa - especialmente a televisão - e as conversas cotidianas, ajudaram para que o crescente número de pessoas fossem se somando a ela, em sua maioria pessoas vindas de países do norte da América Central (CANTALAPIEDRA, NAVA, 2021, s/p. Tradução nossa). Com a grande visibilidade e força os migrantes conseguiram entrar no México e seguiram rumo aos Estados Unidos. Algumas que foram surgindo depois, principalmente em 2019, caravanas tentaram atravessar a fronteira sul do México, em Tapachula. Milhares de migrantes africanos e haitianos estavam na fronteira tentando chegar ao México para seguir para os Estados Unidos, mas nem todos conseguiam entrar. No período em que estive no México, acompanhei notícias de mortes de migrantes africanos que, ao não conseguirem avançar nas caravanas, optavam por rotas ainda mais perigosas, pelo mar²⁴.

Em janeiro de 2020, com a troca do presidente dos Estados Unidos, a expectativa de flexibilização das fronteiras era grande e já antes do primeiro dia de mandato muitos migrantes partiram rumo a fronteira, para esperar a posse e talvez, sua entrada no México. Um

²⁴ Mueren dos migrantes de Camerún en Chiapas tras naufragio. Disponível em: <https://www.elsoldemexico.com.mx/republica/sociedad/embarcacion-migrantes-camerun-muertos-ahogados-chiapas-4304070.html> Acesso em Nov 2021.

dos supostos promotores da caravana disse brevemente a repórteres na terça-feira que eles têm “esperança” de chegar aos Estados Unidos quando Biden esteja ocupando a Casa Branca” (EL ECONOMISTA, 2021, tradução nossa).

O visto humanitário temporário foi criado na época das primeiras caravanas no México. Também chamado de salvo-conduto, o visto humanitário de vinte dias, permite ao portador o trânsito livre pelo México. Vinte dias seria o tempo para sair da fronteira sul e se deslocar até a fronteira norte. Com este visto em mãos, caso sejam barrados pela Guarda Nacional no caminho, os migrantes não podem ser deportados.

Por pressão do governo dos Estados Unidos, o México foi suspendendo os vistos humanitários temporários para alguns países. Por sorte, alguns países africanos ainda conseguem, outros, infelizmente, não, como relatei no capítulo 6.

O Senegal não tem embaixada no México e os senegaleses que lá chegam, parecem estar com sorte e conseguem entrar e transitar até os Estados Unidos. Não sei se eles conseguem através do salvo-conduto ou de forma irregular, mas o fato é que, muitos têm conseguido, com pouco tempo de espera, entrar nos Estados Unidos. Isso explica também eu não ter encontrado nenhum senegalês quando estive na fronteira norte. A passagem por lá é bastante rápida, e poucas semanas aguardando, eles conseguem liberação para entrar.

Os senegaleses em Porto Alegre contam que um primeiro senegalês foi em janeiro de 2021, na troca de presidência, arriscar a entrada nos Estados Unidos. Ao obter sucesso na travessia as notícias correram e muitos outros decidiram partir. Atualmente, os senegaleses que partem não vão sozinhos. Em alguns dias pré definidos, eles combinam a nova partida. Geralmente em um sábado, partem de Porto Alegre em pequenas caravanas rumo aos Estados Unidos. Eles argumentam que o Real está muito desvalorizado e que hoje enviando um tanto em reais para o Senegal, esse valor corresponde a mais ou menos um terço do que era anos atrás, quando chegaram aqui.

Na última festa religiosa que estive, setembro de 2021, era visível a redução na quantidade de senegaleses na cidade. O evento que em outros anos recebeu mais de mil migrantes senegaleses, em 2021 contou com apenas 360 senegaleses segundo o atual presidente da ASPA, Serigne Bamba Touré. Perguntei a algumas pessoas que estavam na festa e as respostas eram unânimes: “O Brasil é ruim pra nós agora”. Mas eles também lembraram que nem todos estavam indo embora para os Estados Unidos, muitos senegaleses haviam voltado para sua casa no Senegal, talvez, temporariamente.

Se por um lado muitos senegaleses obtêm sucesso ao completar o trajeto rumo aos Estados Unidos, muitos outros não. Em meados deste ano, 2021, surgiram muitas notícias de

senegaleses que saíram do Brasil rumo aos Estados Unidos e desapareceram ou faleceram. A fronteira tem atravessado e dividido famílias ao meio, deixando-as em pedaços. Em junho soube de uma moça senegalesa que faleceu no caminho. Junto de seu marido e grávida, ela buscava uma vida melhor.

Importante dizer que não acredito que a expressão “sonho americano” serve para os senegaleses. Os senegaleses que partem rumo aos Estados Unidos vão porque se vêm sem opções. Vão porque suas famílias no Senegal dependem do envio de dinheiro deles. Eles vão porque lá o dinheiro “vale mais”.

No ano de 2019 Mor palestrou no TEDx e sua fala já previa o que estaria por acontecer nos próximos anos com a migração senegalesa. Ele afirmou: “A imigração senegalesa pra cá [para o Brasil], não é para sempre. Em um tempo vai passar logo. Daqui uns anos não vão mais ouvir falar da imigração senegalesa aqui. Inclusive a maioria dos senegaleses não estão aqui para sempre, eles pretendem um dia voltar [para o Senegal] ou mudar de país”.

A migração senegalesa se difere de outros tipos de mobilidades justamente por isso. O não desejo de viver permanentemente no Brasil. A migração senegalesa é para o trabalho. Isso me remete a outra fala de Mor: “Minha casa é no Senegal. Eu tenho pra onde ir, e vocês?”. Essa frase que mencionei no capítulo 6 quando contei minha conversa com Mor sobre racismo, agora traz também seu outro sentido: os senegaleses não vêm para o Brasil para viver até a velhice.

Ao chegar no Senegal, Arona demonstrou incerteza sobre seu retorno ao Brasil, disse que gostaria de ficar no Senegal, mas que precisa trabalhar. Disse que pretende permanecer mais um ano no Brasil, juntar dinheiro e voltar ao Senegal, desta vez para ficar.

Neste capítulo abordei as encruzilhadas da vida dos *Modou Modou* na diáspora. As estratégias encontradas para manter suas vidas. Seja através das organizações, do trabalho (in)formal, das festas, com as relações à distância ou a decisão por uma nova partida. Os senegaleses colocam seus corpos para o desconhecido constantemente. Reitero a afirmação que fiz no capítulo 6. A encruzilhada é o ponto 0, é onde se escolhe quem se quer ser. É o ponto de decisão, é onde está o corpo.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um dos textos que uso para dialogar neste trabalho, Achille Mbembe discorre acerca da “ideia de um mundo sem fronteiras”. Atualmente, imaginar um mundo sem fronteiras é utópico, mas a utopia é o motor daqueles que desejam mudar o mundo, como diz o próprio autor. Para desenhar esse mundo é necessário desmascarar e romper com as fronteiras. Tentei ilustrar algumas delas aqui. A questão jurídica, ainda reitera o desenho de um projeto de nação imaginado em 1951, na convenção de Genebra, em um contexto de pós-guerra. As pessoas hoje se movem por outros motivos, mas isso ainda não parece ser suficiente para mudar a legislação. A legislação internacional resiste, mas aos poucos as legislações locais vão se adaptando. A Nova Lei da Migração surgiu no Brasil em 2017 na necessidade de extinguir vestígios de projetos políticos de outros tempos. O Estatuto dos Refugiados, onde os migrantes eram tema de segurança nacional no Brasil, não existe mais. Além disso, a Portaria Interministerial nº 10 de 2019 representa o resultado da luta diária dos senegaleses que têm como instrumento de luta o próprio corpo.

Junto às mudanças jurídicas são necessárias mudanças na subjetividade das pessoas. Só assim será possível minimizar, a pequenos passos, a fronteira do racismo e da xenofobia que têm raízes profundas no Brasil. Além disso, é através de muito estudo, principalmente realizado por estudiosos senegaleses e africanos, que vai ser possível aprofundar os impactos culturais e da educação colonial na vida dos senegaleses.

Se existe fronteira, existe também aquilo que há além da fronteira, aquilo que acontece quando se ultrapassa a fronteira, existe a encruzilhada. Lugar esse que chamo também de dilemas dos senegaleses em diáspora, os caminhos possíveis. O que fazer para sobreviver? Como trabalhar? Onde trabalhar? Como manter a religiosidade, a cultura, o contato com a família? Será necessário partir outra vez? Estas situações abordei neste trabalho de forma ligeira. Meu objetivo não era aprofundar isoladamente estes fatores, mas sim expor alguns fatos, de forma a pôr na mesa para debate, para que outros estudiosos também reflitam e aprofundem seus estudos.

Por alguns momentos durante a escrita, eu me vi em algumas encruzilhadas. O que escrever? Por que escrever? Será que este capítulo é necessário? Será que se eu escrever algo que pareça negativo, alguns leitores não vão tirar de contexto e “criminalizar os migrantes”? Será que vão entender minha metodologia e minhas escrevivências? Será que registro que estive em uma boate noturna ou que me senti assediada em algumas situações? Será que vão me questionar sobre a forte presença de camaroneses neste trabalho sobre os senegaleses?

Destas tantas perguntas respondo apenas a última delas. A trajetória dos camaroneses foi muito importante para ilustrar a trajetória até a fronteira e mesmo as experiências por lá. Além disso, algumas situações, sobretudo a trajetória na Selva Darién estavam quase engasgadas, eu precisava compartilhar.

A mobilidade para os senegaleses têm motivação diferente de outros países africanos e difere mais ainda, das mobilidades ocidentais. Nem todos os senegaleses que apresentei aqui são senegaleses *Modou Modou*, espero não ter deixado dúvida sobre isso, mas os *Modou Modou* são senegaleses, geralmente com baixa instrução escolar, que saem do Senegal em busca de oportunidade de trabalho. Não é o caso de Diana, Mamour ou Gana. Os senegaleses *Modou Modou* sofrem com a falta de perspectiva de trabalho no seu país. Ao mesmo tempo em que, precisam decidir na juventude o que fazer. Algumas famílias dão as opções: trabalhar ou estudar. Dessa forma, a maioria das famílias apoia aquilo que o jovem decide.

“O que querem os *Modou Modou*?” Me faço essa pergunta há anos observando a diáspora *Modou Modou*. Concluo afirmando que eles querem poder trabalhar. E caso não encontrem trabalho, querem poder viajar outra vez. E caso lhes falte trabalho novamente, viajar novamente. Os *Modou Modou* querem mobilidade. Mobilidade para sair e encontrar trabalho onde houver e voltar para ver a família sempre que possível. Mas em um mundo com tantas fronteiras, sobretudo para os africanos, esse desejo é dificultado. Seria uma utopia dos *Modou Modou* querer “o mundo”? Se for, eles têm lutado bravamente por essa utopia, e aos poucos, mudado as fronteiras. Colocando o único instrumento que têm em luta, o próprio corpo.

Estas situações são bastante distintas para as mulheres. Existem países onde as mulheres migram sozinhas ou acompanhadas de crianças, isso raramente acontece com as migrantes senegalesas. As *Fatou Fatou*, são poucas no Brasil, talvez por algumas questões culturais, financeiras ou fronteiras jurídicas citadas neste trabalho. Talvez por outros motivos. De qualquer forma, acredito que este campo de estudo necessita de mais atenção.

Por vezes me perguntei como iria apresentar este texto para a Escola de Administração. Um texto que trata sobre as possibilidades e impossibilidades de produzir e reproduzir o trabalho e a vida, que tem muito de Administração. Mas que por algum motivo me faz pensar que este tema não é interessante para a Escola. Na verdade, o problema não está na Escola de Administração, mas talvez no campo de Estudos Organizacionais que têm poucas produções sobre isso.

Não foi a toa que busquei para a banca examinadora deste trabalho dois professores negros, migrantes e estudiosos da migração, que, ainda que estejam alocados no campo da

Antropologia, estão mais próximos de mim que outros professores dos Estudos Organizacionais.

A verdade é que sinto que escrever este trabalho na Administração foi uma caminhada solitária. Solitária, porém, prazerosa. Foi um grande prazer receber meu amigo Arona em minha casa, e ouvir ele falar sobre sua trajetória. Comemorei junto com ele a felicidade em finalmente estar em casa nos braços de sua esposa. Igualmente, foi um prazer compartilhar um pouco das minhas escrevivências. Chorei quando ouvi situações difíceis. Chorei ao lembrar e escrever essas situações. Chorei novamente quando li e choro sempre que releio este trabalho. Houveram situações que não consegui escrever aqui. Gravações de voz que realizei e que ainda não consigo escutar. Mas o mais importante para este trabalho está registrado aqui. Além disso, tenho certeza que minha trajetória está recém começando.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Publicações**. 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/publicacoes/>. Acesso em 01 Nov 2021
- AGUIAR, Victor Rafael Laurenciano. MEDEIROS, Cláudio Melquiades. **Entrevistas na pesquisa social: O relato de um grupo de foco nas licenciaturas**. 2009. IX Congresso Nacional de Educação. 2009, p. 10710 – 10818.
- AZEVEDO, Renan Giménez. 2018. **A expressão da esperança na diáspora senegalesa em Caxias do Sul, RS**. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília/DF. Disponível em: [http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539379784_ARQUIVO_AexpressaodaesperancanadiasporasenegalesaemCaxiasdoSul\[31RBA\].pdf](http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539379784_ARQUIVO_AexpressaodaesperancanadiasporasenegalesaemCaxiasdoSul[31RBA].pdf). Acesso em: Nov 2021
- BARROS, Vanessa Andrade de; LOPES, Fernanda Tarabal. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, Eloisio Moulin de (org.). **Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Dados eletrônicos - Vitória: EDUFES, 2014, p. 41 - 64.
- BASSO, P. **Racismo de Estado e antirracismo de classe**. Margem Esquerda, [S.l.], v. 24, p. 57-71, 2015
- BAZZO, Gabriela. **Maioria dos pedidos de refúgio negados pelo Brasil é motivada por razões econômicas**. G1, 3 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/maioria-dos-pedidos-de-refugio-negados-pelo-brasil-e-motivada-por-razoes-economicas.ghtml>. Acesso em: 01 Nov 2021
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>. Acesso em: 01 Nov 2021
- _____. Ministério da Justiça e Segurança Pública; Ministério das Relações Exteriores. **Portaria Interministerial nº 10/2019**. Dispõe sobre a concessão e os procedimentos de autorização de residência aos nacionais da República do Senegal, que tenham processo de reconhecimento da condição de refugiado em trâmite no Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública/Gabinete do Ministro. Brasília: Diário Oficial da União (DOU), 6 de dez. 2019, Seção 1, p. 103. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-interministerial-n-10-de-5-de-dezembro-de-2019-231852423>. Acesso em: 01 Nov 2021
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. 2019. **Migração no Município de Porto Alegre**. 004ª AUDIÊNCIA PÚBLICA 17JUN2019. Disponível em https://www.camarapoa.rs.gov.br/draco/audiencias_publicas/132/1561385562.pdf. Acesso em 01 Nov 2021
- CÁ, Vanito Ianium Vieira. **A situação juslaboral dos imigrantes senegaleses em Porto Alegre**. 2019. 118f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social) - Programa de Pós Graduação em Política Social e Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

CONARE. **COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS**. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em 01 Nov 2021

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Publicações**. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/documents-publications/publications/>. Acesso em: 01 Nov 2021

CORTINA, Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia**. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 2017. 200 p.

DIALLO, Alfa Oumar. **A migração senegalesa para o Brasil**. 2011. Revista Entre Lugar. V. 12, n.23, 2021

DIALLO, Mamadou Alfa. **A construção do Estado no Senegal e integração na África Ocidental: os problemas da Gâmbia, de Casamance e da integração regional**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política/UFRGS. 2011

DIAZ, Oriana Concha. **Islã, migração e tecnologias digitais: reflexões sobre a Muridiyya transnacional a partir de Caxias do Sul (RS)**. 2018.

DEZAN, Maria Dalva de Souza. **Impactos da imigração japonesa sobre a diversidade cultural na organização do espaço geográfico piracicabano - SP**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95659>>. Acesso em: 01 Nov 2021

DUSSEL, Enrique. **20 Teses de Política**. 1a ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

EL PAÍS. 2018. **União Europeia propõe a criação de centros de imigrantes fora das fronteiras do bloco**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/19/internacional/1529419898_385706.html. Acesso em 01 Nov 2021

HENLEY E PARTNERS. **Global Passport Ranking**. 2021. Disponível em: <https://www.henleyglobal.com/passport-index/ranking>. Acesso em: 01 de Nov de 2021

GONÇALVES, Maria do Carmo. 2020. 304f. **“Levados como areia”: estudo antropológico sobre a diáspora mouride no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

GUILHERME, Ana Júlia. 2017. 110f. **Imigrantes haitianos e senegaleses no Brasil: trajetórias e estratégias de trabalho na Cidade de Porto Alegre - RS**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

JORNALISTA GAZETA. **Senegalês de Passo Fundo que estava desaparecido é encontrado morto em barragem de Vacaria**. GAZETA 670. Carazinho, 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://gazeta670.com.br/noticia?id=30621>>. Acesso em: 01 de Nov 2021

JOSEPH, Handeson, CEJA, Iréri. **Xenofobia, racismo y aporofobia**. Migración | Iréri Ceja, Soledad Álvarez Velasco, Ulla D. Berg... [et al.]- 1a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LATOUCHE, Serge. **A África pode contribuir para resolver a crise do ocidente?**. Espaço Plural. 2013, XIV(28), 175-197 [data de Consulta 01 de Novembro de 2021]. ISSN: 1518-4196. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944241009>

LEITÃO, M. L. P. G.; REIS, M. **O Senegal nas rotas Lusíadas: contributo para o estudo da presença da língua portuguesa na África Ocidental a partir do século XV**. 200 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Porto, Centro de Estudos Africanos, Porto, Portugal, 2007.

LOBO, Andréa de Souza. **Famílias espalhadas: circulação e movimento na configuração de maternidades e paternidades em Cabo Verde**. In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: 23 a 26 de agosto de 2010.

MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública**, v. 39, n. 4, p. 823-847, 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=241021497001>>. Acesso em: 6 mai. 2021.

MBEMBE, Achille. **A ideia de um mundo sem fronteiras**. Instituto Moreira Salles, 2018. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>. Acesso em: 01 Nov 2021

MOCELLIN, M. C. **Senegaleses na região central do Rio Grande do Sul: deslocamentos, trabalho, redes familiares e religiosas**. In: HERÉDIA, V. (Org.). Migrações internacionais: o caso de senegaleses no Sul do Brasil. Caxias do Sul: Quatrilho, 2015. p. 115-134.

MÓNICO et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, V. 3. 724-733, 2017.

NDIAYE. Mor. 2019. **Somos todos migrantes**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JNzjYAHzmNU>. Acesso em: 01 Nov 2021

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 12 (2), São João del Rei, Ed. 1037, p. 466-484, 2017.

OBMIGRA. **Observatório das migrações internacionais**. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/>. Acesso em: 01 Nov 2021

OLIVEIRA, Ivanilde Apoliceno. DIAS, Alder Sousa. **Ética da Libertação de Enrique Dussel: caminho de superação do irracionalismo moderno e da exclusão social**. Conjectura, Caxias do Sul, v. 17, n. 3, p. 90-106, set./dez. 2012

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Glossário sobre migração**. n. 22. Genebra, 2009. Disponível em: <<https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>>. Acesso em:01 de Nov 2021

PINHEIRO, Vania Aguiar. 2017. **Imigração, identidade e trabalho: o caso dos senegaleses em Erechim**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, 2017.

SILVA, Aline Pacheco *et al.* “**Conte-me sua história**”: reflexões sobre o método de História de Vida. Mosaico: estudos em psicologia, Vol. 1. p. 25-35, 2007.

TEDESCO, J. C.; GRZYBOVSKI, D. **Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional**. REP - Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 18, n. 2, p. 336-355, 2011.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNPD). **Relatório de desenvolvimento humano**: além da renda, além das médias, além do hoje: desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. 2019. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/2019-report/download>>. Acesso em:01 de Nov 2021

Vergara, Sylvia. (2005). **Método de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas

WABGOU, Maguemati. **África en movimiento**: migraciones africanas y sus diásporas. Studio Africana, 2011.

ZUBRZYCKI, Bernarda. **La migración de los senegaleses “Modou-Modou” en Argentina**. Universidad Nacional de Córdoba, Centro de Estudios Avanzados. *Contra/relatos desde el Sur*, n. 13, p. 4-12, jul. 2016. Disponível em: <<https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/55759?show=full>>. Acesso em:01 de Nov 2021